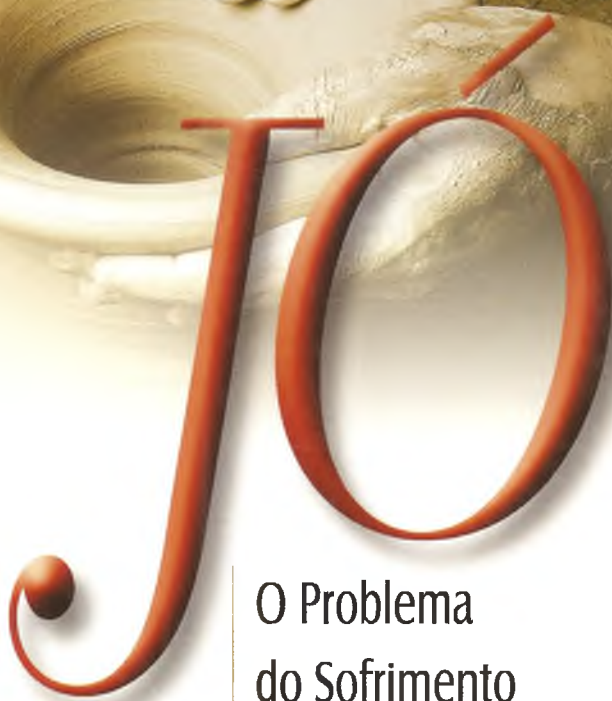




SÉRIE
*Comentário
Bíblico*



O Problema
do Sofrimento
do Justo e o seu
Propósito

CLAUDIONOR DE ANDRADE

SÉRIE
Comentário
Bíblico

CLAUDIONOR DE ANDRADE

Jó

O Problema do Sofrimento
do Justo e o seu
Propósito





REIS BOOK'S DIGITAL

SÉRIE
Comentário
Bíblico

CLAUDIONOR DE ANDRADE

Jó

O Problema do Sofrimento
do Justo e o seu
Propósito



Todos os direitos reservados. Copyright © 2003 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Revisão: Patrícia Oliveira

Capa: Flamir Ambrósio

Projeto gráfico e editoração: Eduardo Souza

Foto: Solmar Garcia

CDD: 223 - Livros Poéticos do Antigo Testamento

ISBN: 85.263.0492-5

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995 da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3ª Edição 2006

Dedicatória

Ao Pastor Gilberto Gonçalves Malafaia.

Homem íntegro e temente a Deus, tem se entregado sem reservas ao serviço do Mestre. Honra-me servi-lo como pastor-auxiliar.

O pastor Malafaia é um grande condutor de almas.

Prefácio

Em 1930, o escritor alemão Ludwig Wittgenstein fez um desabafo em suas *Observações Filosóficas*, que retrata de maneira bastante preocupante, o estado espiritual em que se acham algumas comunidades acadêmicas evangélicas: “Eu diria: ‘Este livro foi escrito para a glória de Deus’, se hoje em dia essas palavras não parecessem tolas, isto é, se não fossem mal-interpretadas. Elas significam simplesmente que o livro foi escrito com a melhor das intenções e que, se não tiver sido escrito com boa vontade, mas por vaidade ou por outro motivo qualquer, seu autor gostaria de vê-lo condenado. Não está em seu poder purificá-lo das escórias, na medida em que ele próprio está longe de ser puro”.

Comentando a mágoa do filósofo, denuncia o teólogo evangélico Gerhard Ebeling: “Hoje não é permitido sequer declarar que se fala e se escreve para a glória de Deus”. Como é possível a um especialista em assuntos divinos mostrar-se tão ingrato e tão desumano?

Não são poucos os teólogos que, embora estudem a Deus, não se deixam escrutinar por sua Palavra.

Mergulham nos originais, porém não passam de esmaecidas cópias daquilo que exige o Senhor de cada um de seus filhos. Hermeneutas, não logram interpretar nem a própria decadência. E apesar de lerem os profetas e apóstolos, fazem-se moucos às suas advertências.

Se na prática, desconhecem a Deus, como haverão de lhe dedicar as obras?

Que jamais venhamos a desconhecer a Deus! Se lemos e estudamos; se nos entregamos às pesquisas; se nos pomos a escrever, é por que Ele o permite. Se resolvesse Deus quitar-nos a vida neste momento, como nos haveríamos? Basta um acidente vascular para que percamos tudo quanto vimos acumulando ao longo de décadas de pesquisas, meditações e releituras de uma realidade já exaustivamente discernida pela Palavra de Deus.

Humildemente, pois, dedico esta obra para glória e honra do Todo-Poderoso. Sem Ele não poderia haver chegado ao fim deste livro, porque muitos foram os percalços. Tratar de um assunto como o sofrimento dos justos não é uma tarefa de somenos importância; requer dedicação especial, demanda pesquisas em diversas áreas do conhecimento bíblico e reivindica uma disposição mental que está sempre a desafiar-nos.

Se não contássemos com a ajuda divina, jamais teríamos concluído semelhante tarefa. E se caminhamos mais esta milha foi porque Deus esteve à nossa frente. Que o seu santo e poderoso nome seja eternamente glorificado! Aleluia! Neste momento, faço minhas as palavras de Ezequiel: “Bendita seja a glória do SENHOR, desde o seu lugar” (Ez 3.12).

A Deus toda a glória!

Pr. Claudionor de Andrade

Sumário

Dedicatória	v
Prefácio	vii
Introdução	I
1. O mais Belo Poema de todos os Tempos	13
2. Observaste Tu a Jó?	29
3. Felicidade Medrosa	41
4. A Teologia da Acusação	55
5. As Sete Calamidades de Jó	71
6. Adorando a Deus na Provação	91
7. O Lugar do Diabo na Provação de Jó	101
8. Ainda Reténs a tua Integridade?	111
9. Jó Amaldiçoa o Dia do seu Nascimento	123
10. A Teologia de Elifaz	133
11. A Teologia de Bildade	145
12. A Teologia de Zofar	157
13. A Teologia de Eliú	165
14. A Teologia de Deus	173
15. A Restauração de Jó	185
16. Das Crises Nascem os Santos	199
Bibliografia	203

Introdução

A Teologia do Sofrimento

Agarrada à sua Bíblia, descia ela lentamente as escadarias da igreja. Amparava-a uma irmã que, desfazendo-se em cuidados e atenções, agia como se estivesse ali o mais belo dos seres, e como se tudo ao redor recendera ao mais suave dos perfumes. A cancerosa enquadrava-se perfeitamente neste enunciado de Schiller: “As grandes almas sofrem em silêncio”. Houvera eu lhe perguntado por que uma pessoa tão piedosa e tão santa tinha de sofrer tanto, talvez nem me soubesse responder.

Apesar de não ter a resposta, consolava-se na pergunta.

Confesso jamais ter visto alguém tão disforme e tão arruinado. Metade do rosto já lhe havia sido tomado pelo câncer. O olho esquerdo desaparecera sob a metástase que lhe ia, agora, carcomendo implacavelmente as narinas. Em nada evocava a imagem e a semelhança divinas que, no sexto dia do Gênesis, imprimira o Criador em Adão. Aquela

mulher, que ainda não tinha cinqüenta anos, parecia mais um monstro do que um ser humano.

Sob aquela deformidade, porém, havia algo belo e singularmente célico: uma paz tão inexplicável; uma quietude tão solícita e resignada; e uma paciência tão alta e de tal forma sublime, que só é possível encontrar nos grandes santos de Deus.

Aquele quadro levou-me a refletir acerca do sofrimento do justo e o seu propósito. Trata-se de um tema aparentemente difícil em decorrência de suas implicações teológicas e filosóficas. Através das experiências de Jó, entretanto, haveremos de constatar que o crente fiel, até mesmo no cadinho da provação, reúne forças para regozijar-se em Deus.

Se você está passando pelo crisol divino, não se desespere. Desta crise, sairá um ouro mais refinado e precioso. Deus sabe como trabalhar as aflições de seus filhos. Por meio destas, vai Ele nos apurando, enquanto, de maneira inexplicável, demonstra-nos todo o seu amor. Sim, o amoroso Pai quer cinzelar cada um dos nossos sentimentos para adequar-nos aos seus planos e propósitos.

Acompanhe, passo a passo, as angústias, provações e regozijos do homem que foi testado além da resistência meramente humana. Que o crente fiel terá provações e lutas nesta vida não o podemos negar; é fato declarado e constatado nas Escrituras.

Crente sem cruz não é discípulo de Jesus.

I. O Sofrimento Humano segundo a Bíblia

Os escritores sagrados denunciam o sofrimento como a inevitável consequência do pecado original. Ressalta o teólogo americano A. R. Crabtree: “O pecado sempre acarreta o

reconhecimento da culpa e a justiça da punição do pecador. A culpa significa que o pecado cometido merece censura e punição”.

Se Adão e Eva buscavam a onisciência (que só a Deus pertence), perderam por completo a inocência, vendo-se, a partir daí, obrigados a conviver com uma consciência culpada, que jamais deixou de acusá-los devido a sua desmesurada soberba. Além de arcarem com todo o peso de seu pecado, deixaram aos seus descendentes uma herança que se multiplicaria em lamentos inconsoláveis. Como escapar a esse legado? Certa vez um historiador assim resumiu a vida do ser humano: “Nasceram, sofreram, morreram”. Em apenas três palavras, todo o sumário de nossa existência. Somente Cristo pode arrancar-nos a este sofrimento!

I. O sofrimento no Antigo Testamento. Nas escrituras hebraicas, *āwen* é uma das palavras mais usadas para descrever o sofrimento em suas diversas manifestações: tristeza, vazio, mal. A palavra é utilizada também para qualificar outras coisas tidas como extensão do sofrimento humano: idolatria e iniquidade.

Um dos usos mais emblemáticos do vocábulo *āwen* acha-se em Gênesis 35.18, onde Moisés narra a morte de Raquel: “E aconteceu que, saindo-se-lhe a alma (porque morreu), chamou o seu nome Benoni; mas seu pai o chamou Benjamim”. Tamanho lhe foi o sofrimento e tão singular, a dor, que, antes de exalar o derradeiro suspiro, Raquel chamou a criança de *Benoni*. Jacó, porém, perturbado com a etimologia daquele nome, mudou-lhe poética e sensivelmente a semântica. Em vez de *filho do meu sofrimento*, *filho da minha mão direita*.

Em Deuteronômio 26.14, o vocábulo *āwen* é inserido num cântico fúnebre: “Disso não comi na minha tristeza e disso nada

tirei para imundícia, nem disso dei para algum morto; obedeci à voz do SENHOR, meu Deus; conforme tudo o que me ordenaste, tenho feito”. O vocábulo “tristeza”, nesta passagem, não é meramente um desconforto psicológico. Aqui, o dizimista hebreu agradece ao Senhor pela oportunidade de santificar-lhe o nome com as suas primícias. E declara que, mesmo no maior de seus apertos, não se utilizara daquilo que lhe pertencia. Se por um lado, o texto sagrado destaca um dos mais elevados graus de sofrimento: a perda de um ente querido; por outro, ressalta que, mesmo nessas ocasiões, o crente fiel é instigado a agradar ao Todo-Poderoso com os prelúdios de suas rendas.

Direta, ou indiretamente, foram os teólogos instigados a abordar o sofrimento do justo, a partir do Livro de Jó. Além deste, temos o Salmo 73, no qual o levita Asafé questiona a Deus diante da prosperidade do ímpio e da aparente infelicidade do justo. Já no Salmo 37, o tema é tratado de forma a mostrar que a prosperidade dos malvados é apenas aparente.

2. O sofrimento no Novo Testamento. No Novo Testamento, esta é a palavra grega que designa o sofrimento: *pathema*. Na Versão Corrigida de Almeida, é traduzida por “aflição”. Utiliza-a Paulo na Segunda Epístola a Timóteo: “Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, caridade, paciência, perseguições e aflições tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou” (2 Tm 3.11). Dos relatos que o apóstolo faz de suas tribulações e angústias, principalmente no capítulo II da Segunda Epístola aos Coríntios, não há como negar a força e a significância do vocábulo *pathema*.

A palavra é encontrada também em Hebreus 10.32 e em Primeira Pedro 4.13. No primeiro texto, o autor sagrado exorta aos seus leitores a se lembrarem dos dias passados, nos quais experimentaram grandes e intensas aflições, inclusive o espólio de seus bens. E, no segundo, o apóstolo Pedro instiga o povo de Deus a alegrar-se no fato de sermos participantes dos sofrimentos de nosso Senhor Jesus Cristo.

Indiscutivelmente, o maior exemplo de sofrimento, não somente das Sagradas Escrituras, mas de toda a história, foi o do Filho de Deus.

II. O Sofrimento segundo a Teologia

O sofrimento é um assunto de tal forma importante, que alguns teólogos houveram por bem destinar-lhe um lugar de realce em suas abordagens. Haja vista Kazo Kitamori, professor do Seminário Teológico de Tóquio. Como fruto de suas reflexões, acabou por concluir que o sofrimento não é exclusividade dos seres humanos: Deus, através de Cristo, também veio a experimentá-lo. De acordo com Kitamori, o sofrimento de Deus é o cerne do Evangelho. Deus sofre e angustia-se por causa de seu povo; por isso, tudo faz por conceder-nos a redenção mediante o sangue de seu Filho.

E. H. Bancroft sumaria o posicionamento da teologia em relação ao problema do sofrimento: “Em última análise, Satanás é a fonte primária de todo sofrimento, visto que é ele a causa primária de todo pecado. Ele também é o responsável imediato de muitos casos específicos de enfermidades e doenças, a respeito dos quais o Novo Testamento nos fornece exemplos”.

A. R. Crabtree assim discorre sobre o tema: “A existência do mal no mundo é o problema mais sério para todas as pessoas

que crêem em Deus. As experiências com Deus, apesar das experiências do mal, constituíram a base da fé religiosa do povo de Israel e da sua certeza da existência e da bondade do Senhor. Para o ateu que não crê na existência de Deus, o sofrimento e a crueldade não têm propósito nem significação. Mas, com o crescimento da fé religiosa, este problema geralmente se torna mais agudo”. Prossegue Crabtree: “É tão antigo como a raça humana. Toma muitas formas na perturbação do homem, e tem lugar central nas mitologias, nos sistemas filosóficos, nas teologias e nas ideologias modernas. No Velho Testamento o problema do mal é representado por vários pontos de vista através da longa história de Israel, sempre relacionado com a doutrina do pecado”.

Escreve H. Orton Wiley: “Toda a forma de pecado tem a sua própria pena. Há pecados contra a lei, contra a luz e contra o amor – cada um deles tem a sua pena especial”. Até este ponto, todos nos encontramos de acordo. No entanto, como explicar que um homem, semelhante a Jó, viesse a ser atormentado por tão duras aflições? Wiley afirma que basta ser posteridade de Adão para se estar sujeito a todas as consequências do pecado.

O teólogo pentecostal Bruce R. Marino é incisivo: “A penalidade, ou castigo, é o resultado justo do pecado, infligido por uma autoridade aos pecadores e fundamentado na culpa destes. O castigo natural refere-se ao mal natural (indiretamente da parte de Deus) incorrido por atos pecaminosos (como a doença venérea provocada pelos pecados sexuais e a deterioração física e mental provada pelo abuso de substâncias tóxicas). O castigo positivo é infligido sobrenatural e diretamente por Deus. O pecador é fulminado”.

De uma forma geral, os teólogos cristãos e judeus acham-se de pleno acordo a respeito da etiologia e dos propósitos do sofrimento humano. É claro que, deste grupo, excluem-se os liberais que, buscando desconstruir a Palavra de Deus, esforçam-se por construir uma teologia vazia de Deus, e divorciada das Sagradas Escrituras.

III. O Sofrimento segundo a Filosofia

No terreno da filosofia, não encontraremos unanimidade quanto à origem e ao propósito do sofrimento; é um problema que o saber especulativo ainda não logrou resolver. Em cada cabeça, uma opinião; em cada época, uma tendência que, por mais inovadora, sempre acaba por recair num entediante mesmismo.

Se por um lado Aristóteles via o sofrimento como útil ao ser humano: “Quando o suportamos, não por insensibilidade, senão por grandeza de alma, o sofrimento é sublime”; por outro, os adeptos do existencialismo consideram-no uma afronta à dignidade do homem. Os epicureus e os estóicos também se encontravam em posições antagônicas.

Como chegar a um consenso nesta arena? O único consenso, como veremos a seguir, é que nenhum consenso existe quando os homens, desprezando a revelação divina, apegam-se aos seus discursos vãos e contaminados pela velha mentira que Satanás, um dia, contou a Eva.

I. O sofrimento segundo o epicurismo. Nascido em Atenas em 346 a.C., Epicuro foi iniciado na filosofia por Nausífanos de Teo. Em 306, fundou uma escola que passou a funcionar nos jardins de sua quinta, e para onde afluíam muitos aristocratas, a fim de ouvir-lhe a filosofia tida como a alternativa mais prática para se resolver os grandes dilemas da vida.

Segundo Epicuro, o prazer é o único bem. Todavia, se o prazer tiver como consequência alguma dor, deve imediatamente ser renegado. Se o prazer é o bem, a dor é o mal. Logo, deve o homem evitar a este, e agarrar-se àquele.

Por conseguinte, o prazer epicurista não deve ser visto como necessariamente hedonista. Umberto Padovani sintetiza quão dúbio é o posicionamento epicureu em relação ao sofrimento: “É mister dominar o prazer, e não se deixar por ele dominar; ter a faculdade de gozar e não a necessidade de gozar. A filosofia toda está nesta função prática. Este prazer mediato deveria ficar sempre essencialmente sensível, mesmo quando Epicuro fala de prazeres espirituais, para os quais não há lugar no seu sistema, e ainda mais seriam que complicações de prazeres sensíveis”.

Há de se ressaltar, ainda, que o prazer, para o epicurismo, deve ser considerado do ponto de vista negativo. Se o sofrimento não existe, existe o prazer.

Epicuro muito lutou por entender a problemática do sofrimento: “Ou Deus deseja remover o mal deste mundo, mas não consegue fazê-lo, ou ele pode fazê-lo, mas não o quer; ou não tem nem a capacidade e nem a vontade de fazê-lo; ou, finalmente, ele tem tanto a capacidade como a vontade de fazê-lo. Ora, se ele tem a vontade, mas não a capacidade de fazê-lo, então isso mostra fraqueza, o que é contrário à natureza de Deus. Se ele tem a capacidade, mas não a vontade de fazê-lo, então Deus é mau, e isso não é menos contrário à sua natureza. Se ele não tem nem a capacidade e nem a vontade de fazê-lo, então Deus é ao mesmo tempo impotente e mau e, conseqüentemente, não pode ser Deus. Mas se ele tem tanto a

capacidade como a vontade de remover o mal do mundo (a única posição coerente com a natureza de Deus), de onde procede o mal (unde malum?), e por que Deus não o impede?”

Com o passar dos tempos, a filosofia de Epicuro foi de tal modo pervertida, que veio a ser sinônimo de permissividade. Se a sua preocupação era o sofrimento, acabou por acrescentar sofrimento ao sofrimento humano por não haver recusado energicamente o pecado.

2. O sofrimento segundo o estoicismo. Esta doutrina tem no curioso Zenão de Citium o seu mais importante proponente. Nascido em 334 a.C., recebeu de seu pai, certa vez, uns tratados acerca de Sócrates, que o levaram a tomar uma firme resolução: dedicar-se integralmente à filosofia. Aos vinte anos, já em Atenas, passa a freqüentar diversas escolas filosóficas até que, em 300 a.C., estabelece a sua própria agremiação. Como gostasse de ensinar no pórtico desta — *stoá* em grego — sua escola viria a ser chamada de estóica.

Quanto ao sofrimento, tinha Zenão um posicionamento não muito distanciado de Epicuro. Ensinava ser a virtude o fim supremo do homem, ao passo que o vício é o mal supremo. Logo, a paixão é essencialmente má: conduz ao vício que, por seu turno, traz o sofrimento. O ideal estóico é o aniquilamento da paixão; aniquilando-se esta, aniquila-se de vez o sofrimento humano. Como, porém, aniquilar a paixão? Alguns estóicos tornaram-se tão extremados, que chegaram a defender o suicídio como forma de se escapar de vez às paixões. Em sua origem, contudo, o Estoicismo não apregoava necessariamente o suicídio; ensinava a indiferença diante da dor.

Zenão realçava o valor da sabedoria e da virtude como os únicos bens verdadeiros.

3. O sofrimento segundo o existencialismo. O existencialismo teve início com o teólogo dinamarquês Søren Kierkegaard. Nascido em 1813, teve ele uma infância triste e desolada. Tony Lane escreve sobre alguns lances dessa vida trágica e mergulhada em profundas decepções: “Após um longo período de estudo formou-se em teologia em 1840, mas nunca prosseguiu para a ordenação. Ficou noivo, mas rompeu o compromisso e nunca se casou, e dedicou-se a uma vida de pensamento e de escrever até sua morte prematura em 1855. Os escritos de Kierkegaard resultaram de sua vida trágica e solitária”.

Os que lhe estudaram os escritos, muitos dos quais publicados postumamente, vieram a descobrir em Kierkegaard não propriamente um teólogo, mas o pai de uma filosofia que sempre recusou-se a assimilar as mais elementares proposições do Cristianismo.

Como definir o existencialismo? Foi a pergunta que Maritain fez acerca de uma filosofia que, rigorosamente falando, não pode ser classificada como tal. O pensador francês, como não achasse a resposta, conclui: “E como a resposta depende de uma definição, todos se preocupam antes de mais nada com a definição pelo menos descritiva do existencialismo, para examinar-lhe os termos, o sentido e a extensão”.

Genericamente, define-se o existencialismo como a doutrina que, supervalorizando a existência humana, descarta por completo a essência desta. O alvo dos que a seguem é o aqui e agora, e jamais o além e a eternidade. Houve alguns pensadores que buscaram interpretar o existencialismo de acordo com a ótica cristã, e o Cristianismo de conformidade com o prisma existencialista. Entre ambos, contudo, há um abismo intransponível.

Fernand van Steenberghen, professor da Universidade de Lovaina, comenta o persistente pessimismo da doutrina existencialista: “Ajudado pela psicologia, pela fenomenologia e pela sociologia, o existencialismo descreve com brutal realismo o sofrimento humano sob todas as formas de que se reveste, mas mais ainda debruçando-se sobre instintos egoístas, por vezes ferozes, que inspiram a conduta dos homens; esses instintos são origem de inúmeros males, resultando da dureza existente nas relações entre os humanos. A conclusão final destas análises é a de que a vida humana é absurda, o mundo desprovido de sentido, e o homem encontra o fim no supremo absurdo que é a morte”.

Que filosofia é esta? Se o seu objeto é a existência, como pode devotar-lhe tanto amargor? Em sua *Crítica da Religião e da Filosofia*, Walter Kaufmann questiona inflamadamente a doutrina que teve em Jean Paul Sartre o seu mais expressivo representante: “O existencialismo não é uma filosofia, mas um rótulo para diversas revoltas contra a filosofia tradicional: os assim chamados existencialistas têm em comum a preocupação com o medo, a morte, o desespero e o destemor, assim como a convicção de que a filosofia de língua inglesa não merece o nome de filosofia, e, finalmente, uma aversão cordial entre si”.

4. A preocupação da filosofia. Embora não conte com a revelação divina, conforme a encontramos nas Sagradas Escrituras, a filosofia não ignora ter sobrevivido o mal sobre a humanidade em conseqüência de algo terrível cometido contra Deus. Todo este sofrimento, porém, é revertido quando o homem recebe a Cristo Jesus como o seu Salvador pessoal. Somente Ele pode anular os efeitos do pecado sobre a nossa

vida. E esta possibilidade, infelizmente, a filosofia nem sempre reconhece, pois, desprezando a revelação divina, apegando-se doentamente a uma razão viciada e cega.

Conclusão

Para o crente o mal não é propriamente um problema; é uma solução; conduz-nos a experimentar todo o bem que o Pai celeste reservou-nos em seu amado Filho. Albert Roehrich exorta-nos a usufruir proveitos espirituais até do mais atroz sofrimento: “É principalmente no sofrimento incompreensível e aparentemente injusto que se nos oferece oportunidade de prestar a Deus a homenagem mais tocante e menos indigna dele – a de um fiel e confiante amor”.

Agora não me é difícil compreender por que aquela mulher cancerosa servia a Deus de um modo tão voluntário e amoroso. Era-lhe o sofrimento uma possibilidade de dizer-lhe que o amava não pelo que Ele lhe dera, mas pelo que Ele representava em sua vida.

Louvado seja Deus!

Capítulo I

O mais Belo Poema de todos os Tempos

Introdução

Certa vez, um grupo de literatos reuniu-se em Londres para discutir o Livro de Jó. Dentre as perguntas por eles suscitadas, esta certamente ficou sem resposta: “Quem era aquele Shakespeare da antiguidade que, num único poema, logrou fazer a mais profunda e sublime abordagem teológica, filosófica e psicológica acerca do sofrimento humano?” Apesar de não haverem identificado o autor de Jó, viram-se todos constrangidos a concluir que, tal façanha, jamais fora sequer igualada. Aliás, Tennyson já teria afirmado que a obra em questão era o maior poema já produzido pelo gênio humano.

Infelizmente, a maioria daqueles homens era demasiado cética para inferir que o Livro de Jó não era apenas o maior poema já engenhado pelo homem. Além de humano, irresistivelmente divino. O Espírito Santo guiou o hagiógrafo até mesmo na escolha

das palavras, a fim de que, hoje, tivéssemos uma história real e celicamente poematizada.

I. Um Tema Difícil, porém Consolador

Transcendendo o drama humano, centra-se o Livro de Jó nesta pergunta: “Por que sofre o justo?” Que o pecador sofra, todos entendemos! Mas o justo? Aquele que tudo faz por agradecer a Deus? Sidlow Baxter, diante dessa incômoda temática, afirmou: “Atrás de todo o sofrimento do homem piedoso está um alto problema de Deus, e atrás de tudo isso está, subsequentemente, uma inefável e gloriosa experiência”. Se a princípio é indesejável a experiência do sofrimento, o seu propósito, de acordo com a vontade de Deus, é sempre sublime. Foi o que experimentou o salmista: “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos” (Sl 119.71).

William W. Orr resume assim o assunto central de Jó: “Satanás acusou Deus de não ser correto na sua maneira de tratar o homem. Para justificar-se, Deus permitiu que Satanás afligisse esse abastado homem do Oriente”.

Gleason L. Archer, Jr. faz uma interessante análise do tema de Jó: “Este livro trata com o problema teórico da dor na vida dos fiéis. Procura responder à pergunta: Por que os justos sofrem? Esta resposta chega de forma tríplice; 1) Deus merece nosso amor à parte das bênçãos que concede; 2) Deus pode permitir o sofrimento como meio de purificar e fortalecer a alma em piedade; 3) os pensamentos e os caminhos de Deus são movidos por considerações vastas demais para a mente fraca do homem compreender, já que o homem não pode ver os grandes assuntos da vida com a mesma visão ampla do

Onipotente. Mesmo assim, Deus realmente sabe o que é o melhor para sua própria glória e para nosso bem final. Esta resposta é dada em contraste aos conceitos limitados dos três consoladores de Jó: Elifaz, Bildade e Zofar”.

Escreve Henry Hampton Halley: “Ao lermos o livro de Jó do começo ao fim, devemos nos lembrar de que Jó nunca soube por que sofria – nem qual seria o desfecho. Os dois primeiros capítulos de Jó nos explicam por que isso aconteceu e deixam claro que a causa de seus sofrimentos não era algum castigo por pecados, mas, sim, a provação de sua fé – Deus tinha plena confiança de que Jó seria aprovado. Entretanto, embora nós, leitores do livro de Jó, saibamos desse desfecho, o próprio Jó nada sabia”.

Se Jó não sabia a razão de todo o seu sofrimento, aceitava-o de forma resignada. Todavia, entre o aceitar e o compreender vai todo um abismo de interrogações. Pela fé aceitamos; nem sempre, porém, compreendemos. Foi o que o Senhor disse a Pedro na cerimônia do lava-pés: “O que eu faço, não o sabes tu, agora, mas tu o saberás depois” (Jo 13.7). Enfim, Jó não compreendia por que estava sofrendo, mas Deus sabia por que ele teria de sofrer. Será que Jó tinha ciência da importância de seu sofrimento na história da salvação?

Depois de destacar o argumento do Livro de Jó, ressalta Warren W. Wiersbe que Deus usou o sofrimento do patriarca para derrotar o Diabo. Aduz o pastor Wiersbe que os servos de Deus, quais intrépidos soldados, acham-se em pleno campo de batalha. Às vezes, porém, o campo de batalha acha-se dentro de nós mesmos.

O enredo de Jó não se resume ao problema do sofrimento humano; sua temática é transcendente; busca saber por que

alguém como o patriarca é submetido a uma provação tão grande e inumana. Que este tópico seja encerrado com a declaração de Henrietta C. Mears: "Vem a calhar que o livro mais antigo trate dos problemas mais antigos. Entre eles: Por que o justo sofre? Este é o tema do livro".

II. Jó – Um Poema singularmente Anônimo

Conta-se que Virgílio, após haver concluído a Eneida, na qual narra a epopéia dos romanos, sentiu-se tão desolado que resolveu destruir os originais. Só não o fez, porque o imperador Augusto, um dos principais personagens do poema, interveio, impedindo viesse ele a perpetrar semelhante indelicadeza contra a literatura. Hoje, passados mais de dois mil anos, ainda nos deleitamos em reler as venturas de Enéias que, diante do infortúnio de sua amada Tróia, pôs-se em direção ao Ocidente. E aqui, em pleno Latium, funda a cidade que, séculos depois, viria a conquistar o mundo.

Se de Virgílio possuímos tantas informações, por que tão pouco sabemos a respeito do autor do Livro de Jó? Hipóteses e inferências é o que nos restam de um consumado artista da palavra. Adianta-se F. B. Meyer: "O autor é desconhecido. O livro é singular no cânon pelo fato de não ter nenhuma conexão com o povo de Israel nem com suas instituições. A explicação mais natural para isso é que seus eventos são anteriores à história de Israel". Vejamos algumas hipóteses quanto à autoria do Livro de Jó.

I. A hipótese da autoria mosaica. Algumas versões da Bíblia encimavam o Livro de Jó com uma informação, sugerindo fosse Moisés o seu provável autor. No entanto, que evi-

dências encontramos na referida obra que nos remetam ao grande legislador dos hebreus?

Segundo esta teoria, Moisés, durante o seu exílio de quarenta anos em Midiã, teria entrado em contato com diversos sábios gentios que, mantendo-se incólumes à idolatria que, pouco a pouco, ia destruindo o tecido moral e espiritual daquela região, ainda eram capazes de citar oralmente o longo poema de Jó. Mas como não dominassem a arte da escrita, a história corria o risco de vir a contaminar-se com elementos da cultura e da religião locais, até que se descaracterizasse por completo. Haja vista o ocorrido às narrativas do dilúvio entre os babilônios, chineses e ameríndios.

De acordo com esta hipótese, Deus inspira Moisés a registrar a história de Jó por escrito, a fim de integralmente preservá-la. Como fazê-lo? Indu-lo o Senhor a criar o alfabeto a partir dos ideogramas egípcios. Mais tarde, o alfabeto hebraico seria assimilado pelos fenícios que, em suas várias incursões, transmitem-no aos gregos, e estes aos romanos. Até que ponto esta teoria é confiável? Desconhecemos qualquer evidência, quer interna, quer externa, que a corrobore.

O abalizado erudito Jacques Bolduc, num trabalho publicado em 1637, sugere que a participação de Moisés, no Livro de Jó, limitou-se à tradução. Havendo-o ele encontrado no deserto de Midiã, em um arameu já bastante arcaico, pôs-se a traduzi-lo para o hebraico. E, assim, de forma providencial, inaugurou Jó o cânon do Antigo Testamento, antecedendo ao próprio Gênesis.

2. A hipótese da autoria de Jó. Embora vivesse o patriarca numa época bastante recuada, talvez há mais de cinco mil anos, não lhe era desconhecida nem a arte nem o ofício de escrever.

Num momento de lancinante dor, exclama: “Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem! Quem me dera que se gravassem num livro! E que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!” (Jó 19.23).

Não podemos inferir destas passagens fosse Jó um escritor. O que ele demanda é que, naquele momento, houvesse um escriba que, eficientemente, lhe registrasse toda aquela discussão, a fim de que suas razões viessem a público. Mais adiante, já esgotados seus argumentos, refere-se ele novamente ao ofício da escrita: “Ah! Quem me dera um que me ouvisse! Eis que o meu intento é que o Todo-Poderoso me responda e que o meu adversário escreva um livro” (Jó 31.35).

Seja-nos permitido concluir que, naquele recuadíssimo tempo, eram os discursos artisticamente gravados em lâminas de argila que, endurecidas ao sol, perenizavam as filosofias e máximas daqueles sábios. Outrossim, depreendemos que algumas declarações, em virtude de sua relevância teológica, filosófica e histórica, eram esculpidas com ponteiros de ferro nas rochas, para que todos pudessem lê-las. Naquelas tertúlias e serões, havia sempre um estenógrafo que, à semelhança dos jornalistas atuais, a tudo ia registrando.

Embora revelem tais passagens o modo como os antigos escreviam, não nos indicam elas fosse Jó um escriba, nem que haja ele composto o livro que lhe leva o nome.

3. A hipótese da autoria de Eliú. Há que se mencionar também a hipótese de ter sido Eliú o autor do Livro de Jó. Apesar de não o declarar o texto sagrado, temos neste jovem teólogo todos os elementos de um excelente escritor: amplo e correto conhecimento de Deus, singular cultura geral, expressão verbal incomum e inspirada paixão ao discursar. Levemos

em conta também sua concentração. Ouviu atentamente a todos os discursos, e depois, chegada a sua hora de falar, rebateu-os de maneira enérgica e mui consentânea.

Consideremos, ainda, haver sido Eliú o único personagem do Livro de Jó, de quem temos uma genealogia básica. Declina-lhe o texto sagrado o nome do pai e do avô: Eliú, filho de Baraquel, o buzita, da família de Rão (Jó 32.2). Simples coincidência? Ou quis o jovem escritor assinar a obra de maneira modestamente sutil e delicada?

Lembremo-nos de que há outros livros nas Sagradas Escrituras, nos quais a rubrica de seus autores aparece de forma bastante subreptícia. Haja vista os Atos dos Apóstolos. Aqui, só conseguimos identificar o médico amado através daquelas seções que passariam à história como “nós”. E os evangelhos? Em Mateus, temos a assinatura de Levi? Ou em Marcos a firma do primo de Barnabé? Ou em Lucas algum sinal daquele tão solícito companheiro de Paulo? Se Eliú não é o autor de Jó, sua biografia foi preservada de maneira altruística pelo escritor sagrado; e, caso tenha sido ele o estenógrafo que a tudo registrou, temos alguém que, corajosamente, compôs o livro, atestando-lhe a procedência divina.

De igual modo atentemos para o fato de ter sido Eliú o único a não sofrer qualquer reprimenda do Todo-Poderoso. Isto não significa, porém, que, como autor, haja ele buscado preservar a própria imagem. Mas, reunindo tantas qualidades espirituais e tantos predicados intelectuais e artísticos, seria o instrumento perfeito para lavar o diálogo que, até hoje, não foi superado por nenhum literato.

Não seria de todo descabido estabelecer um paralelo entre o Livro de Jó e os diálogos de Platão. Quem escreveu

aquelas longas discussões, onde Sócrates expunha toda a sua filosofia, esforçando-se por levar seus ouvintes a descobrir o real significado da verdade? Tradicionalmente, a autoria de tais diálogos é atribuída a Platão. Entretanto, quase não se nota a presença deste naquelas tertúlias. Não acontece o mesmo no Livro de Jó? Aliás, o gênero literário dos diálogos não nasceu com os gregos; tem a sua origem naqueles rincões orientais, onde os sábios reuniam-se para tentar resolver os problemas da vida.

Que evidências possuímos para corroborar a hipótese de ter sido Eliú o autor do Livro de Jó? Todavia, ajuda-nos ela a centrar nossa atenção naquele jovem que, se não foi o autor da obra, soube conduzir a questão de tal forma que o Senhor Deus, utilizando-se de seu discurso como introdução, arguiu ao patriarca o verdadeiro significado do sofrimento do justo.

4. Nenhuma dessas hipóteses? Há os que dizem ter sido o Livro de Jó escrito por Salomão. Pois somente o sábio rei de Israel teria condições de reunir tanto engenho e arte para compor semelhante poema. Outros alegam que a obra foi escrita no período interbíblico por um daqueles escritores que não faziam questão de se esconder no anonimato nem de usar o nome de algum personagem de primeira grandeza do passado.

Ora, como pôde o Senhor esconder, no anonimato, o maior dos poetas? Era também sua intenção submeter o escritor à prova da humildade? Deus tem razões que a razão humana desconhece. Um dia, porém, quando estivermos nos céus, viremos a conhecer o homem que, ao compor o maior de todos os poemas, foi por este ocultado. Além disso, diante do sofrimento de Jó, o que lhe era o exercício do anonimato?

III. A Data em que o Livro Foi Escrito

À semelhança da questão anterior, não podemos estabelecer a época precisa da composição do Livro de Jó. Começemos, pois, pelas mais improváveis.

1. Período interbíblico. Pela antigüidade do Livro de Jó, não acreditamos ter sido este um produto da chamada era interbíblica. Isto porque, o hebraico desse período já não tinha o mesmo grau de pureza e de esplendor que encontramos no referido livro. Além disso, Ezequiel, que profetizara por volta do Século VI a.C., menciona a obra que, infere-se, já era bastante conhecida em seu tempo (Ez 14.20).

2. Período de Salomão. Tendo em vista a qualidade do hebraico usado neste período, não são poucos os eruditos que defendem a hipótese de não somente ter sido Jó escrito nessa época, como a possibilidade de este ter a Salomão como autor.

Caso o Livro de Jó haja sido escrito no período de Salomão, sua data de composição pode ser situada entre o 10º e o 9º Século. Esta foi a época áurea da língua hebraica.

3. Período mosaico. Não vai longe o tempo em que havia quase que uma indiscutível unanimidade não somente quanto à autoria do Livro de Jó, como também respeitante à data de sua composição. Ora, sendo Moisés o seu autor, a obra foi composta por volta do Século XV antes de Cristo. Foi a época de formação da língua hebraica que, adotando o alfabeto, tornou-se um dos idiomas mais perfeitos de todos os tempos.

4. Período de Jó. Finalmente, se o Livro de Jó foi composto por Eliú, podemos situar a época de sua composição por volta do século XXV a.C. Nesse período, a escrita já era uma ciência bastante conhecida. Aceita esta hipótese, duas

conclusões podem ser tiradas: 1) Jó não foi escrito em hebraico, mas num idioma pertencente ao mesmo tronco lingüístico; 2) Na sua composição, o autor sagrado certamente não usou o sistema alfabético, e sim ideogramas emprestados ao Egito.

Encontrando a obra em Midiã, o exilado Moisés atualizou-a, traduzindo-a para o hebraico.

5. Conclusão. Excetuando a primeira hipótese, as outras poderiam ser acolhidas sem qualquer prejuízo à qualidade inspirativa da obra. Isto porque, encerrado o cânon hebraico com Malaquias, no Século V a.C., não mais se admitiu a inclusão de qualquer outro livro no Antigo Testamento como divinamente inspirado.

IV. A Origem Divina

Em sua *Imitação de Cristo*, Thomas à Kempis exorta-nos a que não nos cativemos apenas pelas belezas estilísticas das Sagradas Escrituras. Queria o piedoso monge que os seus irmãos em Cristo se detivessem, prioritariamente, na mensagem dos profetas e dos apóstolos. O que nos pede Kempis é uma tarefa quase impossível; não há como ignorar a sublimidade do Livro de Deus. Como não atentar, por exemplo, ao estilo célico de Jó?

Não obstante as excelências estilísticas do poema, atente-mos para o fato de que não estamos diante apenas de uma obra-prima da literatura universal, mas de um livro originado no coração do próprio Deus. Vejamos por que Jó é de procedência divina.

1. Jó é de origem divina por causa de seu singular enlevo espiritual. Sentimos ser o Livro de Jó de origem divina não

somente por causa de sua antigüidade, mas principalmente em virtude da edificação que proporciona aos seus leitores. Quem suportaria ler Homero, Hesíodo, Virgílio e Camões por mais de cinqüenta vezes com o mesmo embevecimento? No entanto, o Livro de Jó oferece-nos, a cada manhã, um singular enlevo espiritual.

Atentemos a afirmação de Carlyle: “Eu classifico esse livro... como uma das maiores obras já escritas com a pena. Dá a impressão de que não é hebreu — nele reina uma universalidade tão grandiosa, bem diferente de um ignóbil patriotismo ou sectarismo. Um livro nobre, o livro de todos os homens! É a nossa primeira e mais antiga declaração acerca do infindável problema — o destino do homem e os procedimentos de Deus com ele aqui nesta terra. E tudo é feito em síntese tão livre e tão fluente; é tão grandioso em sua sinceridade e simplicidade... Sublime tristeza, sublime reconciliação; a mais antiga melodia coral, como que entoada pelo coração da humanidade; tão suave e tão grande; como a meia-noite do verão, como o mundo com seus mares e estrelas! Não há nada escrito, penso eu, na Bíblia ou fora dela, de igual mérito literário”.

William W. Orr, que se destacou como teólogo de grande piedade, afirmou que o Livro de Jó instiga-nos a analisar os grandes temas da vida espiritual. Acrescenta Orr: “De todos os livros da Bíblia, contém a maior concentração de teologia natural, das obras de Deus na natureza”.

2. A canonicidade do Livro de Jó. A inserção de Jó no cânon sagrado jamais foi questionada. Não fora sua origem divina, ter-se-ia perdido facilmente como o foram muitas obras-primas da antigüidade. No entanto, o Senhor conduziu os acontecimentos de tal forma que, preservando-o, consola-nos hoje

através do drama de seu virtuosíssimo servo. Como agradecer a Deus por esta dádiva? Ah, Senhor, o que faríamos sem a tua Palavra? Onde estaríamos hoje sem a Bíblia Sagrada? Aleluia!

V. A Excelência Literária

Ressaltando a beleza literária de Jó, escreve Michael D. Guinan que este, além de haver sido escrito numa poesia mui elevada, está repleto de expressões ricas e variadas. Acrescente-se ainda, destaca Guinan, que nesta porção sagrada “há palavras raras e palavras encontradas uma única vez na Bíblia”. Alguns hermeneutas chegaram a sugerir que o autor do Livro de Jó viu-se obrigado a criar diversos vocábulos para expressar todo o drama vivido pelo patriarca. E não poucos estudiosos tiveram de recorrer a outras línguas semitas, como o aramaico, o árabe e o ugarítico, a fim de entender-lhe devidamente as expressões.

I. Gênero literário. Jó é um poema, cujo prólogo é desenvolvido numa prosa vívida e envolvente, e cujo epílogo é também composto em ritmo prosaico. Não falta poesia, contudo, nem ao prólogo nem ao epílogo. A obra toda segue o modelo semítico caracterizado por antíteses, paralelismos, metáforas e outras riquíssimas figuras de retórica. Foi por isso que Tenysson asseverou ser o Livro de Jó o maior poema já escrito.

Se nos detivermos apenas nas excelências literárias de Jó, poderemos vir a deixar de lado seus ensinamentos espirituais, teológicos e morais; o poema é, de fato, celestialmente único e divinamente inimitável. Apreciemos, pois, as belezas literárias de Jó; não nos esqueçamos, porém, do tema que tão sublimemente encerra: “Por que o justo tem de sofrer?” A pergunta não ficará sem resposta.

2. Poesia e história. Apesar de seu gênero literário, não podemos ignorar: Jó é um poema histórico, e nele nada foi hiperbolizado. O autor sagrado foi exato em sua descrição, fiel em seu registro e leal ao relato que testemunhara. Se houve mitos em Homero; se, fantasias em Virgílio; se, exageros e devaneios em Camões; se todos esses poetas, posto que poetas, distorceram a realidade para valorizar uma rima, para tornar perfeita uma métrica e para fazer sonhável uma realidade, o autor sagrado manteve-se escravo daquilo que presenciara; em sua servidão à prosa, contudo, não pôde evitar a mais perfeita poesia.

VI. A Estrutura do Livro

A estrutura de Jó segue um esquema lógico e literariamente perfeito. O livro foi escrito tendo em vista o seguinte esquema:

1. Prólogo. Composto numa prosa cristalina e vívida, sintetiza a existência de Jó antes de seu sofrimento, e as dúvidas que Satanás levantara diante do Senhor acerca de seu caráter.

2. Diálogo. Numa série de três diálogos, Jó discute com seus amigos acerca do tema principal da obra: o sofrimento do justo.

3. Monólogos. Dois são os monólogos do livro: o de Eliú que, com autoridade, repreende o patriarca, afirmando-lhe que Deus tem o inquestionável direito de provar os seus servos, a fim de que estes alcancem a perfeição. E, finalmente, o monólogo de Deus que, de forma indutiva, leva Jó a compreender e a aceitar as reivindicações divinas quanto à provação do justo.

4. **Epílogo.** Também composto em prosa, narra a restauração completa de Jó. Espiritual e materialmente torna-se o patriarca um homem muito melhor. Se antes era perfeito no caráter, agora torna-se um padrão a ser imitado por todos os servos de Deus.

VII. A Estatística do Livro

Em termos numéricos, podemos estabelecer a seguinte estatística de Jó:

É o 18º livro da Bíblia. Tem 42 capítulos, 1.070 versículos e mais de dez mil palavras. De seus versículos, 1.066 são históricos, um de profecia já cumprida e três de profecias por se cumprirem.

No livro, temos 329 perguntas, 13 mandamentos, nenhuma promessa explícita, quatro predições e dez mensagens de Deus.

Conclusão

Durante a Guerra Civil Americana, o presidente Abraham Lincoln foi submetido a uma prova tão difícil e de tal forma implacável que, a cada manhã, sentia-lhe irem minguando as reservas espirituais, morais e físicas. Enquanto os canhões recusavam-se a se calar; enquanto os exércitos envolviam-se numa matança fratricida; enquanto os soldados caíam nos campos de batalha numa guerra que poucos entendiam; e enquanto os generais estudavam novas estratégias, Lincoln encerrava-se em seus aposentos para derramar a alma diante do Todo-Poderoso.

Muitas foram as horas que o presidente passou em oração, rogando a Deus que todo aquele pesadelo logo acabasse. Dentre as passagens que Lincoln diariamente lia, encontrava-se o Livro de Jó. Nesta porção sagrada, o presidente ia observando o patriarca que, embora tenha vivido há mais de cinco mil anos, deixara-lhe um exemplo de paciência e desprendimento.

Por conseguinte, que ninguém veja o Livro de Jó apenas como o mais perfeito e elevado poema, mas como o lenitivo dos lenitivos. Jó é o próprio Deus respondendo-nos às mais angustiantes perguntas sobre o sofrimento do justo.

Capítulo 2

Observaste Tu a Jó?

Introdução

Oliveira Martins não conseguia entender por que alguns cronistas de seu país insinuavam ter a nação portuguesa uma origem mitológica. Ufanística, mas puerilmente, diziam-se eles descendentes de Luz, filho do deus Baco. Igual perplexidade é demonstrada por Alexandre Herculano. Tanto este historiador, como aquele, buscando resgatar a verdadeira gênese dos lusitanos, não temeram apresentar os heróis de sua nação exatamente como eram. E nem por isto o valor dos “barões assinalados” foi diminuído.

Acredito que tanto Martins quanto Herculano nenhuma dificuldade teriam em aceitar a historicidade de Jó. Pois o autor sagrado no-lo apresenta como um ser humano semelhante a nós, mas que aprouve a Deus santificar para ajudar-nos a compreender o valor e a didática do sofrimento.

Que diferença entre Jó e os personagens de Camões! Estes, embora homens, foram transformados em deuses;

aquele, ainda que na galeria dos campeões de Deus, nem como herói é apresentado. E apesar da eternidade que lhe ia na alma, era um mortal entre os mortais. E os lusíadas? Ainda que reais, não lograram deixar o terreno da ficção. Se historicamente existiram, mitologicamente foram exumados. Como, porém, inumar a Jó numa mitologia, se a própria história não o pode conter? A exemplo dos demais santos do Antigo e do Novo Testamento, este personagem não pertence ao passado; é um patrimônio de todas as eras.

I. A Singularidade de um Homem Comum

“Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó” (I.I). O autor sagrado faz questão de ressaltar que o protagonista deste drama era, apesar de toda a áurea que hoje o cerca, um homem comum. Por isto usa também um substantivo bastante comum para denotar quão humano era Jó: *’ysb*. Esta palavra hebraica não significa apenas varão; pode ser usada ainda com estes sentidos: vencedor, grande homem, marido, ou, simplesmente, pessoa.

Nesse único substantivo, é-nos possível fazer um admirável sumário da biografia de Jó. Em virtude de sua fé em Deus, foi-se destacando como um vencedor até ser reconhecido como o maior dos varões de sua geração. Isto significa que todo aquele que se entrega a Deus torna-se um herói por mais insignificante que seja aos olhos do mundo.

Jó não era uma figura lendária; era tão humano como o mais humano dos humanos. E se Deus lhe trabalhou a humanidade não foi para mitologizá-la; trabalhou-a para que, realçando-lhe as limitações, mostrasse que é justamente na fraqueza

que Ele nos aperfeiçoa o seu ilimitado poder. Somente a Bíblia é capaz de apresentar os seus heróis de maneira tão bela e completa. Num memorável discurso, declarou Charles Spurgeon: "A fé capacita-nos a regozijarmo-nos no Senhor de tal forma que nossas fraquezas tornam-se vitrines de sua graça".

Consideremos o significado de seu nome. Em hebraico, lembra a silhueta de alguém que, amorosa e incansavelmente, vai ao encontro de Deus. Naqueles dias por virem, se não corresse Jó aos braços do Senhor, certamente pereceria. Até no nome era ele dependente do Todo-Poderoso! Ao contrário dos personagens de Homero, que se bastavam a si mesmos, ele não conseguia arredar-se de ao pé de seu Deus.

II. O que Seria a Terra de Uz sem Jó

O que seria de Uz sem a história de Jó? Cairia no esquecimento como aqueles reinos que, famosos na antigüidade, não passam hoje de meros sítios arqueológicos. A terra de Uz, localizada a oeste do deserto da Arábia, ocupava uma área de grande importância estratégica. No auge do poder, seus domínios estenderam-se até chegar às fronteiras de Babilônia.

Suas extensas pastagens eram mui apreciadas pelos criadores de gado.

I. A vulnerabilidade de Uz. Pelo que inferimos do texto sagrado, Uz era um reino bastante vulnerável. Haja vista as incursões que sofria tanto do Oriente quanto do Ocidente. Deste, vinham os sabeus que, cobiçando seus grandes rebanhos, levavam-nos para Sabá que se achava, mui provavelmente, no território que, hoje, é ocupado pela Etiópia; e, daquele, chegavam os caldeus que eram tão rapaces quanto os sabeus.

Através de Uz transitavam importantes caravanas de mercadores. Certamente, era o território utilizado também pelos exércitos que buscavam firmar sua hegemonia em toda a região.

2. Terra dos edomitas. Séculos mais tarde, a terra de Uz seria ocupada pelos filhos de Esaú. Também conhecidos como edomitas, estes se refugiariam no Monte Seir, onde, acastelando-se naquelas fortalezas talhadas pela natureza nos alcantis, constituir-se-iam num reino orgulhoso e prepotente. Contra os filhos de Edom, o Senhor haveria de assestar suas armas até que viessem a desaparecer.

Ignoramos se o povo de Uz foi assimilado pelos edomistas, ou se transmigrou para outras regiões. Segundo Flávio Josefo, os uzitas teriam se dirigido para as bandas da Síria, onde fundaram a cidade de Damasco. De qualquer forma, Uz passou à História Sagrada como a terra onde se desenvolveu todo o drama de Jó.

III. Um Santo em toda a sua Geração

De uma feita afirmou Phillip Henry ser a santidade a simetria da alma. Como a santidade permeasse inconfundivelmente toda a vida de Jó, achava-se ele em plena harmonia com as demandas divinas. A consonância entre o patriarca e o seu Deus refletia-se em seu caráter “íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal” (Jó I.1).

Se levarmos em conta a sua riqueza; se lhe considerarmos a posição social; e se lhe pesarmos a influência política, concluiremos ter sido Jó um perfeito reflexo da santidade de Deus. Se o seu Senhor era santo, por que ele também não o seria? Não foi sem razão que E. G. Robinson declarou: “A santidade no homem é a imagem da santidade de Deus”.

No decorrer deste livro, ainda apreciaremos com mais vagar a integridade de Jó. Por enquanto, vejamos os predicados que fizeram do patriarca um dos três homens mais piedosos de todos os tempos (Ez 14.20).

I. Jó era um homem íntegro. A palavra “íntegro”, originária do vocábulo latino *íntegru*, significa inteiro, perfeito, exato, completo, imparcial e inatacável. A Vulgata Latina, contudo, preferiu usar o termo *simplex* para exemplificar esta virtude de Jó. Em certo sentido, este vocábulo é mais forte do que aquele; denota algo que, de tão perfeito e completo, não comporta qualquer análise.

A Septuaginta optou pelo vocábulo *alethinós* que, em grego, significa verdadeiro, sincero.

No original hebraico, “íntegro” é uma palavra representada pelo substantivo *tâm* que, entre outras coisas, significa completo, certo, são e puro. O vocábulo é encontrado apenas treze vezes no Antigo Testamento. Jacó também é assim descrito (Gn 25.27). Neste último caso, o vocábulo hebraico é usado para caracterizar um homem simples, pacato e calmo; a pessoa realmente íntegra é notabilizada por uma serenidade inexplicável; não se abala jamais. Thomas Watson tem a integridade como um perfeito sinônimo de simplicidade: “Quanto mais simples o diamante, mais ele brilha; quanto mais simples o coração, mais ele resplandece aos olhos de Deus”.

Quanta necessidade não temos de homens como Jó! Desgraçadamente, muitos são os crentes que já negociaram a sua integridade. Na igreja, santos; na sociedade, demônios. Justificando a sua iniquidade, alegam que a sua vida social nada tem a ver com a espiritual. Esta dicotomia, porém, é estranha à Palavra de Deus. O Senhor requer tenhamos uma postura irrepreensível tanto em público como em particular.

Jó não carecia de um marketing para cultivar-lhe a imagem, nem de um publicitário para cevar-lhe a postura, pois contava com o respaldo de Deus. Desfrutamos nós de igual conceito? Ou nossa integridade já é algo pretérito? Confúcio declarou ser a integridade a base de todas as virtudes; sem ela, nenhuma bondade é possível.

2. Jó era um homem reto. Devido ao relativismo moral de nossos dias, a retidão, que era um substantivo concreto, acabou por se acomodar à sua condição gramatical. Hoje não passa de algo abstrato e até utópico. Houve um tempo, todavia, que assim era definido um homem reto: imparcial, justo, direito. Era alguém que, moralmente, não apresentava qualquer curvatura ou desvio; em tudo, conformava-se com a justiça divina. Não tinha dois pesos, nem possuía duas medidas. Sua palavra era: sim, sim; e: não, não. Inexistia nele o que se chama de vazio de justiça: um sim que pode ser não; e um não que talvez seja sim.

A tradução latina das Escrituras diz que “Job erat rectus”. Nele não havia sinuosidade, nem casuísmo. Era um homem que, pondo-se a caminhar numa estrada, não se desviava nem para a direita nem para a esquerda; não fazia o jogo dos poderosos, nem comungava com as injustiças e os pecados da plebe.

Em português, a palavra hebraica traduzida para retidão é *yāshār*. Este vocábulo é usado para descrever um homem justo, reto e que, em todas as coisas, atende aos mais altos reclamos da justiça divina. Como alcançar semelhante padrão? Deseja o Senhor que todos os seus filhos sejam considerados perfeitos em retidão.

3. Jó era um homem temente a Deus. Richard Alleine assim descreve o homem piedoso: “Aquele que sabe o que é

ter prazer em Deus temerá a sua perda; aquele que viu sua face, terá medo de ver suas costas". Esta declaração é um perfeito resumo do relacionamento de Jó com o Todo-Poderoso. O patriarca temia a Deus não porque tivesse medo dEle; temia-o, porque nEle encontrava a verdadeira felicidade. Como poderia Jó viver longe do Senhor? À semelhança de Thomas Browne poderia ele afirmar: "Temo a Deus, contudo não tenho medo dEle".

A expressão hebraica que descreve o homem temente a Deus: *yará*, evoca um medo santo e respeitoso pelo Todo-Poderoso. Medo esse, aliás, que não tem a natureza do terror.

Através de seu temor a Deus, o patriarca Jó introduzira-se em todos os princípios da sabedoria (Pv 1.7). Daí a razão de ser ele contato entre os homens mais sábios e piedosos de todos os tempos. Mui acertadamente escreveu o teólogo americano A. W. Tozer: "Ninguém pode conhecer a verdadeira graça de Deus, se antes não conhecer o temor de Deus".

Alguns homens da Bíblia são singularmente destacados por seu temor a Deus. Haja vista Hananias, ajudante de Neemias na reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 7.2). O idoso Simeão, que tomou o menino Jesus nos braços, também é realçado como temente ao Todo-Poderoso (Lc 2.25). E o centurião Cornélio? (At 10.2). O peregrino Jacó evocava o Deus de seu pai como o Temor de Isaque (Gn 31.42).

Carecemos de homens, mulheres e crianças que temam a Deus. Ser cristão não é suficiente; exige Deus lhe sejamos tementes em todas as coisas. Que o nosso temor sobressaia principalmente entre os que ainda não receberam a Cristo!

4. Jó era um homem que se desviava do mal. Anselmo, que tantas contribuições trouxe ao pensamento evangélico, fez

uma afirmação, certa vez, que hoje seria considerada radical até mesmo por alguns crentes piedosos: “Se o inferno estivesse de um lado e o pecado do outro, eu preferiria saltar para o inferno a pecar deliberadamente contra o meu Deus”. Sabia ele perfeitamente que existe algo pior do que o inferno: o pecado.

O vocábulo hebreu utilizado para descrever o ato de se desviar do mal é *sar*: retirar-se, afastar-se de tudo quanto nos possa induzir à iniquidade, cuja força gravitacional é a tentação. Se fugirmos desta, não cairemos naquela. O processo que leva à queda é assim descrito por Tiago: “Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência” (Tg 1.14). Por conseguinte, é imprescindível que nos apartemos de tudo quanto é concupiscente. Esquivemo-nos, pois, do mal tão logo este se apresente. Em Gênesis, o pecado é apresentado como aquela serpente que se põe a espreitar os incautos: “Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti? E, se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e para ti será o seu desejo, e sobre ele dominarás” (Gn 4.7).

Na Septuaginta, o referido versículo de Jó é assim traduzido: “Afastando-se de todas as coisas más”. Os santos desviam-se do mal, pois sabem que o pecar contra Deus é pior do que o castigo eterno. Crisóstomo, o grande orador da igreja, é mui categórico e enérgico: “Prego e penso que é mais amargo pecar contra Cristo do que sofrer os tormentos do inferno”. Portanto, se não nos apartarmos do pecado, seremos destruídos. Diante do pecado não há segurança: “O sábio teme e desvia-se do mal, mas o tolo encoleriza-se e dá-se por seguro” (Pv 14.16).

IV. Um Santo que Vivia em Família

Conta-se que Bento de Núrsia, em sua busca pela santidade e pela consagração irrestrita ao Senhor, resolveu abandonar a

sua irmandade, a fim de se entregar mais intensamente aos exercícios espirituais. Já isolado e completamente só, veio a presumir ter alcançado o ideal ascético. No entanto, foi justamente aí, em pleno deserto, que começou a sofrer os maiores ataques do Diabo. Aparecia-lhe este com as sugestões mais irrecusáveis, com os apetites mais abertos e com os sonhos mais lúbricos. Atormentado, Bento resolve voltar ao convívio com o semelhante para não se tornar íntimo do demônio.

Jó não teve de isolar-se para tornar-se piedoso. Foi justamente como pai de família, homem de negócios e membro de uma sociedade politicamente organizada, que ele pontificou-se como o melhor ser humano de seu tempo. Ninguém precisa isolar-se para tornar-se santo; o santo nasce exatamente em meio às tentações.

Todos os heróis da fé destacaram-se como membros participativos da sociedade. O que dizer de Noé? Ou de Abraão, Isaque e Jacó? Ou dos profetas? Isaías e Ezequiel eram casados. E o exemplo do próprio Cristo? Ele não se afastou dos homens para redimi-los; Emanuel, resgatou-nos estando entre nós e fazendo-se como um de nós.

Enganam-se os que julgam ser a santidade o produto de uma vida solitária. Santidade é serviço; é dedicação integral ao Senhor Jesus; é desviar-se do mal e ter a aparência do Cordeiro de Deus.

V. Um Rico Pobre de Espírito

Maximiliano García Cordero, professor da Universidade de Salamanca, na Espanha, considera hiperbólico o inventário da riqueza de Jó. Acrescenta ele que, mesmo para os

dias de hoje, seria o patriarca considerado um poderoso sheik. Eis a súpula dos seus bens: “Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas; era também mui numeroso o pessoal ao seu serviço, de maneira que este homem era o maior de todos os do Oriente” (Jó 1.3).

Engana-se o professor Maximiliano. Na verdade, não era Jó um simples fazendeiro, nem um sheik qualquer. Se levarmos em conta a utilização de seus camelos no transporte de mercadorias tanto para o Oriente quanto para o Ocidente, e se considerarmos a utilização da lã de suas ovelhas na confecção de tapetes e roupas, concluiremos ter sido o patriarca um grande capitão de indústrias e um respeitável financista internacional.

Apesar de toda essas riquezas, Jó não se deixava dominar por elas, pois o seu maior bem era Deus; o Sumo Bem. Logo: não passava ele de um simples mordomo de quanto possuía. J. Caird alerta quanto aos perigos dos haveres materiais: “O que impede o homem de entrar no Reino de Deus não é o fato de possuir riquezas, mas o fato de as riquezas o possuírem”.

Jó era um homem rico de espírito pobre; nada presumia de si mesmo. Nas riquezas terrenas, via apenas pobreza. Mui acertadamente, afirmou Agostinho: “As riquezas terrenas acham-se repletas de pobreza”. Mais tarde, viria o patriarca confessar que, em momento algum de sua vida, confiara nas riquezas.

Conclusão

Assim era Jó! Um homem em todas as coisas perfeito, porque perfeito era o seu Deus. É chegado o momento de os

crentes sermos conhecidos não somente por nossas palavras, mas principalmente por nossas boas obras. Como destaca o apóstolo Tiago, de nada vale a nossa fé se estiver desprovida de obras; é através destas que demonstramos a nossa confiança no Todo-Poderoso.

Que o Senhor nos ajude a alcançar o mesmo padrão de excelência que fez de Jó um dos homens mais perfeitos e íntegros de toda a História Sagrada. Não é um ideal inatingível, porque o próprio Cristo nos exorta a persegui-lo: "Sede perfeitos como vosso Pai que está nos céus é perfeito!"

Capítulo 3

Felicidade Medrosa

Introdução

Se havia naquele tempo mais algum sinônimo de felicidade escondido, não poderia ser encontrado em nenhum léxico; haveria de ser achado no nome do patriarca. Não havia sinônimo mais forte para felicidade! A bem-aventurança não lhe cabia num dicionário; reclamava uma enciclopédia; do primeiro ao último verbete, completa. Mas não vá pensar fosse-lhe a fortuna um substantivo abstrato; fugindo às categorias gramaticais, era-lhe algo concreto; não podia ser decomposto numa simples análise sintática.

Os negócios iam-lhe bem: econômica e financeiramente, tornava-se ele cada vez mais próspero; a família, de bela que era, emoldurava qualquer paisagem naqueles páramos; socialmente, quem lhe podia sombrear a reputação?

No entanto, seria Jó realmente feliz?

Repassando as páginas de seu diário espiritual,

constatamos, ainda no prólogo, que vinha ele enfrentando dificuldades em diversas áreas de sua vida; dificuldades estas que, dia a dia, lhe iam minando as reservas morais e psicológicas. Se algo não fosse feito de imediato, aquelas crises acabariam por comprometer-lhe a comunhão com Deus.

Como resolver tais problemas?

Que ninguém se engane! Determinados conflitos somente poderão ser solucionados através de um tratamento radical e doloroso. Se por um lado, esta terapia põe-nos desconfortáveis; por outro, dá-nos a oportunidade de repensar nossas prioridades. Era justamente isto que tencionava Deus proporcionar a Jó.

Vejamos, a seguir, as crises que Jó vinha enfrentando sem que ninguém o soubesse.

I. Felicidade Medrosa

No auge de sua provação, viria Jó a confessar um temor que o vinha acuando de forma pertinaz e implacável; um temor que, insuspeitamente, cristalizara-se-lhe no coração: “Por que o que eu temia me veio, e o que receava me aconteceu?” (Jó 3.25).

Qual a gênese desse medo inconfesso?

Temia ficar sem os haveres? Receava perder os filhos? Amedrontava-o a idéia de que a esposa, acuada por alguma prova, acabasse por cair na incredulidade? Apavorava-o a possibilidade de ser esquecido pelos amigos? Afinal, qual a razão desse temor? Ser abandonado pelo Deus em quem depositara toda a confiança?

Acredito estar aí a origem desse medo. Sendo-lhe Deus o maior bem, como poderia viver sem Ele? Se, por um lado, esse

temor era legítimo e até louvável; por outro, era injustificável. Conhecendo Jó a história dos antigos, sabia que nenhum santo jamais fora esquecido pelo Todo-Poderoso. Provados, sim; desprezados, nunca. Submetidos ao mais ardente cadinho, sim; deixados ao acaso, em tempo algum. Deus é fiel!

Jó atormentado pelo medo? E o Senhor Jesus? Não era o Deus encarnado? Então, por que se angustiou no Getsêmani, e no Getsêmani veio a experimentar uma sensação que ia além do medo? No momento mais doloroso de sua paixão, roga ao Pai que afaste de si o cálice da agonia. Entretanto, foi através de sua angústia que o Salvador ensinou-nos a vencer o medo. Sören Kierkegaard assevera existir apenas uma maneira de se vencer o medo: “Através da fé, confiando na amorosa providência de Deus; e o temor da culpa só pode ser vencido pela certeza da redenção”.

I. O temor que atormenta. A palavra hebraica usada para realçar o temor confessado por Jó é *pabad*: pavor, medo, terror, pânico. Trata-se de uma forte e incontrolável apreensão que nos pode levar ao desespero; é uma armadilha que nos está sempre à espreita.

Se não vencermos os nossos medos e pavores, jamais fugiremos ao seu controle; ser-lhes-emos eternos reféns. Discorrendo sobre os malefícios de tais sentimentos, aconselha John Flavel: “Ninguém seja escravo do medo, a não ser os servos do pecado”.

Ao evocar o sentimento que consumia a Jó, o pastor F. B. Meyer chega a exclamar: “Ah, coração humano, que opressiva angústia podes sofrer!” No entanto, se Deus ajudou ao patriarca a vencer aquele aterrorizante medo, auxiliar-nos-á também a deitar por terra os temores que, desde a mais esquecida

infância, nos vêm assustando as recordações. Segundo o psicólogo Myra y Lopes, é o medo um dos gigantes de alma. Como vencê-lo? Responde o Dr. Lopes: “É preciso, pois, lutar contra ele decididamente”. Não tivéssemos a assistência do Espírito Santo, tal empresa seria impossível. Creio que Paulo se achava cara a cara com tal sentimento quando professou ousadamente: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13). Encontrava-se o apóstolo numa prisão romana prestes a ser executado. Mas foi justamente ali, naquele momento tão delicado, que ele é surpreendido pela coragem. Aleluia!

2. O temor do futuro. O pastor Antônio Neves de Mesquita, um dos maiores especialistas brasileiros no Antigo Testamento, denota que o medo de Jó era ocasionado quanto à expectativa dos dias por virem: “Não havia saída para o seu caso. Possivelmente devemos entender esta linguagem como quem está, pouco a pouco, perdendo a esperança e a cada momento vê tudo se agravar. Talvez no princípio pensasse fosse algo passageiro; então calculou o que seria, se o sofrimento se agravasse, e era isso justamente o que estava acontecendo. Cada dia pior e, ao anoitecer, os horrores noturnos aumentavam o sofrimento, com os sonhos provenientes da doença, um delírio mórbido, tocando às raíais da loucura. Isso, junto às dores físicas, determinava o desassossego, a inquietação, a ponto de sentir-se perturbado mentalmente”.

Existe por acaso a futurofobia? Nos dicionários da língua portuguesa, não. Mas, em nossos léxicos particulares e nos vocabulários que cada um esconde no coração, sim. É por isto que o medo do futuro pode ser o pior dos medos. Foi pensando nesse pavor, que tem roubado a paz de muita gente, que Marceller Auclair deixou-nos esta admoestação: “Você deve

ocupar-se com o futuro, mas não preocupar-se com o futuro”. Todavia, como agir se o futuro parece não ter futuro? Mas seria este realmente o medo de Jó?

De uma feita, o Senhor Jesus exortou os discípulos a não temerem pelo futuro, apesar de a situação, naquele período, ser desesperadora. O Império Romano a tudo dominava; os adversários de Israel cresciam em todos os arredores da Terra Santa; os víveres não eram tão abundantes como nos dias de Josué; quanto às doenças, achavam-se a oprimir os filhos de Abraão. No entanto, recomenda-lhes o Senhor: “Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal” (Mt 6.34).

Se você teme o amanhã, entregue o seu presente a Deus. Se Ele tão bem cuidou de nós no passado, por que nos desampararia no futuro? Eis o que declarou o evangelista Billy Graham: “Não sei o que o futuro encerra, mas sei quem encerra o futuro”.

3. O temor de ser abandonado por Deus. Abandono! Firmou-se esta palavra como o principal alicerce da filosofia do Século XX. Os existencialistas, tendo à frente Jean Paul Sartre e Albert Camus, demonstravam um pavor mórbido pelo abandono a que o ser humano, segundo acreditavam, estava predestinado. E, assim, passaram a valorizar o existir como se fora mais importante que o ser. Viam eles o homem desamparado num cosmo incompreensível e insulado por milhões de outras ilhas que, embora se ajuntem, jamais lograrão um continente.

Friedrich Nietzsche demonstrava tal repulsa à solidão que, num momento de delírio existencial, asseverou: “Voltemos para a multidão, cujo contato endurece e pule. A solidão amolece, corrompe e apodrece”. Ora, para o filósofo que apregoara a morte de Deus, que propusera a existência do super-homem e

que zombava do Cristianismo como a religião dos fracos, era a solidão a maior das ameaças. Se Deus não mais existia, como poderia Nietzsche preencher a sua solidão? Afinal, o vazio que nos vai na alma é tão imenso quanto Deus, e somente Deus haverá de preenchê-lo.

Jó, porém, não matara a Deus; era-lhe o Senhor a realidade das realidades. Ao contrário do super-homem de Nietzsche, ele tinha a si mesmo na conta de alguém que, em tudo, dependia do Todo-Poderoso, e tudo fazia por desfrutar-lhe a companhia. Então, por que seria abandonado pelo Senhor? Se o abandono, temia; por que o abandono haveria de alcançá-lo? Fosse abandonado pela família, e estaria tudo bem. Mas abandonado por Deus!

É claro que Deus jamais o deixara. Naquele momento, porém, Jó não tinha certeza disso. Isto porque as lutas induzem-nos a ver as coisas de forma distorcida; invertem os mais caros valores; forçam-nos a violar as operações mais simples do intelecto; constroem-nos a decisões vazias e desprovidas de sentido.

Embora venha você a sentir-se abandonado, não se desesperar. Conforme ensinava Epícteto, podemos tirar da solidão infável conforto espiritual: "Quantas coisas não tens que dizer-te e perguntar-se! Para que precisas dos demais! Estás privado de todo auxílio, não tens pais, nem irmãos, nem filhos, nem amigos? Tens, em troca, um pai imortal que não deixa de cuidar de ti, e de prestar-te todos os auxílios necessários". Simples retórica? Escravo do imperador Marco Aurélio, procurava ele a liberdade onde os demais romanos jamais se poriam a procurá-la. Por isto a solidão não lhe era um fardo; sob o seu campanário, encontrava a companhia de Deus. Epícteto,

filósofo; Jó, teólogo. Teria o primeiro aprendido a conviver com a solidão, e não o segundo? Todavia, o que Jó temia não era a solidão; e, sim, o afastamento de Deus.

II. Lar sem Lareira

Os europeus não conseguiam imaginar uma casa sem lareira. Ao pé desta, reuniam-se as suas famílias para se aquecerem naquelas noites depressivamente árticas. Com o tempo, a lareira passou a ser vista como um perfeito sinônimo de família amorosa e bem constituída. Hoje, todas as vezes que nos referimos ao lar, vem-nos à mente o crepitar alegre e vívido daquela chama. Evocando esta imagem, escreveu Herbert V. Prochnow: “A temperatura do lar é mantida com mais segurança pelos corações cálidos do que pelos aquecedores”.

Dos primeiros capítulos de Jó, inferimos que o seu lar já não era aquecido por aquele amor que faz da família o mais sublimado dos refúgios. Era um lar sem lareira; frio e desalmado. Se na aparência, feliz; na essência, uma anunciada tragédia.

I. O desencaminho dos filhos. Narra o texto sagrado: “Seus filhos iam às casas uns dos outros e faziam banquetes, cada um por sua vez, e mandavam convidar as suas três irmãs a comerem e beberem com eles. Decorrido o turno de dias de seus banquetes, chamava Jó a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles, pois dizia: Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração. Assim o fazia Jó continuamente” (Jó I.5,6).

O texto, acima citado, não revela de imediato a apostasia em que haviam caído os filhos de Jó. Mas o seu desvio paten-

teia-se naqueles festins que se arrastavam por vários dias, durante os quais celebravam eles os deuses pagãos. Não lhes bastasse a idolatria, sutilmente amaldiçoavam ao Todo-Poderoso. Se recorrermos ao original, veremos que *Mishteh* é a palavra para “banquete”; traz a imagem de uma irrefreável orgia na qual os convivas agem irrefletida e loucamente: “Comamos e bebamos, porque amanhã todos morreremos”.

Quão profanos e hipócritas eram aqueles jovens! E o coração de Jó não se enganava: “Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração” (Jó 1.5). Leiamos o versículo em hebraico: *ulai bataú vānai vu'berakau Elohim bi'levavam*. Literalmente, diz esta escritura: “Talvez hajam pecado meus filhos, bendizendo a Deus em seus corações”.

Afinal, amaldiçoavam ou bendiziam eles a Deus? Considerando-se que o substantivo empregado para designar tanto a Deus quanto aos deuses pagãos é o mesmo na língua hebréia, tem-se a impressão de que os filhos de Jó louvavam ao Todo-Poderoso. Mas a verdade é que eles, disfarçada e impiamente, bendiziam aos deuses, amaldiçoando ao único e verdadeiro Deus. Na maioria das versões modernas, os tradutores, abandonando as sutilezas do autor sacro, optaram pelo óbvio: mostram que os filhos de Jó, naqueles banquetes, amaldiçoavam a Deus no silêncio de seus corações. Pode haver pecado maior? À apostasia, somava-se a hipocrisia. Eis por que o patriarca, terminadas aquelas festanças, levantava-se de madrugada, e oferecia sacrifícios em favor de cada um de seus filhos.

Muitos são os filhos de crentes que estão a professar um cristianismo perversamente nominal! Quando se reúnem, fazem-no para amaldiçoar a Deus através de seus atos abomináveis. É chegada a hora, pois, de nos mostrarmos mais vigilan-

tes quanto à conduta de nossos jovens. Se não os disciplinarmos; se não os mantivermos no caminho de Deus; se não lhes exigirmos a devida postura, o Todo-Poderoso o fará dolorosamente. Se não podemos exigir sejam eles piedosos e tementes a Deus, uma demanda é-nos lícito apresentar-lhes: enquanto estiverem conosco, e sob o nosso teto, têm eles a obrigação de se portarem com decência.

Tem-se a impressão de que os filhos de Jó, embora solteiros e apesar de não estarem devidamente preparados, moravam cada um em sua própria casa. Afastados da supervisão paterna, iam eles vivendo irresponsavelmente, dissipando os haveres do pai naqueles excessos e inconseqüência. Desgraçadamente, muitos são os pais que autorizam seus adolescentes e jovens a saírem de casa para “tocarem” a sua própria vida. Como a maioria destes ainda não tem a necessária estrutura psicológica, moral e espiritual, acaba por se corromper. Os filhos somente devem deixar o lar paterno no momento certo e na ocasião propícia. Cada filho que nos sair de casa antes do tempo será um pródigo a mais a engrossar a fileira dos desajustados. Lamentavelmente, como diria Oliver Goldsmith, “há progenitores que se preocupam mais em guardar a pureza racial de seus cães e cavalos do que com a educação da vida cristã de seus filhos”.

Levantemo-nos de madrugada, e intercedamos por nossos filhos; oremos por eles; e por eles jejuemos, a fim de que não pereçam. Se não o fizermos, nenhuma esperança lhes restará. Em suas Lamentações, exorta-nos Jeremias: “Levanta-te, clama de noite no princípio das vigílias; derrama o teu coração como águas diante da face do Senhor; levanta a eles as tuas mãos, pela vida de teus filhinhos, que desfalecem de fome à entrada de todas as ruas” (Lm 2.19).

2. A esposa de Jó – uma crente sem crença. Sim! Uma crente sem crença! Assim era a esposa de Jó. Pelo menos é o que se conclui das palavras que lhe dirige o patriarca quando ela o instigou a amaldiçoar a Deus: “Falas como qualquer doida” (Jó 2.10). Ora, se o princípio da sabedoria é o temor a Deus, a loucura espiritual só pode advir do destemor e da irreverência ao Todo-Poderoso. Logo: era a esposa de Jó uma mulher que, até aquele momento, não tivera ainda uma experiência real com o Senhor Deus. Limitara-se ela a desfrutar das bênçãos sem ligar qualquer importância ao Abençoador.

O vocábulo hebraico usado para descrever a esposa de Jó é *nebalôt*. A palavra não denota apenas alguém destituído de juízo; indica prioritariamente uma pessoa caracterizada pela falta de recato e pudor. Seria este o fiel retrato da mulher do patriarca? Agora compreendo por que Charles Spurgeon veio a endereçar a Deus esta oração: “Senhor, livra-nos das mulheres que são anjos nas ruas, santas nas igrejas e demônios no lar”. É bem provável que o príncipe dos pregadores tivesse em mente a esposa de Jó.

A mulher de Jó limitara-se a receber os benefícios do Senhor, sem jamais se preocupar em santificar-lhe o nome. Se a mãe era incrédula, como poderiam os filhos ser crentes? Se utilitarista a mãe, como haveriam os filhos de ser piedosos? Se louca a mãe, como sábios os filhos? J. Edgar Hoover, fundador do FBI, depois de lidar com tantos malfeitores, chegou a uma conclusão que, conquanto óbvia, não deixa de ser dolorosa: “Ninguém nasce criminoso; ele é gerado nos lares”. Teria a impiedade dos filhos de Jó nascido exatamente daquela mulher que os dera à luz, e, depois, entregou-os às trevas? Certamente ela os induziu à idolatria. Exteriormente, aqueles

jovens adoravam ao Deus de seu pai; interiormente, bendiziam aos deuses de sua inconsequente mãe.

3. Jó, um homem ilhado em sua própria casa. Se os filhos de Jó intimamente louvavam aos ídolos, e se a esposa portava-se como uma doida qualquer, o que era o patriarca em sua casa? Por mais que se esforçasse, não lograva conduzir a família no caminho de Deus. Persistisse aquela situação, ser-lhe-ia o lar destruído, e ele próprio não haveria de escapar à ruína que estava prestes a se abater sobre aquela casa.

O lar não pode ser um mero depósito de coisas. É o refúgio psicológico, moral e espiritual do ser humano. Tinha-o Rui Barbosa em tão alta estima, que veio a designá-lo como lar doméstico, a fim de diferenciá-lo de uma casa qualquer. O poeta José Paulo Paes criticou de forma acerba aqueles lares que já perderam toda a sua razão de ser; de maneira jocosa até, afirmou que o lar, para muita gente, é simplesmente o espaço que separa o automóvel da televisão. Teria o lar de Jó chegado a essa condição? Até aquele momento, não tivera o patriarca a ventura de confessar: “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (Js 24.15). Pois, em sua família, somente ele servia a Deus; a esposa e os filhos eram servos do diabo.

É por isto que intervém Deus, dolorosamente, em alguns lares; tidos embora como um pedacinho do céu, não passam de um declive para o inferno.

III. Amigos sem Amizade

Quando tudo ia bem com Jó, seus amigos apregoavam que, em toda a terra, não havia homem melhor. Assim diziam porque o patriarca, sempre generoso, jamais lhes negara qual-

quer ajuda; como o homem de negócios mais bem-sucedido de todo o Oriente, certamente lhes proporcionava grandes lucros. Não escreveu Salomão que “as riquezas multiplicam os amigos”? (Pv 19.4). Intimamente, porém, tinham eles as suas dúvidas quanto à piedade e à crença do patriarca. Entre si, murmuravam: “Como não ser fiel a Deus em meio a tantas bênçãos?” Eram eles, portanto, o instrumento ideal para o maligno usar para fustigar a Jó. Se na bonança cordiais e compreensivos; na provação, duros, implacáveis, sentenciosos.

Apesar de haver confessado ser impossível viver sem amigos, Cícero reconhece: “Há certos amigos que são como as andorinhas: acompanham-nos no verão da prosperidade e voam no inverno das aflições”. Que voassem aqueles homens para longe, e o patriarca teria paz. No entanto, no auge da luta, porfiaram eles por atacar o patriarca como aqueles abutres que, além de matar a presa, comem-lhe as carnes. Não conheciam eles o ideal de uma amizade? Ou a fineza de um relacionamento?

Salomão idealiza assim um amigo: “Em todo o tempo ama o amigo; e na angústia nasce o irmão” (Pv 17.17). O verdadeiro amigo, explica o sábio, ama-nos todo o tempo; em chegando a angústia, faz-se irmão. Deu-se exatamente o inverso com Jó. Foi este amado enquanto tinha bens e influência; indo-se estes, desamaram-no os amigos. Parece que estas palavras de Ovídio foram talhadas àqueles que, à semelhança do patriarca, vêem-se de repente desprovidos de amigos: “Enquanto fores feliz, contarás muitos amigos; se os tempos estiverem nublados, estarás só”.

De que forma poderia o patriarca viver nessas condições? Em família, um refém; entre amigos, o desconforto de uma amizade inimiga.

IV. Fé sem Conhecimento Experimental

Apesar de sua grande fé, o patriarca Jó ainda não havia tido um encontro experimental com Deus. Ele mesmo o confessará: “Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42.5,6). Isto não significa, porém, haja sido o patriarca um homem destituído de uma fé prática e operativa. Pois, dentre todos os seres humanos, foi ele considerado por Deus como um dos três varões mais piedosos de todos os tempos (Ez 14.20). Era necessário, contudo, viesse Jó a crescer na graça e no conhecimento de Deus. No terreno espiritual, o que é bom pode ficar ainda melhor; o que já é perfeito pode crescer ainda mais no caminho da perfeição.

Quais as bases de nossa fé? Não são poucos os teólogos que, embora tudo conheçam sobre Deus, de Deus tudo desconhecem. São teólogos sem teologia. Falam de Deus, mas não podem falar com Deus. Estudam as Escrituras, porém não se deixam escrutinar pelas Escrituras. Quais as bases de nossa fé? Intelectual? Ou experimental? O Senhor requer que, em todas as coisas, sejamos perfeitos como perfeito é o Pai celeste. Aleluia!

Conclusão

Caladamente, ia o patriarca Jó enfrentando uma série de problemas: a apostasia dos filhos; a falta de temor da esposa; a lealdade amesquinhada dos amigos. Não bastasse, enfrentava problemas consigo próprio. Embora o melhor dos homens, teria ele de melhorar ainda mais até alcançar aquele padrão

que o Senhor lhe havia traçado. E os seus temores? E a sua fé que, naquele momento, precisava de um conhecimento experimental com Deus?

Como levá-lo a este ideal tão alto e tão sublimado?

O Senhor sabe como tratar os seus filhos. Se for preciso, colocá-los-á no mais insólito dos crisóis, a fim de que, em todas as coisas, sejam lembrados como seus servos. É o que acontecerá a Jó. Permitiu o Senhor que sete grandes calamidades se abatessem sobre ele.

Capítulo 4

A Teologia da Acusação

Introdução

Afirmou João Calvino que Satanás é um teólogo perspicaz. E foi com toda a sua argúcia teológica e filosófica, que o Maligno apresentou-se diante de Deus para acusar a Jó. O que me espanta não é o fato de Satanás caluniar o patriarca de forma tão desabrida; o que me causa estranheza é a sua audácia em discutir teologia com o próprio Deus. Que a discussão fosse com Lutero ou com Spurgeon! Mas debater teologia com a fonte da teologia? E a sua audácia não pára aí. Encarreira ele argumentos tão contrários a Deus, que se tem a impressão de que o Senhor nada entende de teologia.

Foi este o adversário que se levantou contra Jó. Apresentando-se diante do Todo-Poderoso como um misto de teólogo, filósofo e promotor, pôs-se a incitar Deus contra o homem mais íntegro daquela época. Aliás, Satanás não é apenas perspicaz; é também,

como descreveu-o Thomas Cosmades, um ser que não trabalha ao acaso, mas ataca sistematicamente.

Quem nos defenderá do acusador? Assim como Deus fez a apologia de Jó, está sempre pronto a levantar-se em nosso socorro. Se o Senhor é por nós, quem será contra nós?

I. O Tribunal Celeste

“Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles” (Jó I.7). Até este momento, era o céu um imenso e iluminado templo, onde o Senhor, alta e sublimemente entronizado, recebia louvores e ações de graças de todas as suas hostes, falanges e teorias. Os querubins resguardavam-lhe a santidade; os serafins prorrompiam-se nos mais ardentes louvores ao seu nome. E, à frente de todas as legiões, achava-se Miguel, o Grande Príncipe.

No Livro de Jó, são os anjos identificados como filhos de Deus; à semelhança dos homens, foram eles também criados pelo Senhor (Sl 33.6). Todavia, não haveremos de confundirlos com aqueles filhos de Deus que, deixando-se arrastar pelas filhas dos homens, vieram a apostatar-se (Gn 6.2). Provinham estes da linhagem de Sete, ao passo que aqueles eram, de fato, anjos (Jó I.6; 2.1; 38.7).

Junto a todos esses louvores, misturavam-se também os cânticos dos peregrinos do Senhor que, desde as mais remotas regiões da terra, o incensavam na beleza de sua santidade. Certamente, a voz de Jó era ouvida naqueles páramos. Infelizmente, junto a estas tão santas vozes, misturar-se-ia também o trinado acusatório do Diabo.

I. Satanás, o grande acusador de nossos irmãos. Até este momento, o céu era um grande e imensurável templo. Basta, porém, introduzir-se o Diabo no céu para que este se fizesse um lugar de acusação. Enganam-se os que julgam estar o maligno entronizado no inferno; acha-se ele imperando na terra e, não raro, pode ser encontrado nas regiões celestes. E, aqui, aparece como o grande promotor da raça humana. Na terra advoga o pecado; no céu, denuncia o pecador.

O Apocalipse descortina este ofício de Satanás: “Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite” (Ap 12.10). O comentarista da Bíblia de Estudo Pentecostal, Donald Stamps, analisa a referida passagem: “Satanás acusa os crentes diante de Deus. Sua acusação é que os crentes servem a Deus por interesse pessoal”.

Por que Satanás é chamado de “o acusador de nossos irmãos”? A expressão grega *katégoros ton adelphon hemon* denota, entre outras coisas, o seu ofício predileto: acusar, caluniando. Não imaginemos, porém, sejam as suas acusações libelos simples e descabidos. O vocábulo *katégor* evoca um profissional, cuja missão é denunciar judicialmente um réu, ou alguém tido como tal. Por isto, quando o Diabo apresenta uma peça acusatória contra um servo de Deus, chega a impressionar pela riqueza de seu conteúdo. E ele certamente haveria de prevalecer contra nós não fora a competente defesa que o Senhor Jesus faz de seus servos junto ao Pai.

Charles C. Ryrie, renomado teólogo americano, mostra quão eficaz é o Diabo em sua função de promotor: “Destaca nossos pecados e esgrime-os contra nós. Ele acusa-nos diante

de Deus, pensando, com isto, levar-nos a perder a salvação. Mas Cristo, nosso advogado, assume o nosso caso, e lembra ao Pai, constantemente, já ter efetuado um alto preço por nossas iniquidades e pecados, quando morreu na cruz”.

Portanto, quer o Diabo esteja dizendo a verdade, quer falando mentiras, suas arengas acusatórias nada podem contra as bondades e misericórdias do Todo-Poderoso. Em seu grande e insondável amor, providenciou-nos Deus eficiente redenção através de nosso Senhor Jesus Cristo. Salientando a intervenção sempre pronta de Cristo em favor de nós, pecadores, escreve Paulo:

“E, quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-vos todas as ofensas, havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo. Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo” (Cl 2.13-17).

2. Tem o Diabo livre trânsito nos céus? Por que permitiu o Senhor se infiltrasse nos céus, entre os santos anjos, um ser, cuja missão é matar, roubar e destruir? Se o seu destino é o lago de fogo, por que se intromete ele no mais alto e sublime lugar? Agora, porém, num momento como aquele, em que as teorias celestes prestavam um culto ao Senhor, incensando-lhe o trono com as orações e súplicas dos santos, surge o Diabo como se também fora anjo de luz. Não poderia o Senhor haver ordenado ao arcanjo Miguel amarrasse o tentador e o lançasse no mais escuro dos abismos?

O autor sagrado, neste caso mui particular, é inspirado tão-somente a registrar os fatos; narra e não explica; mostra e não interpreta. Fosse tudo ficção, e estaríamos satisfeitos. Todavia, não estamos diante de uma lenda; defrontamo-nos com um dado comprovadamente histórico. Afinal, é franqueado ao Diabo o livre trânsito aos céus? O fato, em tela, não nos indica, necessariamente, tenha o Maligno acesso franqueado às moradas de Deus; sugere-nos apenas que, sendo ele um ser intrometido e insolente, tudo faz por imiscuir-se nas regiões celestes, a fim de levar a perturbação a um lugar que é reconhecido como o santuário dos santuários.

Fato semelhante a esse, encontramos em 2 Crônicas 18: “Vi o SENHOR assentado no seu trono, e a todo o exército celestial em pé, à sua mão direita e à sua esquerda. E disse o SENHOR: Quem persuadirá a Acabe, rei de Israel, a que suba e caia em Ramote-Gileade? Disse mais: Um diz desta maneira, e outro diz de outra. Então, saiu um espírito, e se apresentou diante do SENHOR, e disse: Eu o persuadirei. E o SENHOR lhe disse: Com quê? E ele disse: Eu sairei e serei um espírito de mentira na boca de todos os seus profetas. E disse o Senhor: Tu o persuadirás e também prevalecerás; sai e faze-o assim. Agora, pois, eis que o SENHOR pôs um espírito de mentira na boca destes teus profetas e o SENHOR falou o mal a teu respeito” (18.18-22).

Não quer isto assinalar tenha o Senhor necessidade dos demônios na execução de seus planos; utiliza-se, porém, deles, para que cada um de seus intentos, em favor dos santos, seja plenamente alcançado. No texto retrocitado, deixou Ele que um demônio usasse os lábios dos falsos profetas para enganar um rei idólatra e infiel. Já no caso do patriarca Jó, temos o

instituto da permissão divina. Objetivando Deus o aperfeiçoamento de seu servo, autorizou o Diabo a lançar contra Jó todas as calamidades e tribulações. Mas foi exatamente através dessas tribulações e calamidades que o patriarca venceu as saúvas do adversário.

II. Deus Faz a Defesa de Jó

Não foi somente João Calvino que achava ser o Diabo um bom e perspicaz teólogo. A. W. Tozer era da mesma opinião: “O Diabo é melhor teólogo do que qualquer um de nós, mas continua sendo Diabo”. Logo, não tem ele qualquer dificuldade em escrever monografias, teses e tratados acerca de Deus. Se for preciso, redige ele os mais arrebatadores e convincentes libelos contra os que porfiam em ser fiéis ao Todo-Poderoso. Foi com uma dessas monografias, que ele apresentou-se diante do Senhor para acusar a Jó.

I. Um viajante e observador. Vendo o Senhor o Diabo entre os anjos, perguntou-lhe: “Donde vens?” (Jó I.7). Respondeu o Maligno: “De rodear a terra e passear por ela” (Jó I.7). Voltar o planeta, naquele tempo, deveria ser algo monótono e tedioso; com exceção da África e da Ásia, os demais continentes ainda não haviam sido povoados. A Europa, inculta. O Extremo Oriente, desabitado. As Américas, algo por se descobrir. E as ilhas? Teriam os filhos de Noé chegado às ilhas mediterrâneas? Ou às atlânticas?

Mesmo assim, deleitava-se o Diabo em vultear pela terra, e por esta fazer evoluções e giros. Encontrasse uma comunidade humana, posto que diminuta e até desprezível, lá estava ele semeando apostasias, orgulhos, sedições e guerras. Achasasse uma

simples habitação, ali tinha de lançar os germes das descrenças e das rebeldias que se desdobrariam, mais tarde, em assoberbados impérios. Ele jamais almejou resultados imediatos; sabe que estes desaparecem da mesma forma que surgem.

Mais tarde, no Monte da Tentação, mostraria ele ao Senhor Jesus o resultado de toda a sua sementeira. Agora, porém, o que tinha ele a observar? O Egito? Ainda não existia como reino. Babilônia? Não era ainda nem um país; limitava-se a alguns potentados sem qualquer significância. A Pérsia? Os arianos sequer eram um povo. Os gregos? Pobres filhos de Javã! Teriam um longo caminho a percorrer até a sua formação. Enfim, nenhum império era ainda império, mas já queria o Diabo reinar sobre todas as aldeias humanas.

2. A grande pergunta teológica. Sabendo Deus que lá estava o Diabo para discutir teologia, por que não começar com uma pergunta? Pergunta esta, aliás, que desencadearia a mais importante discussão teológica de todos os tempos: “Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal” (Jó 1.8).

“Observaste a meu servo Jó?” Começa a teologia pela observação? Davi e Paulo dizem que sim (Sl 19.1; Rm 1.20-22). Foi pela observação que muitos filósofos vieram a crer na existência do Deus único e verdadeiro. Vejamos, pois, a força deste verbo na língua hebraica: *shemer* não significa apenas observar; denota uma cuidadosa vigilância. Portanto, vinha o Diabo não somente observando, mas vigiando sistemática e persistentemente a Jó. Eis por que lhe pergunta o Senhor: “Observaste a meu servo Jó?” Nesta pergunta, estava o Todo-Poderoso provando ao Maligno ser possível um relacionamento

perfeito entre o homem e o seu Criador. Coisa que o Diabo jamais admitiu.

Não respondera o Diabo ao Senhor que viera de percorrer a terra e de passear por ela? Então por que se concentra o Todo-Poderoso em Jó? Poderia Ele haver perguntado ao adversário se este observara os impérios que, nos vales do Nilo e do Eufrates, dentro em breve terçariam armas pelo controle do mundo. Mas estava lá Satanás preocupado com estes impérios? O que o incomodava obsessivamente era o Reino de Deus que, apesar de tudo, multiplicava-se na vida do patriarca. Os impérios não seriam seus? Em sua perspicácia teológica sabia o demônio que a chave para a história do mundo é o Reino de Deus.

A verdade é que o Tentador não rodeara a terra, e sim o terreno onde Jó morava; não passara pela terra, e, sim pelo território onde se achavam os seus bens. Rodeando a casa de Jó, levava-lhe os filhos ao descaminho e à apostasia. Passeando pela casa do patriarca, tornara-lhe louca a esposa, a fim de que esta não viesse a ter um encontro experimental com o Senhor. Ainda rodeando a casa de Jó e por esta passeando, impedira-lhe que os amigos lhe devotassem verdadeira afeição. Logo, não se achava o adversário interessado nos impérios humanos. Sabia ele que Jó, num momento tão crítico da História Sagrada como aquele, era tão importante como o fora Noé em sua época, e tão imprescindível quanto Daniel o seria em seu tempo. Através de suas virtudes, equivalia Jó a toda uma congregação de santos e redimidos.

III. A Teologia de Satanás

De acordo com Hilaire Belloc, toda questão, em última análise, é teológica. Não posso discordar de Belloc; é a presença de Deus tão forte e de tal forma irresistível, que toda dis-

cussão deságua, necessariamente, no grande oceano da teologia. Ora, se na terra isto é real, quando mais no céu. Responde o tentador ao Todo-Poderoso: “Porventura, Jó debalde teme a Deus? Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra. Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face” (Jó 1.9-11).

Eis os pontos centrais da teologia de Satanás:

I. A impossibilidade do verdadeiro temor a Deus.

Mesurando a humanidade por si, supõe o adversário que o homem jamais poderá demonstrar um amor verdadeiro e desinteressado por Deus. Enquanto Deus o abençoar, bendirá a Deus. Se Ele, porém, lhe retirar as bênçãos, certamente o amaldiçoará. Eis o que declara o sentencioso teólogo: “Porventura, Jó debalde teme a Deus?” (Jó 1.9).

Ora, mesmo que o homem amasse a Deus de forma interesseira, e mesmo que lhe viesse a demonstrar um temor materialmente condicionado, seria ele muito melhor do que o Diabo. Porque este, tendo tudo nos céus, foi infiel ao Senhor; e milhões de homem, na terra, conquanto rodeados de tantas e indescritíveis limitações, perseveraram em agradá-lo. Mas ali estava um ser humano que, fosse ou não abençoado, haveria de bendizer para sempre o Abençoador.

O profeta Ezequiel discorre, de maneira detalhada, acerca dos privilégios que o Senhor entregara a Satanás. Dos querubins, era o mais importante; além de querubim, ungido. Tinha ao seu cargo, as hostes celestes; honravam-no todas as falanges. Abaixo da Santíssima Trindade, não havia ninguém

tão importante quanto ele que, de tão luminoso, confundiam-no as teorias com a própria luz. Todavia, mesmo possuindo tudo o que lhe era permitido ter como criatura, deixou-se embair por suas perfeições já imperfeitas.

Ora, se o adversário não soube ser grato e fiel a Deus, tendo tudo, por que injuria a Jó que, embora não fosse anjo e agora nada possuindo, angelicamente agia como se tudo possuísse? Além do mais, estava o Criador satisfeito com a mais perfeita de suas criaturas morais que, naquele momento, se encontrava sobre a Terra. Então, por que a criatura incomodava-se tanto com a criatura? Mas outro não é o papel da imperfeição senão criticar a perfeição.

2. O relacionamento mercantilista entre Deus e o homem. O Diabo não podia aceitar a possibilidade de um relacionamento entre o homem e o seu Criador, cuja base fosse a sacrificialidade e o desinteresse. Por isso, desafia o Todo-Poderoso: “Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra” (Jó I.10). Jó não era leal a Deus porque de Deus tudo recebia; mesmo se nada houvera recebido, permanecer-lhe-ia amorosamente grato.

Que teologia é essa que desdenha a possibilidade de o homem vir a amar desinteressadamente a Deus? Desconhecia o Maligno os exemplos de Abel, de Enoque, de Noé e de Sem? Então, não cometia apenas um erro teológico; achava-se também num equívoco histórico. Se ele, querubim, não soube amar o Senhor, isto não significava estar o homem impossibilitado de devotar um amor seráfico ao Todo-Poderoso.

3. A degenerescência absoluta do homem. À semelhança de alguns teólogos protestantes, Satanás também apostava na

degenerescência absoluta do ser humano. Aliás, foi ele o primeiro a fazê-lo. De acordo com a sua proposição, o homem estava tão corrompido e de tal forma degenerado que, não recebesse alguma benesse do Senhor, contra o Senhor blasfemaria.

Mais uma vez estava errado o Maligno. Se alguns blasfemam o nome de Deus, não devem estes servir de parâmetro no julgamento dos demais. Desde a aurora da civilização, sempre houve pessoas que tributaram a Deus um amor puro e altruístico. O maior conforto não lhes é ter a bênção; é possuir o Abençoador. Em suas Confissões, afirmou Agostinho: “Eu odiaria minha própria alma se descobrisse que ela não ama a Deus”. Que anjo, por mais perfeito e elevado, foi capaz de tal declaração?

Satanás talvez considerasse Jó grande demais para atravessar o fundo da agulha que o Senhor Jesus haveria de referir-se nos evangelhos. Só que por este orifício passou não somente o patriarca; também passaram todos os seus rebanhos e cáfilas. Se o homem de Uz portara-se com tamanha dignidade até aquele momento, por que viria, na provação, a amaldiçoar a Deus?

IV. A Proposta Teológica de Satanás

Satanás é um teólogo que não se deixa convencer. Diante dele nenhuma evidência tem valor; nenhuma lógica tem lógica; pois delicia-se em trabalhar sofismas e casuísmos. Alguns de seus filhos, que hoje ocupam cátedras e púlpitos, parecem haver lido, com redobrado zelo e atenção, suas monografias. E como estas se mostram convincentes! E como são consumidas

por aqueles que, embora tendo a Bíblia, desprezam-na para firmar-se em tolas especulações!

Até agora, contentara-se o Diabo em questionar o Senhor. Todavia, esgotados já os seus argumentos, parte da teoria à prática. Incita o Senhor a que fira a Jó, tirando-lhe quanto possuía. E o Todo-Poderoso, que outros planos tinha para o seu servo, aparentemente aceita o desafio do tentador.

I. A proposta teológica do Diabo. Propõe o Tentador a Deus: “Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face” (Jó I.11). Esta seria a prova definitiva; não haveria argumento mais forte, nem postulado mais definitivo. A discussão sairia do terreno da teoria para alinhar-se no campo da prática, onde as proposições nem sempre ficam de pé. A proposta era mais do que radical; irrecorrível. Naquele momento, era o Todo-Poderoso desafiado a provar cada palavra que empenhara em favor de seu servo.

“Toca-lhe em tudo quanto tem”. O termo hebraico usado pelo autor sagrado é intensamente forte: *negab* significa também machucar, ferir, lesar, golpear. Vê-se, por conseguinte, quão implacável era o tratamento que propunha o Diabo fosse aplicado a Jó!

Como ficava o patriarca em toda essa história? Naquele momento, sequer suspeitava que, nas regiões celestes, era travada uma discussão teológica, cujo objeto não era propriamente Deus, mas o homem. Polêmica teológica ou antropológica? Teologicamente antropológica!

Fosse o Senhor estender a mão contra Jó, como haveria este de subsistir? Não destruíra Ele todo o mundo antediluviano? Não acabara com a soberba daqueles

edificadores que, infantilmente, edificavam a Torre de Babel? Aliás, não abatera o ungido querubim no exato momento em que este se achava no auge da apostasia? De que forma haveria Jó de resistir ao Senhor?

2. A conclusão equivocada de Satanás. Estava o Diabo tão presumido quanto ao seu silogismo; achava-se tão cômico quanto à exatidão de suas conclusões; encontrava-se tão certo acerca da perfeição de suas premissas que, ousadamente, afirmou ao Senhor: “E verás se não blasfema contra ti na tua face”.

Como chegara o enganador a tal conclusão? De que forma alcançara ele semelhante síntese? Vejamos suas premissas:

- Jó era fiel a Deus, porque de Deus recebia ele todas as benesses.

- Se Deus dele retirar todas as benesses,

- Logo: Jó não titubeará em blasfemar-lhe o santo nome.

Aplicado a outra pessoa, este silogismo talvez fosse verdadeiro. Mas a Jó? O mais íntegro dos homens? Todas essas premissas mostrar-se-ão falsas. Outro silogismo semelhante a este apresentará o Diabo ao Senhor quando, depois de haver destruído todos os bens de Jó, propuser-lhe a ruína física: “Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida. Estende, porém, a mão, toca-lhe nos ossos e na carne e verás se não blasfema contra ti na tua face” (Jó 2.4,5).

Infelizmente, muitos são os que se deixam levar por essa dialética. Aparentemente perfeita, não resiste ao mais leve exame. Na premissa inicial, falha; na premissa final, engano; na conclusão: ilusória. A Palavra de Deus, ainda que se mostre ilógica, é irresistivelmente mais lógica do que a mais lógica das premissas do Diabo.

V. Satanás Sai a Praticar a sua Teologia

Tão atrevido mostrou-se o Diabo que tentou induzir o Senhor a estender, Ele mesmo, a mão contra Jó. Se Deus o fizesse, estaria contrariando seus atributos morais: santidade e justiça. Além do mais, não poderia o Senhor ser tentado pelo mal, pois a ninguém tenta (Tg I.13). Se Ele nos prova, visa unicamente o nosso bem; não é o seu intento agir como um ser arbitrário que, sendo irresistivelmente poderoso, trata as suas criaturas como meros marionetes. Deus nos trata, visando-nos o aperfeiçoamento espiritual. E, se nos prova, amorosamente o faz.

Por conseguinte, se o Diabo estava insatisfeito com Jó, que se levantasse contra este. E mesmo que o patriarca fosse reduzido a cinzas, reerguer-se-ia do pó, e infligir-lhe-ia memorável derrota. Por isto, o Todo-Poderoso lança este desafio àquele ser que, meio promotor e meio teólogo, presumia-se já vitorioso: “Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão” (Jó I.12).

Poderia Satanás tocar em todos os bens de Jó. Contra este, porém, não haveria de estender a mão. Consolemo-nos, pois, com esta promessa: não seremos tentados além de nossas forças; e mesmo que estas venham a se esgotar, o poder de Deus aperfeiçoar-se-á em nossas fraquezas (2 Co 12.9).

Conclusão

Já devidamente autorizado, sai o Diabo da presença do Senhor, a fim de tentar a Jó. A partir daquele instante, o melhor dos homens daquela época enfrentaria sete calamidades

distintas. Em tudo seria provado; seria irresistivelmente testado em tudo. Provação semelhante jamais seria imposta sobre qualquer ser humano. Aliás, somente Cristo viria a sofrer mais do que Jó.

Mas, em todas as coisas, seria Jó um vencedor. Está você no crisol? Tempestades já se mostram no horizonte de sua vida? Não se desespere. Deus está no controle de tudo. Ainda que Satanás pense estar levando alguma vantagem sobre a nossa vida, achamo-nos escondidos em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Capítulo 5

As Sete Calamidades de Jó

Introdução

Ao analisar os atentados perpetrados contra os Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, o historiador britânico Paul Johnson foi solene e apocalíptico: “Há acontecimentos tão únicos e assombrosos que passam a sinalizar as grandes viradas da história. Os ataques terroristas contra Nova York e Washington tiveram um efeito tão devastador sobre as vidas, as propriedades e o orgulho americanos que não admira que os Estados Unidos tenham recorrido imediatamente à história para dar sentido ao que estavam presenciando”.

Na derrubada das Torres Gêmeas, perceberam os americanos que a sua economia, posto que soberba e imperial, era tão frágil como a estrutura daqueles edifícios que, sobranceiros, pontificavam em Manhattan. E no ataque ao Pentágono, convenceram-se de que a segurança absoluta é um mito. Não foi

preciso mais do que doze fanáticos, neoliticamente armados, para destruir os altares sobre os quais entronizara-se a nação mais poderosa da terra.

Enquanto os americanos tentavam sepultar os seus mortos, iam exumando interrogações e anseios e traumas que julgavam enterrados desde o ataque japonês a Pear Harbor em sete de dezembro de 1941. Eles jamais poderiam ter imaginado que toda a sua rotina viria a ser violentamente alterada num único dia; numa única hora, tudo desabou ao seu redor. Se num momento havia a mais perfeita doutrina de segurança; no outro, uma consumada heresia; se num instante, os fundamentos da economia mostravam-se mais do que solidificados; no outro, achava-se tudo a tremer e a prenunciar tempos difíceis.

Em meio às calamidades, a agonia de uma indagação: Por que temos de sofrer tais coisas? Esta foi a pergunta que fez Jó ao se ver ilhado naquelas calamidades que foram caindo sobre os seus bens, sobre a sua família e sobre si próprio. Sete calamidades desabaram sobre Jó; seria possível uma provação mais completa?

I. Calamidades Sociais

Quem mora no Rio de Janeiro, sabe o que significam as calamidades sociais: assaltos, seqüestros, estupros, homicídios, guerrilhas, subversão da ordem pública etc. Haja vista o narcotráfico que, espalhando sua metástase por todas as camadas da sociedade, vai dizimando gratuita e debochadamente milhares de vidas. No exato momento em que desenvolvia este tópico, amargava o Rio uma de suas mais graves e vergonhosas crises. Depois de se haverem rebelado num presídio de seguran-

ça máxima, os chefões do crime organizado ordenaram o imediato fechamento de vários bairros e logradouros públicos.

Nesses bairros e vilas condenados a uma periferia injusta, discricionária e desumana, residem muitos piedosos servos de Deus; gente que, apesar das dificuldades, faz questão de ostentar um autêntico e bravo testemunho cristão. Naquelas vilas sem fim; naqueles casebres suspensos nos morros e afavelados nos mangues; naqueles territórios que, sociológica, política e militarmente, constituem um Estado à parte do Estado, presenciam os santos de nosso Senhor cenas que, de tão dantescas, parecem ter saltado de algum conto de terror para inspirar este cântico de John Milton: “Seguiu-se, então, a violência, a opressão, e a lei da espada”.

Senhor, por que estes teus queridos têm de passar por tamanhas aflições?

I. O festim da calamidade. Quão negligentes não andavam os filhos de Jó! Enquanto o mundo desmoronava, banquetavam-se; e estando já o inimigo às portas, agiam irresponsável e indolentemente: “Sucedeu um dia, em que seus filhos e suas filhas comiam e bebiam vinho na casa do irmão primogênito, que veio um mensageiro a Jó e lhe disse: Os bois lavravam, e as jumentas pasciam junto a eles; de repente, deram sobre eles os sabeus, e os levaram, e mataram aos servos a fio de espada; só eu escapei, para trazer-te a nova” (Jó I.13-15).

Ao contrário do que imaginavam os filhos de Jó, aquele dia seria diferente de todos os outros dias; um dia que haveria de ser eternizado na História Sagrada; um dia separado por Deus, a fim de que, passados mais de cinco mil anos, viéssemos a lembrar-nos dele; um dia de advertências e de avisos solenes. Entretidos em seus delitos e pecados, seriam aqueles jovens surpreendidos pelo imprevisto das horas por virem.

Nascera aquela manhã como outra qualquer. Já acordando o sol na hora aprazada, e já despertando os animais e pássaros que, como só acontece num rosicler tão belo, compraziam-se em lirismo e poesias. No prelúdio daquela manhã, toda a alimária pôs-se a louvar a Deus com os seus mugidos, trinados e assonantes balidos. Nas propriedades de Jó, que se confundiam com a linha do horizonte, tudo já estava avezado para mais uma jornada de trabalho que, de sol a sol, dava o tom vigoroso e produtivo daquelas empresas.

De sua casa, repassava Jó as derradeiras instruções aos capatazes e feitores que, atentos, adiantavam-se para amanhar o solo e tanger as criações. Toda a gente a seu serviço saía animada, a fim de percorrer mais uma etapa naquele azáfama. E os seus filhos? Embora dia útil, inutilmente desfaziam-se num daqueles intermináveis banquetes. Tinha-se a impressão de que, para aqueles jovens, todo dia era um eterno e descompromissado feriado. Até podemos idear a vergonha que sentia o patriarca. Se trabalhava, os filhos folgavam. Se punha os servos na lida, os filhos consumiam-se num ócio maligno. Se alguém supõe ser o ócio algo criativo, jamais leu a história de Jó. Somente dois grupos cultuam o ócio: os que seguem o Diabo e os que o imitam.

O autor sagrado assim critica os filhos de Jó; subrepticiamente os censura: "Sucedeu um dia, em que seus filhos e suas filhas comiam e bebiam vinho na casa do irmão primogênito" (Jó I.13). Naqueles vinhos clarificados e envelhecidos, deleitavam-se eles em seus vícios precoces; zombavam dos esforços do pai; e aos jornaleiros deste mostravam que, embora não trabalhassem, tudo possuíam. Já imaginou todas aquelas propriedades em mãos tão irresponsáveis e

dolentes? Tudo haveria de arruinar-se numa única estiagem. E o irmão mais velho? Ao contrário daquele primogênito da parábola de Jesus, comportava-se dissipadoramente. Se o pródigo saiu a esbanjar a sua herança, este primogênito, mesmo sem sair, arruinava a sua parte na herança e o que lhe não cabia por direito.

Enquanto folgavam; enquanto davam vivas aos deuses da gente pagã; enquanto se enredavam em todas as abominações e pecados, ia-lhes o horizonte toldando-se como aquelas tardes carregadas de improvisos do Oriente Médio. Narcotizados pelo álcool, não sabiam estarem os sabeus prestes a invadir a propriedade do pai.

2. Os sabeus. Descendentes de Sebá, neto de Cam e bisneto de Noé (Gn 10.7), habitavam o Norte da Etiópia, de onde saíam a roubar povos indefesos e nações desprotegidas. De pilhagem em pilhagem, foram eles acumulando proverbial riqueza (Is 45.14). Os sabeus eram tão violentos e implacáveis que, por onde passavam, deixavam um rastro de destruição. Afamados por sua elevada estatura, constituíam-se numa praga aos povos da Península do Sinai e de Canaã (Is 45.14). Eram um povo marginal; não conheciam lei nem ordem. Nenhuma importância emprestavam às convenções internacionais.

Dois grupos de sabeus foram identificados na Etiópia e na Somália: os semitas e os camitas, cujos descendentes ainda podem ser rastreados no chamado Chifre da África. Não sabemos, porém, a que grupo o autor sagrado se refere. Talvez a ambos, pois ambos fortemente caldearam entre si, formando uma assustadora nação.

Os beduínos árabes que cruzam os desertos do Oriente

Médio, praticando o escambo e realizando pequenos negócios, são também considerados descendentes dos sabeus dos tempos de Jó. À semelhança daqueles, estes também não são afeitos ao trabalho sedentário. Vivem a montar e a desmontar suas tendas naquelas dunas que, se de dia escaldantes, são gélidas à noite. Se eles embrenham-se naqueles desertos, como encontrá-los?

3. Os sabeus atacam as propriedades de Jó. Eram os sabeus já bem conhecidos em Canaã devido à violência e ao oportunismo de suas pilhagens. Até aquele momento, contudo, não haviam feito qualquer incursão às propriedades de Jó, por se acharem estas sob a proteção do Senhor; era como se Ele as tivesse cercado de sebes (Jó I.10). Tinha-se a impressão de que todas as fazendas e sítios do patriarca estavam sob a proteção de altos e terríveis muros de espinhos. Ante estes, os inimigos espantavam-se; sabiam que o Todo-Poderoso achava-se de prontidão para repelir os que se aproximavam das possessões de Jó.

Um dia, porém, sentiram-se os sabeus livres para invadir as terras do patriarca. E, daqui, levam-lhe os bois e as jumentas, e passam ao fio da espada os que lhe tangiam os rebanhos (Jó I.5). Já imaginou uma tragédia dessas na vida de um pecuarista? Estoicamente, porém, o patriarca Jó sofre aquele prejuízo. Afinal, se tudo recebera de Deus conforme ele mesmo o confessará, por que murmurar contra o Todo-Poderoso se, agora, põe-se Ele a reaver quanto lhe confiara?

Relata o autor sagrado que, vindo um mensageiro, colocou Jó a par do acontecido. Tanto em hebraico como em grego, a palavra usada para mensageiro é a mesma para anjo. Mensageiro, portanto, é alguém, quer angélico, quer terrestre,

encarregado de transmitir uma notícia. Durante as tragédias que se abateram sobre Jó, quatro mensageiros humanos transmitiram-lhe a suma de todas as suas tragédias.

Pode ser que você seja uma vítima da violência. Quer urbana, quer rural, deixa-nos profundos traumas. Alguns têm suas terras tomadas por demagogos (I Rs 21.15). Outros são alvos de assaltos e seqüestros (Lc 10.30). E ainda outros têm seus entes queridos covarde e impiedosamente assassinados (At 12.1,2). É exatamente neste momento que não podemos evitar a pergunta: “Por que Deus o permite?” A única coisa que sabemos é que todos os atos de Deus são atos de profundo e inexplicável amor.

II. Calamidades Sobrenaturais

Não há como descrever a segunda tragédia que se abateu sobre Jó. Do ponto de vista do mensageiro que lhe trouxe a notícia, parecia algo vindo diretamente do Todo-Poderoso: “Fogo de Deus caiu do céu, e queimou as ovelhas e os moços, e os consumiu; e só eu escapei, para te trazer a nova” (Jó 1.16).

I. O fenômeno. Tratava-se de um raio? Ou de uma combustão que, embora descida do céu, não provinha de Deus? (Ap 13.13). De qualquer forma, não era aquele um fenômeno natural; assemelhava-se ao fogo que calcinou as impenitentes Sodoma e Gomorra (Gn 19.24).

A expressão hebraica *esh Elohim* é interpretada por alguns hermeneutas como algo natural. Todavia, de acordo com a observação daquele mensageiro, tratava-se de algo vindo não propriamente do céu, mas do mesmo Deus. E isto sem dúvida viria agravar ainda mais aquele homem que, piedoso e santo,

via-se agredido não somente pelas coisas naturais como pelo Senhor. Ora, se o Todo-Poderoso achava-se lutando contra ele, o que lhe competia fazer?

2. O prejuízo. O fogo acabou por destruir os rebanhos que restavam ao patriarca. Sua ruína, agora, era completa. Além dos animais, perdera também toda a gente que estava a seu serviço com exceção daquele mensageiro que lhe relatou o acontecido.

O que isto nos lembra senão aquelas pragas que, séculos mais tarde, haveriam de se abater sobre o Egito? No país dos faraós, dez pragas; sobre o Jó, sete calamidades. Que paralelo, contudo, entre o rei egípcio e o patriarca? Se o primeiro tinha o coração necrosado pelo orgulho, o segundo era um homem sensível à voz de Deus, e tudo fazia por agradá-lo. Se este diante do Senhor tremia, aquele, por julgar-se também senhor, desafiava a soberania daquele único e grande Senhor. Não obstante, seria faraó irremediavelmente quebrantado, ao passo que Jó far-se-á alvo de todas as benesses do amoroso Deus.

Você já foi vítima de algo sobrenatural? De repente, alguma coisa inexplicável destrói-lhe todos os bens, deixando-o envidado e sem perspectivas. Como agir nessas circunstâncias? Não se desespere! O nosso Deus está no comando de tudo.

III. Calamidades Políticas

Além das calamidades sociais, vê-se Jó obrigado a sofrer as desgraças da política. Definida embora como a arte de bem governar os povos, a política nem sempre se deixa guiar por esse ideal. Voltaire, num momento de profunda decepção, declarou: "A política tem a sua fonte antes na perversidade do

que na grandeza do espírito humano”. Infelizmente, é o que vem acontecendo tanto no âmbito doméstico quanto no internacional. E foi uma perversidade dessas que, ideologicamente aparatada, veio acrescentar angústia às angústias de Jó.

Paradoxalmente, usa Satanás, agora, um dos povos mais cultos e ilustrados de todos os tempos: os caldeus, a fim de fustigar a Jó. Demonstra este fato que, na arena política, a única lógica é a ausência lógica. Nesta arena asselvajada, nações cultas fazem-se bárbaras, e nações bárbaras nobre e sabiamente agem. Aliás, as guerras mais cruéis foram desencadeadas justamente por nações tidas como pérolas da civilização: no Oriente, a reflexiva Babilônia; no Ocidente, as filosóficas Grécia e Roma; na Europa, as inquiridoras França e Alemanha. E o que dizer do fleumático Japão? Ou da moderada China? Sim, na arena política, os povos todos são nivelados pelo sangue que é derramado profusamente na areia.

Sendo a guerra o desastre da política, acabaria esta por surpreender o patriarca Jó em suas provações. Declarou, certa feita, Mao Tsé-Tung, um dos mais odiados tiranos de todos os tempos: “A política é guerra sem derramamento de sangue, enquanto que a guerra é política com derramamento de sangue”. Contra o patriarca Jó fez-se a política uma grande e incontrolável calamidade através dos caldeus.

I. Quem eram os caldeus. Assim eram designados os povos que residiam ao longo do curso inferior do Tigre e do Eufrates, e que, com o passar dos tempos, acabariam por fundar vários reinos, sendo Babilônia o principal deles.

Descendentes de Sem, destacaram-se os caldeus em diversos ramos dos saber: matemática, astronomia, medicina, artes bélicas. Eram também famosos por dominarem as ciên-

cias ocultas e os sortilégios (Dn 4.7). Abraão, o pai da nação hebréia, era um caldeu proveniente de Ur (Gn 11.28). Em 586 a.C., os caldeus destruíram Jerusalém e o Santo Templo, e deportaram para a região de Sinear os filhos de Judá (Dn 1.1,2).

2. Os caldeus atacam Jó. Como ficasse Uz na confluência de várias rotas internacionais de grande importância estratégica, era o seu território ocasionalmente invadido por forças hostis. E os caldeus, à semelhança dos homens de Sabá, transitando do Oriente para o Ocidente, atraídos sempre por fartas e generosas pilhagens, são instigados por Satanás a invadir o país.

Até àquele dia, ainda que cobiçassem as propriedades de Jó, que se perdiam naqueles longes férteis e em todos aqueles pródigos infinitos, não se haviam atrevido a saqueá-las, por estarem os anjos de Deus a guarnecer cada alqueire do patriarca. Mas, agora, os muros de sebes, que os separavam daquelas possessões, são retirados, deixando-lhes livre o caminho para o despojo. O fato é assim narrado pelo autor sagrado: “Dividiram-se os caldeus em três bandos, deram sobre os camelos, os levaram e mataram aos servos a fio de espada; só eu escapei, para trazer-te a nova” (Jó 1.17).

Da narrativa sagrada, é-nos permitido supor que eles, envolvidos numa guerra com algum potentado da região, invadiram as fazendas de Jó para abastecer seus exércitos e reaparelhá-los. Tal prática, aliás, é bastante comum em tempos de guerra. Haja vista os persas que, em suas incursões, exauriam por completo os recursos dos povos que se achavam em seu caminho. Conta Heródoto que os exércitos da Pérsia, de uma feita, a fim de suprir seus exércitos de água potável, chegaram a secar todo um rio. Além dos insumos básicos, necessitavam os caldeus de camelos e de outras montarias para

substituir as que já se encontravam cansadas. Eram os camelos utilizados tanto para cargas como para o transporte de tropas devido à sua surpreendente resistência física.

Os caldeus organizaram-se para atacar a Jó: dividiram-se em três bandos (Jó I.7). O que temos aqui senão uma estratégia militar? Contra o patriarca até um exército se levantou.

Quantos servos de Deus não são apanhados por revoluções, surpreendidos por levantes armados e acossados pela guerra? Quando da Segunda Guerra Mundial, milhares de santos foram cruelmente perseguidos pelos nazistas. O corajoso pastor e teólogo alemão Dietrich Bonhoefer, por exemplo, foi encarcerado e executado pelos verdugos de Hitler por não se curvar aos seus desmandos e arbitrariedades. E o que diremos dos filhos de Israel friamente assassinados pela Alemanha? Seis milhões de judeus pereceram naqueles campos de extermínio que, espalhados pela Europa, iam recebendo o sangue da nação que mais contribuiu para o engrandecimento espiritual, moral e cultural do mundo. Muitos desses israelitas, encaminhados à morte, lembraram-se certamente da história de Jó.

Neste exato momento, muitos santos estão sendo torturados e mortos quer nos países totalitários, quer nos países fundamentalistas. Mas, vestidos de branco e com palmas nas mãos, em breve serão recepcionados pelo Senhor Jesus.

IV. Calamidades Meteorológicas

Distraídos com o banquete na casa do irmão mais velho, os filhos de Jó ainda não se haviam apercebido das calamidades que se esbatiam contra a família. A desgraça, porém, não demoraria em lhes sair ao encalço. E que desgraça seria esta? A

meteorologia! Se por um lado nos beneficia; por outro, pode levar-nos à completa ruína. E, não raro, utiliza-se o Senhor de seus fenômenos para castigar os filhos dos homens.

1. O tufão que matou os filhos de Jó. Registra o autor sagrado: “Eis que um grande vento sobreveio dalém do deserto, e deu nos quatro cantos da casa, a qual caiu sobre os jovens, e morreram; e só eu escapei, para te trazer a nova” (Jó I.19). A expressão hebraica utilizada para descrever o fenômeno é mui significativa: *ruah gedolah*. O substantivo, também usado para identificar o Espírito Santo, denota um vento irresistivelmente forte; algo que jamais poderia ser contido pelo homem: um arrasador tufão.

O fenômeno em muito se parece com aqueles furacões que, no Oriente Médio, soprando dalém do deserto, rapidamente alcançam as áreas habitadas, deixando em sua passagem, um rastro de destruição. De um vento assim, ouvimo-lhe a voz, mas não sabemos exatamente de onde vem, nem para onde vai. Seria aquele vento natural? Ou algo sobrenatural como aquele fogo que caiu do céu? Tão impetuoso era aquele vento que, de acordo com a narrativa bíblica, atingiu em cheio a casa onde se encontravam os filhos de Jó, derrubando-a sobre eles. Sobreviveu apenas o mensageiro que relatou a tragédia ao patriarca.

2. Deus e a meteorologia. Não controla o Todo-Poderoso os fenômenos meteorológicos? Então, por que haverá de permitir que tais forças se levantem contra os seus servos?

O fato de sermos crentes não significa estejamos livres dos raios ultravioletas do Sol nem dos respingos da chuva (Mt 5.45), nem que venhamos a escapar, necessariamente, das calamidades da natureza. Em consequência da seca, agricultores piedosos

eventualmente perdem promissoras colheitas; pecuaristas tementes a Deus vêem, de vez em quando, seu gado quedar sem vida por causa da estiagem. E aqueles homens e mulheres que, apesar de sua intensa vida de oração, não logram salvar os filhinhos de uma inundação súbita e implacável?

V. Calamidades Físicas

Não obstante todas essas calamidades, Jó ainda retém a sua integridade (Jó 2.10). O Diabo, todavia, alega ao Senhor que, enquanto Jó estiver saudável, manter-se-á firme na fé; mas, enfermo: virá certamente a renegá-la. Veja quão sentencioso e ousado é o Maligno: "Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida. Estende, porém, a tua mão, e toca-lhe nos ossos e na carne, e verás se não blasfema de ti na tua face!" (Jó 2.4,5).

Demonstrando quão fiel era o seu servo, o Senhor então permite ao adversário enfermar a carne de Jó, desde que não lhe tire a vida: "Então, saiu Satanás da presença do SENHOR e feriu a Jó de uma chaga maligna, desde a planta do pé até ao alto da cabeça. E Jó, tomando um pedaço de telha para raspar com ele as feridas, assentou-se no meio da cinza" (Jó 2.6,7).

I. A doença de Jó. Que doença era aquela? O texto bíblico descreve-a como uma chaga maligna; uma doença de tal forma terrível, cuja etiologia até hoje não pôde ser detectada. Seria a lepra em seu mais adiantado estágio? O fato de o patriarca se coçar com um caco de telha sugere que todo o seu corpo ficou não somente inchado, mas coberto de uma crosta supurante. Eis por que seus amigos tiveram dificuldades em reconhecê-lo (Jó 2.12). Além disso, o hálito tornara-se-lhe

insuportável, evidenciando uma rápida metástase (Jó 19.17). Tão aflitiva era a condição física de Jó que a esposa chegou a sugerir-lhe a eutanásia (Jó 2.9).

J. D. Michaelis, tomando por base a descrição do texto bíblico, diagnostica a doença de Jó como elefantíase: “Ela começa pela erupção de pústulas, que têm a forma de nódulos, daí o seu nome latino *lepra nodosa*. Em seguida, à semelhança do cancro, passa a cobrir toda a superfície do corpo, corroendo-o de tal modo que todos os seus membros começam a se separar uns dos outros. Os pés e as pernas incham-se de tal forma que se cobrem de crostas e coágulos até se assemelham às pernas dos elefantes. Eis por que a doença se chama elefantíase. O rosto incha-se; a voz torna-se fraca. A doença termina por tornar o paciente completamente mudo”.

No **Dicionário Médico da Família** de Gegraf-Maltese, a elefantíase é assim descrita: “Moléstia caracterizada por espessamento do tecido cutâneo e subcutâneo, principalmente dos membros inferiores e, com menor freqüência, do escroto, da vulva e do abdome. A elefantíase manifesta-se por tumefação anormal dos tecidos. É atribuída à estase venosa originada por alterações da circulação linfática. Existem duas formas: a provocada por ação patogênica de germes (*estreptococos*) e a devida a um verme”.

Seria esta a enfermidade de Jó? De qualquer forma, foi o patriarca constrangido a suportar as dores mais terríveis e os piores desconfortos a que um ser humano jamais fora submetido. Entretanto, reteve a sua integridade. Muitos são os servos de Deus que estão a sofrer as mais terríveis enfermidades. Uns, à semelhança de Ezequias, enfrentam um tumor maligno que, pouco a pouco, vão lhes consumindo as forças e o que

lhes resta das humanas feições. Outros, como o Lázaro da história narrada pelo Senhor Jesus, jazem cobertos de uma chaga que os tornam repulsivos, embora espiritualmente sejam os mais puros dos homens. Outros, ainda, tal como o jovem pastor Timóteo, vêem-se às voltas com uma doença no estômago que os fustiga com fortes ânsias.

Talvez esteja você a sofrer as mais insuportáveis dores. Durante as vigílias da noite, quando todos se acham a repousar, está você a revolver-se no leito sem achar uma posição confortável. Nestas horas, você pergunta ao Médico dos médicos: “Por que eu? Por acaso, não te sou fiel desde a mocidade? Então por que todo este sofrer?” Não posso dizer-lhe se esta doença é para a vida ou para a morte. De uma coisa, porém, tenho certeza: é para a glória de Deus. Se é para a morte, por que o Senhor Jesus não o leva agora para o céu, poupando-o de todo o tormento? Se você está nas mãos do Oleiro, Ele sabe quando exatamente o levará. Nem antes, nem depois. No momento certo, Ele o guindará às regiões celestes. Mas, se esta doença é para a vida, haverá você de levantar-se deste leito, e o nome do Senhor será em tudo exaltado. Aleluia!

VI. Calamidades Domésticas

Estava Jó para enfrentar ainda outros problemas. Se externamente via-se às voltas com a violência social, com a guerra sempre cruel e com as forças da meteorologia, agora estará ele enfrentando um problema doméstico: o desequilíbrio emocional, espiritual e moral da esposa. Vendo-lhe esta a chaga que lhe tomara o corpo; percebendo que, sob a ótica humana, não lhe restava nenhuma esperança a não ser a morte, propõe-

lhe uma medida extrema: “Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre” (Jó 1.8).

Apesar de todos os males que se haviam abatido sobre Jó, preservava ele a integridade de sua fé. Não culpou a ninguém; não amaldiçoou a Deus, nem de Deus veio a duvidar. Em tudo, íntegro. Como, porém, enfrentar uma mulher que, qual cotejar ininterrupto e persistente, acrescentava-lhe desconforto às dores e traumas às feridas? Sim, como enfrentar uma mulher que, ao invés de buscar a Deus, propõe-lhe uma medida extrema: “Amaldiçoa a Deus e morre”? O que ela queria? Que o esposo, apostatasse-se da fé e desistisse da vida? Sugeria-lhe a eutanásia? Quantos pacientes terminais não são incitados ao chamado suicídio assistido! Para fundamentar tais crimes, há todo um aparato filosófico e até teológico. Tais iniciativas, contudo, acabam sempre por gerar crimes monstruosos como o holocausto nazista.

O que responde Jó à esposa? “Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios” (Jó 1.10). Temos aqui não meramente uma resposta a um problema doméstico, mas um enunciado teológico de imensurável grandeza. Em primeiro lugar, o patriarca professa a existência num Deus que se interessa pelos seres humanos, que lhes dá o quando basta à existência, e que, em sua soberania, intervém, provando-nos e até nos tirando o necessário para que tenhamos a suficiência de sua graça.

Enfrenta você problemas com o seu cônjuge? Ame-o ainda mais; demonstre-lhe mais carinho. Conquiste-o sem palavras, sendo eloquente nas ações. Não desista de sua esposa,

marido; não desista de seu marido, mulher. Não permita que essa desventura temporária lhe destrua a ventura de uma vida a dois que pode ser eterna.

VII. Calamidades Teológicas

Dentre todas as ciências, é a teologia a rainha das ciências; é o mais alto dos saberes; Deus é a sua fonte de conhecimento. É a teologia também um inesgotável manancial de consolações: mostra-nos estar o Senhor preocupado com o homem, pois de tal maneira o amou que até o seu Unigênito entregou a fim de proporcionar-nos eterna salvação. Logo, como faz questão de ressaltar Martinho Lutero, a teologia não consiste em especulação; ela é consolação e prática.

Infelizmente, nem sempre a teologia faz-se conforto, principalmente quando tratada por gente inepta e eivada de atitudes que não recorrem ao verdadeiro conhecimento de Deus. Foi por isto que o escritor Elbert Hubbard decepcionou-se com teologia: “A teologia é uma tentativa de explicar um assunto por pessoas que não o entendem. O objetivo não é dizer a verdade, mas satisfazer o consulente”. Temos a impressão de que Hubbard referia-se aos amigos de Jó: Elifaz, Bildade e Zofar. Todos os três teólogos; presumidos e enfatuados teólogos; através de sua doutrina, fustigaram ao patriarca. Na verdade, foram eles a sétima calamidade que teve de sofrer o mais justo e piedoso homem daquela época.

Mas é a teologia calamidade? No silvo da serpente sim; fazendo teologia, induziu nossos pais à apostasia. Nos lábios de Balaão, sim; entretecendo uma teologia falaz e permissiva, levou Israel a cear com os idólatras, e a prostituir-se com as midianitas.

Na boca de Coré, sim; urdindo teologia, armou a rebelião no arraial hebreu. Na boca do Diabo, sim; trabalhando a teologia e citando as Escrituras, tentou a Cristo, buscando desviá-lo da cruz. E os amigos de Jó? Usando argumentos aparentemente verdadeiros; utilizando-se de uma lógica viciada; evocando premissas falsas; reivindicando postulados que, se verdadeiros aqui, são ali falsificados, diziam falar por Deus, mas Deus os desconhecia; alegavam possuir o verdadeiro conhecimento de Deus, mas se achavam em profunda ignorância.

Nos capítulos ainda por virem, estaremos enfocando com mais vagar os discursos de Elifaz, Bildade e Zofar; e veremos por que foram as teologias destes amigos de Jó tão inimigas da verdade. Pior que uma teologia falsa é uma teologia meio verdadeira. E o patriarca, em sua calamidade, teve de sofrer a calamidade que, pareça embora teologia, não passa de uma ímpia especulação.

Conclusão

Como reagir a todas essas calamidades? Jó sabia perfeitamente que, apesar da angústia daquela hora, havia um Deus no céu que a tudo contemplava. Assim, pôde ele manter-se íntegro; não negou a fé, nem optou pelo caminho que, para alguns, parece o mais fácil: o suicídio.

A prova a que nos submete Deus, por mais dolorosa e desconfortável, redundava sempre num crescimento espiritual que acaba por descortinar-nos todas as belezas do amor divino. Por isso, não se deixe abater pelas calamidades que, ultimamente, recaíram sobre si. Ele não permitirá seja você tentando além de suas forças; o escape não tardará.

Por enquanto, basta-lhe saber que, em sua tribulação, muitas são as vidas que se acham a consolar-se em Deus. Ora, se a sua provação constitui-se em conforto para os que o cercam, quanto mais o livramento completo do Senhor! Num momento de ardente crisol, escreveu J. H. Jowett: "Deus não nos consola para que vivamos uma vida cômoda, senão para que sejamos um consolo para os outros".

Capítulo 6

Adorando a Deus na Provação

Introdução

Num momento de inspiração raríssima, afirmou James R. Lowell: “Pode haver adoração sem palavras”. Tenho a impressão de que Lowell tinha em mente a imagem de um Jó recurvado sob o peso de todas aquelas calamidades. E, agora, prostrado e já em ruínas, o que poderia ele fazer? Que esperança lhe restava senão crer contra a própria esperança? Apesar de toda aquela situação, o patriarca encontra forças para reunir o pouco de forças que ainda lhe resta para adorar a Deus.

O que faríamos em seu lugar? Amaldiçoaríamos a Deus? E em seguida sairíamos ao encalço da morte? Foi o que lhe sugeriu a esposa. Ele, porém, demonstrando estar a sua fé além desses limites amesquinha-dos pelo imediatismo, põe-se a reverenciar ao Todo-Poderoso.

Temos de voltar a praticar a verdadeira adoração. Se não adorarmos a Deus como Ele o requer,

jamais seremos contados entre os discípulos de Cristo. Veio nosso Senhor ao mundo justamente para preparar um povo especial e zeloso, a fim de que adore ao Pai em espírito e em verdade. Quer estejamos no crisol, quer usufruindo da mais dúcida paz, mostremos a todos que a nossa crença não é um mero aparato litúrgico; é um ato que transcende a expectativa dos cultos meramente terrenos.

I. O que É a Adoração

C. S. Lewis, que se firmou no Século XX, como um dos maiores escritores cristãos de todos os tempos, aludindo à adoração a Deus, ressalta sentencialmente: “O homem que tenta diminuir a glória de Deus, recusando-se a adorá-lo, é como um lunático que deseja apagar o sol, escrevendo a palavra ‘escuridão’ nas paredes de sua cela”. Por conseguinte, somente um tolo se recusaria a adorar ao Todo-Poderoso; conquanto invisível, pode Ele ser visto nos mais inimagináveis recônditos da criação.

Todos somos compungidos à adoração. A. W. Tozer, ao discorrer acerca deste tão importante aspecto da teologia bíblica, preceitua: “Somos chamados a uma preocupação perene com Deus”. Mas, o que é realmente a adoração? Em que ela consiste?

I. Definição. A palavra adoração é originária do vocábulo latino *adoratione*, e significa reverência, veneração. Também é descrita como um ato; revela o amor incomum que o ser humano santifica ao Supremo Ser. João Calvino considerou a adoração a Deus o primeiro fundamento da justiça.

O teólogo americano E. H. Bancroft dessa maneira conceitua a adoração: “É a veneração e a contemplação da

criatura a seu Criador, Deus. Deve ser levada a efeito em completa dependência da orientação do Espírito, considerando-se o 'eu' como algo de que se deve desconfiar e renunciar”.

2. A adoração no Cristianismo. É a adoração o ponto central do Cristianismo. Através dela, o crente demonstra aceitar irrestrita e incondicionalmente a soberania divina sobre a sua vida. Isto significa submeter-se, de forma absoluta e sacrificial, ao plano que Deus nos traçou, quer implique este bonanças, quer implique a própria morte (Dn 3.17,18).

Karl Barth afirmou ser o culto cristão o ato mais importante, mais relevante e mais glorioso na vida do homem. O maior teólogo do século passado não se referia apenas à adoração pública; aludia também à adoração particular e secreta. E nisto achava-se de pleno acordo com Mathew Henry que, através de seus intensos serviços ao Senhor, veio a restaurar um postulado bíblico que se achava inumado em muitas igrejas: “A adoração pública não nos isenta da adoração secreta”.

A adoração não se restringe a uma mera liturgia; abrange a absoluta e amorosa obediência com que acatamos os mandamentos divinos (Rm 12.1-3). À samaritana, assegurou o Senhor Jesus que a verdadeira adoração não estaria centrada nem em Jerusalém, nem no monte Gerizim, mas teria como altar o coração daqueles que, em verdade, buscam a Deus através de seu Unigênito (Jo 4.23,24).

3. O verdadeiro significado da liturgia cristã. A palavra liturgia é originária do termo grego *leitourgia* que, por seu turno, é formada por estes dois vocábulos: *leitos*, público e *ergon*, trabalho. Literalmente significa serviço público. Na Antiga Grécia, a palavra era usada para designar uma função administrativa num órgão governamental. Desde a sua origem, tem a

liturgia uma forte conotação com o serviço que os súditos devem prestar ao rei.

Com o decorrer do tempo, o termo passou a designar o culto público e oficial da Igreja Cristã. Hoje é definido como a forma pela qual um ato de adoração é conduzido. Numa linguagem mais técnica, é o elenco de tudo o que concorre para a boa condução de uma reunião religiosa. Teologicamente, é tudo o que, diante de Deus, exprime a devoção de uma comunidade de fé: cânticos, leituras bíblicas, testemunhos, pregação, movimentos etc.

Mas que culto, ou que liturgia, poderia o patriarca Jó oferecer ao Senhor? Se ele se achava, agora, no pó e na cinza; se nada mais possuía e até de si já estava despossuído, o que haveria de ofertar ao Todo-Poderoso? Entretanto, residia exatamente aí, no auge de sua humilhação, a essência do culto que todos nós temos de apresentar ao Supremo Ser.

II. Jó Adora a Deus

No auge da provação, confessa o patriarca Jó que, ainda que o matasse Deus, em Deus confiaria (Jó 13.15). Isto é adoração e o mais provado dos amores! Veja como ele reage após inteirar-se das calamidades que se abatiam sobre si, sobre a sua família e sobre os seus bens: “Então, Jó se levantou, e rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça, e se lançou em terra, e adorou, e disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR” (Jó 1.20,21).

I. Adorar — um verbo irresistível. O verbo adorar em hebraico: *shachah*, significa prostrar-se, curvar-se, humilhar-se

com o rosto em terra, prestar reais homenagens a Deus como o Rei do Universo.

Jó, conforme explica Mathew Henry, humilhou-se sob a mão de Deus. Aliás, é o que nos recomenda Pedro: "Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte" (I Pe 5.6). Embora venhamos a experimentar as dores mais atrozes e o crisol mais ardente, humilhem-nos diante do Todo-Poderoso. Isto significa que, sendo potente a mão de Deus, encontra-se Deus não apenas no controle do que é provado, mas também da provação.

2. Jó adora a Deus. A adoração de Jó foi completa. Foi ele perfeito tanto em atitudes quanto em palavras: levantou-se, rasgou o manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra. Não era a atitude de um desesperado; e, sim, a de alguém que esperava contra a própria esperança (Rm 4.18). Em seguida, professa o seu credo: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR" (Jó 1.21).

Neste exato momento, selava o patriarca a sua vitória sobre toda a tormenta que se abatera e que, ainda, se abateria sobre si. Era a fé que levava à adoração; era a adoração que conduzia à vitória (Hb 11.33-38). Comentando as implicações da verdadeira adoração a Deus na vida de Jó, assim se pronunciou Weredith G. Kline: "Eis o homem sábio! Não sábio porque compreendesse o mistério dos seus sofrimentos, mas porque, sem compreender, continuou temendo a Deus".

Em toda a sua provação, o patriarca conduz-se de maneira correta e mais do que perfeita; reconhece o dedo de Deus em todas aquelas provas. E, agora, desvestido no corpo e na alma; despojado dos bens materiais e afetivos; e já sem poder

encobrir o corpo que, se no dia anterior, adornava-se de finas vestes, agora trajava-se de uma chaga maligna, põe-se ele completamente nu diante de Deus. Do ventre materno ao útero da terra, completamente nu. E, assim, espoliado de tudo, adora a Deus.

Teria você a necessária determinação, perseverança e alento para adorar a Deus em meio às provações a que Jó foi submetido? Se considerarmos nossas fragilidades e limitações, não. Todavia, o Cristianismo leva-nos a um amor tão elevado, e de tal forma indelével por Deus, que, mesmo no mais ardente crisol, somos surpreendidos pela alegria de adorá-lo independentemente das circunstâncias.

III. Adoração e Culto

O momento mais sublime do Livro de Jó não se encontra em seu epílogo; acha-se no prólogo. Fosse esta porção das Sagradas Escrituras aqui encerrada, já teríamos um grande final. Pois o adversário, que tanto caluniara o patriarca diante do Senhor, já estaria derrotado pelo fato de aquele pietíssimo homem, agora em ruínas, haver adorado a Deus exatamente quando todas as calamidades caíam sobre si. Uma vitória cristalizada num gesto de puríssima adoração.

Deseja você vencer todas as provações? Adore a Deus!

I. A adoração a Deus implica o reconhecimento de sua soberania. Por que Jó adorou a Deus de maneira tão singular? Porque jamais deixou de reconhecer-lhe a soberania sobre todas as coisas (Sl 24.1). Ora, se Deus, de fato, é soberano, tem Ele o inquestionável direito de agir como lhe apraz. Por isso, professa o patriarca: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu

tornarei para lá; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR” (Jó 1.21).

Sim! Bendito seja o nome do Senhor!

Habitasse em nós a expressão de louvor e de agradecimento, as derrotas redundariam em vitórias; as lágrimas, em conforto; o luto, em alegria. E, assim, refeitos nas promessas divinas e elevados na glória de sua glória, não nos deteríamos jamais nas causas secundárias das provações e vicissitudes; além destas, contemplaríamos sempre aquela bem-aventurança de que fala o apóstolo: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente” (2 Co 4.17). Era exatamente assim que o patriarca via aquele crisol. Por isto, sua expressão de louvor e agradecimento: “Bendito seja o nome do Senhor”. Quão musical é esta frase em hebraico: *ihí shem Yavé mivorak!*

F. B. Meyer, um dos mais piedosos comentaristas das Sagradas Escrituras, discorrendo sobre esta passagem de Jó, é incisivo: “Mas nós, que enxergamos não as causas secundárias, mas a Causa que está acima de todas, dizemos: ‘O Senhor o deu, e o Senhor o tomou’. Algumas vezes não conseguimos passar daí, mas, como somos felizes quando conseguimos ir além e dizer: ‘Bendito seja o nome do Senhor’. O verdadeiro crente não se importa com o que lhe acontece, desde que a glória do nome do Senhor permaneça imaculada e exaltada”.

O relacionamento de Jó com o Todo-Poderoso não era uma simples troca de favores. Mesmo se Deus viesse a tirar-lhe a vida, ele ainda o adoraria. Aleluia! De que forma você adora a Deus? Em espírito e em verdade? Ou porque dEle recebe bênçãos e favores materiais? O que fará você se for surpreendido pelas provações? Continuará a adorá-lo?

2. A adoração a Deus implica o reconhecimento de que Ele está no comando de tudo. Jó sabia que, não obstante todas as agruras, estava o seu Redentor no comando de tudo: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra” (Jó 19.25).

Se lermos os salmos de Davi, ou as cartas de Paulo, verificaremos que ambos os santos, quanto mais atribulados, mais ardentemente adoravam a Deus. O que dizer desta declaração do apóstolo: “Segundo a minha intensa expectativa e esperança, de que em nada serei confundido; antes, com toda a confiança, Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte” (Fp 1.20). Leia o Salmo 27, e veja quão excelsa era a adoração que Davi santificava ao seu Senhor.

3. A adoração a Deus implica o alegrar-se continuamente nEle. O profeta Habacuque confessou que, mesmo que lhe viessem a faltar os insumos básicos, alegrar-se-ia no Deus de sua salvação (Hb 3.18). Quanto ao rei Davi, professa: “Puseste alegria no meu coração, mais do que no tempo em que se multiplicaram o seu trigo e o seu vinho” (Sl 4.7).

Em que momento de sua dor, veio Jó a manifestar alguma alegria? No entanto, demonstra que o justo, quer esteja alegre, quer atribulado, de uma coisa tem certeza: o seu Redentor vive. Isto é mais do que alegria; é o mais alto regozijo.

Conclusão

Supunham os contemporâneos de Isaías estivesse a adoração a Deus restringida a uma liturgia pomposa e circunstancial. Por isso, repreende-os o Senhor: “Este povo me

honra com os lábios; seu coração, porém, acha-se distante de mim” (Is 29.13).

A adoração não pode estar limitada a um intercâmbio mercantil. Devemos adorar a Deus não em virtude dos bens que dEle recebemos; e, sim: porque Ele é o que é. Ele criou-nos; dEle somos. Ainda que de Deus nada viéssemos a receber, a Deus deveríamos prestar todas as honras. E se Ele nos matar, adorá-lo-emos com a nossa morte (Sl 116.15). Aleluia!

Talvez esteja você sendo provado de maneira singularmente insuportável. Mas é justamente agora, em meio a todo esse indescritível sofrimento, que a sua adoração a Deus tornar-se-á como o mais puro dos diamantes. Portanto, adore ao Senhor! Sim, adore ao Senhor! Aleluia! Assim, irá você experimentar o refrigério dos refrigérios.

Capítulo 7

O Lugar do Diabo na Provação de Jó

Introdução

“O Diabo usa os mais diferentes recursos para nos tentar do que um ator, com seu vestuário diverso, para apresentar-se no palco”. Desta afirmação de William Gurnall, deduzimos que o adversário, antes de incitar o Senhor contra Jó, empreendera muitos ataques contra o patriarca. Tentara-o com o orgulho; ele, porém, tinha um espírito humilde e mui quebrantado. Atiçara-o com a luxúria; ele, contudo, tinha um coração puro como puro era o seu olhar. Açulara-o com o poder; ele, todavia, sempre tivera em Deus a fonte de toda a autoridade. Provocara-o com a suntuosidade dos cultos pagãos; o servo do Senhor, entretanto, jamais se deixara embair pelo fausto da idolatria. Excitara-lhe os sentidos com a glória secular; o mais paciente dos homens, no entanto, conhecia uma glória atemporal e eterna.

Como tais investidas redundassem em fracasso, o Diabo, agora, desvestido de tentador e já travestido

de verdugo, incita o Senhor a que assolasse por completo a Jó. De início, arruina-lhe os bens; em seguida, intenta-lhe a flagelação física. Só não lhe tirou a vida, porque o Todo-Poderoso Iho havia proibido.

Conquanto não ignorasse a existência de Satanás, sabia Jó que este nada pode intentar contra os fiéis sem a expressa permissão de Deus. Por isso, agiu como um teólogo que, transcendendo o campo das teorias, experimenta na própria carne a realidade das coisas divinas. Ele não perdeu tempo com o Diabo; antes, renhiu por compreender por que Deus age, às vezes, de forma tão inesperada na vida de um justo, lançando-lhe os mais atrozes sofrimentos.

I. O Diabo Intromete-se nas Regiões Celestiais

Jó é uma das raras passagens das Sagradas Escrituras que mostram como atua o Diabo nas regiões celestes. Embora expulso de lá (Ez 28.16), intromete-se ele continuamente diante do Senhor, a fim de lhe acusar os santos. Como pode isto acontecer? Não são os céus um lugar reservadíssimo? A Bíblia mostra, mas não esclarece este fato (Dt 29.29). Por outro lado, diz-nos Paulo que o lugar do Diabo não é o inferno: príncipe deste mundo, circula ele por todos os países e nações, levando-os às desavenças entre si e à rebeldia contra o Senhor; príncipe da potestade do ar, acha-se o tentador exatamente nas regiões celestes (Dn 10.12-21; Ef 2.2).

Por conseguinte, o Diabo não se encontra no inferno, e nem deste é o chefe; encontra-se ele solto até que seja lançado, juntamente com os seus anjos, no lago de fogo (Ap 20.10).

I. A instalação das cortes celestes. De uma feita, apresentando-se os anjos diante do Senhor para cultuar-lhe a beleza da santidade, tinha-se a impressão de que nada, em todo o Universo, poderia toldar a indescritível magnificência que tomava por completo aqueles páramos que, um dia, haveremos de contemplar.

Todavia, no exato momento em que se instalavam as cortes celestes, a fim de que o Rei viesse a receber as honrarias, louvores e ações de graças que lhe são devidos, eis que se apresenta também o adversário. Se já não era servo de Deus, o que fazia ele entre os acólitos do Senhor?

Sim, neste tão indelével momento, quando os anjos cercavam o trono, quando os querubins o sustentavam, e quando os serafins, ao redor deste, clamavam: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos. Sim, exatamente neste momento, quando as hostes angelicais faziam as suas evoluções nos firmamentos mais infinitos, os céus são tomados por uma nota de desarmonia e tristeza. Neste instante, os céus deixam de ser céus; faz-se tribunal. O promotor, acusando, opõe-se contra o exercício das misericórdias divinas.

Michael D. Guinan, buscando as implicações desse tão singular cenário, descreve-o como um tribunal, cuja missão era julgar os libelos apresentados pelo Diabo contra os santos do Altíssimo.

2. Satanás calunia Jó diante de Deus. Certamente o Inimigo já vinha caluniando a Jó há bastante tempo por haver concluído fosse-lhe a integridade uma mera transação comercial. Se o patriarca recebia tanto de Deus, por que não lhe ser fiel?

Ora, se o Diabo já era um ativo acusador naqueles dias, quanto mais hoje. De Apocalipse 12.10, concluímos que, a cada dia que passa, redobra ele suas investidas contra os que já

entraram de posse da vida eterna: “E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite” (Ap 12.10).

Em seu comentário sobre a referida passagem, o pastor Mathew Henry deixa-nos esta oportuníssima admoestação: “O inimigo vencido odeia a presença de Deus, mas está sempre disposto a comparecer diante do Senhor para acusar-lhe o povo. Sejam os precavidos; não demos ao Diabo qualquer ocasião, a fim de que nos acuse. Quando pecarmos, julguemos a nós mesmos, reconheçamos nossos erros e iniquidades e apresentemo-nos diante de Deus. E Cristo, que está à destra do Pai, atuará como o nosso advogado”.

Como calar a Satanás? Permite-lhe o Todo-Poderoso que toque nos bens de Jó; proíbe-o, contudo, de fazer qualquer tentativa contra a vida do patriarca. E, assim, passa o Diabo a arruinar o varão de Ur; num único dia, arruína-o totalmente. E Jó? Como reage? Porta-se com singular integridade; mesmo às portas da destruição, adora a Deus.

Como não conseguisse induzir Jó à apostasia, supõe o adversário que, cancerando-o do alto da cabeça à sola dos pés, iria o patriarca, indubitavelmente, blasfemar do santo nome de Deus (Jó 2.4,5). Uma vez mais, demonstra o Diabo pouco entender da atuação divina na vida de um homem que, sem reservas, entregara-se ao Senhor. Mesmo reduzido à mais abjeta das degradações, Jó adora a Deus (Jó 2.10).

Alguns teólogos sustentam que o Diabo assim procedeu, pois tinha direitos legais sobre Jó, em virtude de este apresentar algumas falhas espirituais. Por isso não restou outra alter-

nativa a Deus senão entregar o seu servo ao maligno. Não sei como esses tais doutrinadores conseguem inventar tantos disparates. Ora, basta ler as Sagradas Escrituras para se constatar que o Diabo não possui direito algum quer sobre os céus, quer sobre a terra, seja sobre os anjos, seja sobre os homens.

Satanás não tinha e não tem qualquer direito sobre os seres humanos.

A Bíblia é mui clara a este respeito: “Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.4). Tanto a alma do justo, como a do ímpio, pertencem a Deus (Ec 12.7). Sendo o soberano de quanto existe, tem Ele o poder de quitar a alma de qualquer ser humano (Lc 12.20). Os bons, leva-os para o céu; os maus, manda-os para o inferno (Lc 16.20-24).

3. Jó envergonha o adversário. Acredito que, desde o dilúvio, não havia o tentador ainda se deparado com alguém tão íntegro e reto quanto Jó. Seria possível um outro Abel? Um novo Enoque? Ou um gêmeo de Noé? Estava ali um homem com o amor e o desprendimento de Abel, com a resolução de Enoque e com a inteireza de Noé. Era o patriarca um dos varões mais piedosos de todos os tempos (Ez 14.20). Além disso, tinha a seu favor o testemunho do próprio Deus (Jó 2.3).

Embora haja o Senhor criado seres tão poderosos como o arcanjo Miguel, tão maravilhosos como Gabriel, tão ardentes como os serafins e tão zelosos quanto os querubins, aprouve-lhe usar as mais frágeis de suas criaturas para derrotar o mal. Diante de uma tão grande demonstração de sabedoria, indaga o salmista: “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem

mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo; as aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares. Ó SENHOR, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a terra!” (Sl 8.3-9).

Sim, quem é o homem para que Deus o use de forma tão maravilhosa? Se o ser humano no Éden já era mui pequeno e desprezível, o que dele diremos após a queda? Os anjos caídos, posto que ainda magníficos, jamais puderam ser recuperados. Todavia, o homem, mesmo destituído do Reino de Deus, teve condições de reerguer-se e habitar os lugares celestes mediante os méritos de Cristo (Ef 2.6).

Foi um instrumento mui frágil, como Jó, que o Senhor empregou para derrotar o Diabo. Por isto aparece Satanás, agora, a fim de injuriar o patriarca e cobri-lo de afrontas e de calúnias. O interessante é que Jó, em todos os seus transes e aflições, jamais se referiu ao adversário; tirou-o do cenário; fez dele um ator sem importância alguma.

II. Jó Tira Satanás de Cena

O autor sagrado mostra que, mesmo com o Diabo fora de cena, a história de Jó não perde o ritmo nem o clímax; ganha intensidade e beleza.

Após o capítulo dois, só temos uma inferência ao Diabo: “Então, um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos da minha carne; parou ele, mas não conheci a sua

feição” (Jó 4.15,16). Esta observação, todavia, não é de Jó; pertence a Elifaz que, vindo para consolar o patriarca, fora influenciado pelo maligno para atribulá-lo. Quanto a Jó, atribui todo o seu sofrimento ao Todo-Poderoso:

“Porque as flechas do Todo-Poderoso estão em mim, e o seu ardente veneno, o bebe o meu espírito; os terrores de Deus se armam contra mim. E que Deus quisesse quebrantar-me, e soltasse a sua mão, e acabasse comigo! Isto ainda seria a minha consolação e me refrigeraria no meu tormento, não me poupando ele; porque não repulsei as palavras do Santo” (Jó 6.4,9,10).

Concernente a Satanás, temos de agir com muito equilíbrio e bom senso. Se por um lado não devemos vê-lo em todas as coisas; por outro, não temos de ignorar-lhe a existência nem suas ações daninhas. Ele existe e sua missão é matar, roubar e destruir (Jo 10.10). Infelizmente, há teólogos que, contaminados pelo modernismo, afirmam que o adversário não existe. Se ele não existe, então há alguém fazendo o seu trabalho.

III. A Atitude de Jó Não Era Dualista

Outrossim, haveremos de nos precaver para não supervalorizarmos o Diabo, transformando-o num ser tão poderoso quanto Deus. Esta posição acabará por descambar num perigoso dualismo.

I. O que é o dualismo. Dualismo é uma doutrina, segundo a qual há, no Universo, dois princípios igualmente ativos e poderosos: o Bem e o Mal. E acham-se ambos envolvidos numa luta que, tendo início na mais remota eternidade, só terminará quando o primeiro vencer por completo o segundo.

Esta doutrina, conhecida também como maniqueísmo, por haver sido popularizada pelo filósofo persa, Mani, teve

uma razoável acolhida na Índia, China, África, Itália e Espanha. Veremos, a seguir, por que o dualismo é antagônico às Sagradas Escrituras.

2. Deus é único. Em primeiro lugar, só há um Todo-Poderoso em todo o Universo: Deus. Sendo Ele único e verdadeiro, criou tudo quanto existe, inclusive o ungido querubim que, por desviar-se da verdade, transformou-se no Diabo: o arquiinimigo do Senhor (Ez 28). Quisesse Deus, poderia tê-lo destruído no exato momento em que ele desafiou-o nos céus. O Senhor, porém, sendo a própria justiça, possui um tempo determinado para tratar com cada uma de suas criaturas morais. Que o Diabo será lançado no lago de fogo, não há dúvida; contudo, haverá de sê-lo no momento apropriado, até que todo o processo da justiça divina seja devidamente concluído (Mt 25.41; Ap 12.12; 20.10).

3. A luta contra o Diabo. O dualismo é carente de fundamentos porque, na verdade, quem tem de lutar contra o Diabo não é Deus, e, sim, os crentes (Tg 4.7). Nesta luta, porém, não estamos só. O Senhor Jesus enviou o Consolador, a fim de confortar-nos em todo o transe (I Jo 4.4). E as armas espirituais que Ele nos colocou à disposição? (Ef 6.10-19)

4. A falácia do dualismo. Temos de nos haver com muito cuidado para não cairmos nas sutis ciladas do dualismo. Existe apenas um só Deus subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Houvesse mais de um Deus: o Bem e o Mal, como muitos o crêem, ambos deixariam de ser Deus, porque ambos mutuamente se excluiriam. Foi por isso que Jó ignorou o Diabo; este, apesar de ser chamado de o deus deste século, nunca foi Deus nem jamais o será: não passa de uma criatura orgulhosa e soberba que, presumindo-se deus, levanta

tou-se contra o único e verdadeiro Deus. Mas, em breve, será ele lançado no lago de fogo. Quanto a nós, estaremos para sempre com o Senhor! Aleluia!

Conclusão

Infelizmente, muitos são os cristãos que, embora acreditem no Deus único e verdadeiro, na prática são dualistas. É o que dizer daqueles que temem os trabalhos de macumba, supondo possuir o Diabo suficiente poder para arruinar a herança de Cristo? Nada disso tem valor algum contra o povo de Deus: “Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel” (Nm 23.23). Assim como Balaão não conseguiu amaldiçoar a Israel, treva alguma prevalecerá contra os que se encontram em Cristo.

Lutemos, pois, contra as hostes infernais em nome daquele que, na cruz, garantiu-nos eterna vitória. Aleluia!

Capítulo 8

Ainda Reténs a tua Integridade?

Introdução

Afirmou João Calvino ser a integridade algo indispensável ao coração. O grande reformador do Século XVI, que tão relevantes serviços prestou à Igreja de Cristo, sabia muito bem ser a inteireza de caráter algo imprescindível ao pleno desenvolvimento do ser humano. Em Calvino, não era a sinceridade algo teórico; era uma prática que se cristalizara em todos os âmbitos de sua abençoada vida.

Infelizmente, depara-se o mundo evangélico com uma seriíssima crise de integridade. Nunca tantos homens de Deus deixaram-se corromper tanto em tão pouco tempo. Agora, compreendemos por que indagou o Senhor aos seus discípulos: “Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?” (Lc 18.8).

Embora submetido ao mais ardente crisol, Jó perseverou em sua integridade. Sabia ele que, a menos que se firmasse no caminho da justiça, viria a perecer como muitos antes dele pereceram, e como muitos outros haveriam de perecer. Varão

comprovadamente incorruptível, não mercadejou a sua fé, nem pôs a sua retidão à venda; sua fidelidade ao Senhor era inegociável.

Quanto a nós, como nos haveremos diante deste desafio: “Ainda reténs a tua integridade?”

I. O que É a Integridade

Como podemos conceituar a integridade em nosso cotidiano? De que forma haveremos de defini-la em nossa vida prática? Ao contrário do que muitos imaginam, não estamos diante de um substantivo abstrato; exige a Palavra de Deus que a integridade se faça substância, concretizando-se em todas as áreas de nossa existência. Menos do que isso é inaceitável diante dos reclamos do Juiz de toda a terra.

1. A integridade. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, “integridade” é uma palavra que comporta os seguintes significados: inteireza, retidão, imparcialidade, inocência e pureza. No hebraico, a palavra integridade é representada pelo vocábulo *tamim*, que traz estes sentidos: completo, pronto, perfeito e inculpável.

A Versão Corrigida de Almeida, influenciada ainda pelo português do Século XVII, utiliza o vocábulo “sinceridade” em lugar da palavra “integridade”. Apesar de ambos os termos serem tidos como sinônimos, o segundo é mais enfático: retrata, de maneira vívida, a postura daquele que jamais trafica a sua fidelidade ao Senhor. “Integridade” acha-se hoje mais de acordo com o original hebraico.

2. A importância da integridade no caráter do cristão. No Salmo 15, descreve Davi o caráter do verdadeiro cidadão

do céu. De conformidade com as demandas divinas, temos de ser comprovadamente íntegros; em nossa vida, a perfeição moral não pode ser um simples adorno nem um mero detalhe; é algo visceral e orgânico; haverá de nos permear todo o ser.

Ao proferir o Sermão do Monte, insta-nos o Senhor a sermos perfeitos como perfeito é o Pai Celeste (Mt 5.48). Como, porém, alcançar a perfeição daquEle que é a suma perfeição? Com uma pergunta, responde John Wesley: “O que é a perfeição cristã? Amar a Deus de todo coração, mente, alma e forças”. Não há subterfúgios; temos de ser imitadores de Deus (Ef 5.1).

Do justo Abel ao amoroso João, os santos todos da Bíblia porfiaram em cultivar um elevadíssimo caráter. Através de suas obras de justiça, mostraram que o homem de Deus tem de ser a grande referência ética numa sociedade que jaz no maligno. Enfatiza o autor da Epístola aos Hebreus que os antigos, pela fé, praticaram a justiça. Logo: a justiça sem fé é impossível, e a integridade não é possível sem a justiça. As reivindicações divinas quanto a uma vida reta, sincera e honesta, não foram alteradas.

II. A Integridade Sexual do Homem de Deus

Apesar de o costume da época tolerar a poligamia, optara Jó pelo ideal monogâmico (Gn 2.24). Tinha ele apenas uma mulher; jamais aproveitara-se de seu poder econômico para montar um harém; nem alimentava em secreto uma concubina. Seu ideal de pureza transcendia os hábitos de seu tempo; o mais importante, para ele, era adorar a Deus na beleza de sua santidade.

O evangelista americano Stanley Jones deixa-nos esta grave advertência: “A batalha da vida provavelmente não será superior à batalha do sexo”. Se não atendermos às demandas da Bíblia neste sentido, jamais entraremos no Reino de Deus.

I. O ideal de castidade de Jó. Mantinha o patriarca um elevadíssimo padrão de castidade; em tudo atendia ao pleito que o Senhor Jesus delinearia no Sermão da Montanha: “Qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela” (Mt 5.28). Ouçamos, agora, a Jó quando protestava a sua inocência diante de seus implacáveis amigos: “Fiz concerto com os meus olhos; como, pois, os fixaria numa virgem?” (Jó 31.1).

No hebraico, a palavra “concerto” encerra um admirável emblema. *Berith* não significa somente aliança; primariamente, denota o ato de cortar. Temos, aqui, uma referência a um costume semita mui antigo: quando do estabelecimento de um pacto, cortava-se ao meio o animal a ser oferecido no altar divino. Em seguida, as partes envolvidas passavam por entre a carcaça da vítima, assinalando verbalmente que tal deveria acontecer àquele que não observasse o concerto estabelecido.

Jesus reafirmou o que dissera Jó; e o fez de maneira dramática e mui incisiva: “Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado no inferno” (Mt 5.29). Está o Senhor alertando-nos claramente: quebrado o pacto de pureza entre o homem e os seus olhos, poderão estes lançar aquele no inferno, caso ele não se arrependa, e volte aos princípios de integridade expostos na Palavra de Deus.

Se o pecado tem início com um olhar lascivo, por que se deixar prender pela concupiscência dos olhos? (Pv 6.25; I Jo

2.16). Não foi exatamente isso que instigou a Davi a cometer aquele grosseiro pecado? (2 Sm 11.1-3)

2. A integridade sexual do filho de Deus. No Antigo Testamento, embora fosse o judeu advertido contra o adultério, pouca recomendação havia quanto à cobiça dos olhos. No entanto, alguns varões como Jó e José cumpriram de forma absoluta e perfeita o sétimo mandamento, apesar de viverem num período anterior ao Decálogo (Êx 20.14). Mais tarde, em seus Provérbios, exortaria Salomão: “Não cobices no teu coração a sua formosura, nem te prendas com os seus olhos” (Pv 6.25). Basta um olhar permissivo para que o homem de Deus comece a perder a sua visão espiritual.

Se Jó fez uma aliança com os seus olhos, a fim de não pecar contra Deus, por que agiríamos doutra forma? (Mt 5.29). Muitas são as facilidades, hoje, para se deixar arrastar pelo apetite desordenado dos olhos (Mt 24.12). Aí está a televisão com seus programas imorais; a internet com as suas armadilhas; a pornografia com as suas propostas corruptoras, resguardada sempre sob o manto da liberdade de expressão. Que tenhamos, pois, a mesma atitude do salmista: “Não porei coisa má diante dos meus olhos; aborreço as ações daqueles que se desviam; nada se me pegará” (Sl 101.3).

De uma feita, advertiu um pastor que o crente não cai em adultério; entra neste aos poucos, devagarinho. Hoje, um flerte; amanhã um toque; mais tarde um abraço e um beijo. Aí vem o convite para aquele jantar que empanzina a carne e enfraquece o espírito. Depois, as confidências e os confortos que se vão multiplicando, até que redundem numa inesperada junção carnal. E tudo aconteceu num segundo; você não queria ir tão longe, mas acabou por romper as fronteiras do inferno.

Já caído, o que fará o homem de Deus? Vai racionalizando o seu pecado até que este se torne banal, como banal se tornou a sua vida. Um adultério não confessado trará outros delitos igualmente graves. Antes de se tornar homicida, fez-se Davi adúltero. Que o Senhor nos guarde desta iniquidade: “O que adultera com uma mulher é falto de entendimento; destrói a sua alma o que tal faz” (Pv 6.32).

Se esta é a sua situação, confesse o seu pecado. Procure o seu pastor imediatamente; ele saberá como orientá-lo.

Todavia, não é somente com o adultério que devemos nos precaver. Que o nosso leito conjugal seja íntegro; que não seja contaminado por certas práticas que, embora consideradas normais pelo mundo, são condenadas pela Bíblia Sagrada. Desgraçadamente, ensinam alguns mestres que, aquilo que o homem e a sua esposa fazem entre quatro paredes, só interessa ao casal. Eis, porém, uma mentira que Satanás vem lançando contra os santos, a fim de induzi-los à perdição eterna. Nesta questão, temos de ser claros; não há como tergiversar. Tanto o sexo anal, como o oral; tanto os filmes pornográficos que alguns casais assistem para se excitar, como a freqüência a certos lugares: motéis, clubes de nudismo, festas mundanas, cassinos etc; tanto as práticas sadomasoquistas como outros comportamentos igualmente animalescos; tanto o homossexualismo, masculino ou feminino, quanto a troca de parceiros como ocorre em certos círculos moderninhos; enfim: todas estas coisas são abominações diante do Deus santo e justo. Ele jamais as tolerará, pois de seus filhos exige: “Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo” (Lv 19.2). Atentemos a esta outra advertência do Espírito Santo: “Venerado seja entre todos o matrimônio e o

leito sem mácula; porém aos que se dão à prostituição e aos adúlteros Deus os julgará" (Hb 13.4).

De todos nós exige o Senhor integridade sexual. O crente que se entrega ao adultério, à fornicação e à pornografia, jamais poderá firmar-se nos caminhos do Senhor.

III. A Integridade Social

Jó considerava com muita seriedade a integridade social. Lamentavelmente, não são poucos os cristãos que fazem de sua existência uma infundada e cômoda dicotomia. A fim de justificar a sua vida torta e degenerada, explicam solenemente que, como homens de negócio, não devem misturar a vida espiritual com a social, como se essa gente tivesse vida espiritual para misturar com alguma coisa. Assim se desculpando, põem-se a corromper a todos; até os melhores tentam corromper. Todavia, as Sagradas Escrituras desconhecem este binômio. O que o crente é, na igreja, deve sê-lo também na vida particular (I Co 10.32).

O pastor americano Richard Dortch muito sofreu por haver traficado com a sua integridade. Confessa ele que, sem o perceber, começou a negociar os mais caros valores de sua vida. Não apenas se deixava corromper como também punha-se a deformar os mais elevados caracteres. A insensibilidade de sua consciência chegou a tal ponto, que nenhuma advertência já lhe fazia sentido. Um dia, porém, viu-se constrangido a prestar contas de todos os seus atos. Que vergonha para o Evangelho! Um pastor, acima de qualquer suspeita, era recolhido a uma penitenciária federal, a fim de resgatar uma pesada dívida para com a sociedade a quem deveria ser uma referência moral.

I. A integridade social. É a inteireza de caráter com que cumprimos nossos deveres como membros de uma sociedade política e juridicamente organizada. Isto implica a observância rigorosa e ética das leis, e a recusa de casuísmos e brechas jurídicas. Que jamais tratemos as leis como o fez certo estadista: “A lei? Ora, a lei!” Quem é, de fato, filho de Deus, acata as leis por mais duras e pesadas; paga seus impostos, ainda que injustos; submete-se às multas. Afirmo Montaigne que as leis mantêm-se em vigor não por serem justas, mas por serem leis. Se elas existem, como ignorá-las? Ainda que inexistissem, tem o crente em seu coração os mandamentos de Deus; infinitamente, transcendem estes a todos os estatutos terrenos. Por isso, Jó, em momento algum, deixou de observar as leis de Uz. Ele sabia que de seu testemunho, como homem de Deus, dependia a regeneração de seus contemporâneos.

Não são poucos os crentes que abandonam a prática da justiça, escondendo-se numa perigosa pressuposição teológica. Advertidos por alguma ilicitude, desculpam-se: “Se o mundo vai de mal a pior, o que posso eu fazer?” Haverá você de fazer o impossível, a fim de que o seu testemunho, como filho de Deus, se torne possível. Sim, diz a Bíblia que o mundo vai de mal a pior, mas o mesmo não haverá de acontecer nem com o nosso sal, nem com a nossa luz. Enquanto aqui estivermos, salgaremos a terra; enquanto não formos arrebatados, haveremos de resplandecer como astros neste século de densas trevas. Que o justo, pois, continue a fazer justiça!

2. Em que consiste a integridade social do crente. Não deve o crente limitar-se a observar as leis; tem de transcendê-las em seu cumprimento. Se nos limitarmos a obedecer às leis dos homens, como nos haveremos ante as demandas de Deus?

A maioria dos ímpios assim não age? Eles o fazem com medo das penalidades terrestres; fazemo-lo, contudo, pois esperamos as recompensas celestes. Além de observarmos as leis, que amparemos os órfãos, socorramos as viúvas e assistamos os necessitados (Tg 1.27). Se a nossa justiça não exceder a dos filhos deste mundo, jamais seremos considerados filhos de Deus (Mt 5.20).

Tem você praticado a justiça? Tem sido correto com os seus empregados? Tem se importado com os mais carentes? Lembre-se: Deus tudo vê, e exige sejamos corretos em toda a nossa maneira de ser e existir. Eis como agia o patriarca Jó:

“Se desprezei o direito do meu servo ou da minha serva, quando eles contendiam comigo, então, que faria eu quando Deus se levantasse? E, inquirindo a causa, que lhe responderia? Aquele que me formou no ventre não o fez também a ele? Ou não nos formou do mesmo modo na madre? Se retive o que os pobres desejavam ou fiz desfalecer os olhos da viúva; ou sozinho comi o meu bocado, e o órfão não comeu dele (porque desde a minha mocidade cresceu comigo como com seu pai, e o guiei desde o ventre da minha mãe); se a alguém vi perecer por falta de veste e, ao necessitado, por não ter cobertura; se os seus lombos me não abençoaram, se ele não se aquecia com as peles dos meus cordeiros; se eu levantei a mão contra o órfão, porque na porta via a minha ajuda, então, caia do ombro a minha espádua, e quebre-se o meu braço desde o osso” (Jó 31.13-22).

Era Jó um grande filantropo. Estava sempre disposto a socorrer o semelhante. Amava a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo. Cumpria-se nele a perfeita lei do amor. Portanto, não nos limitemos a falar do pão que

desce do céu; demos igualmente ao semelhante o pão que brota da terra. Não estou insinuando deva ser o Evangelho um simples aparato social, ou uma arma política. O que busco enfatizar é que a nossa obra deve ser completa.

IV. A Integridade Espiritual

O que é a integridade espiritual? É a fé no Deus único e verdadeiro e na salvação que nos providencia Ele por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo, seu amado e unigênito Filho. A integridade espiritual implica em se confiar plenamente em Deus, e consultar-lhe a vontade através da Bíblia Sagrada que é a sua inspirada, inerrante e infalível palavra.

I. A confiança de Jó. Embora rico, o patriarca jamais pôs a sua esperança no ouro; sabia que este, apesar do brilho, não pode garantir-nos a verdadeira felicidade. Ele mesmo o confessa: “Se no ouro pus a minha esperança ou disse ao ouro fino: Tu és a minha confiança” (Jó 31.24).

Se recorrermos ao hebraico, constataremos que a palavra “esperança”, neste caso específico, encerra um significado mais forte: *kislah* denota também tolice e loucura. Quer isto dizer que, se depositarmos nossa esperança no ouro, estaremos agindo de forma irresponsável e estulta. Assim era Nabal. Supondo estivesse seguro em suas riquezas, veio a perdê-las juntamente com a própria vida (1 Sm 25.25). E aquele rico da parábola contada pelo Senhor? (Lc 12.20) Infeliz de quem põe a sua esperança no ouro.

Contaminada pela Teologia da Prosperidade, a igreja evangélica parece haver desviado o foco de sua adoração. Ao invés de se venerar o Abençoador, venera a bênção; em vez de ado-

rar aquEle que é dono da prata e do ouro, adora o ouro e a prata; em lugar de cultuar a glória do Senhor de toda a glória, contenta-se com o brilho de coisas que, embora reluzam, não passam de falsificações ordinárias. Eis chegado o momento de nos voltarmos à manjedoura, e adorar o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Embora nada possuísse, Jesus Cristo enriqueceu a nossa vida com a sua morte. Aleluia!

2. Consultava única e exclusivamente a Deus. Jó não consultava nem as estrelas nem se dava aos sortilégios tão comuns naqueles dias. Sabia que a resposta certa vem do Senhor: “Se olhei para o sol, quando resplandecia, ou para a lua, caminhando gloriosa; e o meu coração se deixou enganar em oculto, e a minha boca beijou a minha mão” (31.26-27).

Naquele tempo, tinham os idólatras o costume de enviar beijos à lua e às estrelas. Ignorando a Deus e a sua justiça, adoravam os astros como se tivessem estes alguma resposta. Nenhum negócio era fechado sem que se consultasse os corpos celestes. Apesar de todos esses milênios transcorridos, quase nada mudou; além das estrelas, busca-se hoje orientação naqueles astros que ocupam a mídia, traficando previsões mentirosas e prognósticos enganadores.

Se você necessita da resposta divina, consulte a Bíblia. Não se deixe prender pelos sortilégios nem pelos que dizem conhecer o futuro. Se entregamos o passado a Deus, e se Ele está presente em nosso presente, por que lhe não confiar, também, o futuro? Assim agia o patriarca. Eis por que, em momento algum, viu-se abandonado por Deus. Sim, consulte a Bíblia! Saul perdeu a sua integridade espiritual ao recorrer à pitonisa de En-Dor. E quão lutuoso foi o seu fim!

Conclusão

Ainda reténs a tua integridade? No auge de sua provação, Jó viu-se constrangido a responder a esta pergunta que, insultuosamente, lhe dirigira a esposa. Sua integridade não era uma simples formalidade; era-lhe algo inerente ao caráter. E ela o sabia muito bem. Entretanto, queria saber se, apesar de todas aquelas provas, conservava ele sua perfeição moral e espiritual (Jó 2.9).

Ainda reténs a tua integridade? Como se haverá você diante dessa pergunta? Se chegou o momento de respondê-la, não vacile; aja com firmeza e determinação. De sua resposta, depende o seu destino eterno.

Desgraçadamente, muitos foram os que, premidos pelas circunstâncias, colocaram sua retidão à venda. E, hoje, acham-se desacreditados diante da família, da igreja e da sociedade; apesar do preço com que se venderam, não passam de mercadorias refugadas.

Capítulo 9

Jó Amaldiçoa o Dia do seu Nascimento

Introdução

A jornalista evangélica Andréia Di Mare perguntou-me, quando eu finalizava este livro, quanto tempo durara a provação de Jó. Confesso que, até aquele momento, não havia atinado ainda sobre o assunto. Reparei então que, se lermos atentamente a história do patriarca, haveremos de constatar que a tribulação do paciente servo de Deus pode haver se estendido por quase um ano. Levemos em conta alguns fatores.

Desde que as calamidades começaram a se abater sobre Jó, até à chegada de seus amigos, temos pelo menos três semanas. Pois Elifaz, Bildade e Zofar tiveram de se deslocar de longínquas regiões até à terra de Uz. Aqui chegando, quedaram-se emudecidos por sete dias; faltavam-lhes palavras para consolar alguém que não podia ser consolado.

Finda aquela semana, pôs-se Jó a falar. Suas primeiras alocações foram de amarga maldição contra o dia de seu nas-

cimento. Se o Diabo esperava fosse o patriarca dirigir suas invectivas contra Deus, enganara-se. Em momento algum, portou-se Jó de maneira blasfema e irreverente em relação ao Senhor Deus.

A pergunta da irmã Di Mare é uma resposta mui oportuna; revela que o perseverante varão, antes de endereçar todos aqueles reptos contra o seu natalício, suportara pelo menos um mês de resignada dor. Embora não saibamos exatamente quantos dias durou a sua prova, de uma coisa temos certeza: foi mais do que podia suportar um ser meramente humano.

I. Jó Amaldiçoa o seu Dia Natalício

Até este momento, comportara-se Jó de maneira irrepreensível. Diante de todas aquelas tormentas, tivera ele a necessária humildade e ousadia de lançar-se em terra, e adorar a Deus. O autor sagrado adianta que, em tudo isso, não pecara ele contra o Senhor (Jó I.22).

Mas, agora, já desfigurado pela doença e já em tudo uma pavorosa ruína, põe-se a amaldiçoar o seu dia natalício. E ele o faz diante de seus três amigos: Elifaz, Bildade e Zofar.

I. Jó amaldiçoa o dia do seu nascimento. Atentemos ao que narra o autor sagrado: “Depois disto, abriu Jó a boca e amaldiçoou o seu dia” (Jó 3.1). O verbo amaldiçoar usado, nesta passagem, é mui significativo em hebraico: *qâlal* denota as seguintes ações: tratar com menosprezo, desprezar.

Com a palavra, o patriarca Jó:

“Pereça o dia em que nasci, e a noite em que se disse: Foi concebido um homem! Converta-se aquele dia em trevas; e Deus, lá de cima, não tenha cuidado dele, nem resplandeça

sobre ele a luz! Contaminem-no as trevas e a sombra da morte; habitem sobre ele nuvens; negros vapores do dia o espantem! A escuridão tome aquela noite, e não se goze entre os dias do ano, e não entre no número dos meses!” (Jó 3.3-6).

Sim, ele amaldiçoa enfaticamente o dia de seu nascimento. Em momento algum, porém, desfere qualquer palavra contra o Senhor, conforme salienta F. B. Meyer: “Jó abre a boca com uma maldição. Mas ela não era contra Deus, como Satã esperava. A palavra hebraica é diferente da que ele emprega (Jó 2.9). Ele não amaldiçoa Deus, mas o dia do seu nascimento, e pede que sua existência despojada e sofredora possa terminar o mais depressa possível. As palavras de Jó são muito proveitosas para todos aqueles cujo caminho é oculto. A alegria da vida se foi? Todavia seus deveres permanecem. Continuemos nestes e o caminho nos levará de volta à luz”.

Na noite em que Jó nasceu, houve não somente luz, como música: “Ah! Que solitária seja aquela noite e suave música não entre nela!” (Jó 3.7). Entretanto, almeja agora não somente apagar aquela luz que lhe iluminou o nascedouro, como sufocar a melodia que lhe embalou os primeiros instantes na terra.

Sofocleto chegou a considerar o seu aniversário como aquele pesado tributo a que era obrigado a pagar para continuar existindo. Em contrapartida, Moisés, diante da brevidade da vida humana; ante os sofrimentos que nos cercam; defronte de todos os enfados e canseiras que nos rodeiam; e já em frente ao inexorável da existência, uma só coisa pediu ao Senhor: “Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira que alcancemos coração sábio” (Sl 90.12). Que estou eu sugerindo? Não era sábio o coração de Jó? Então, por que amaldiçoa o dia de seu natalício?

Seria razoável todo aquele amargor? Responderia ele que sim, como Jonas o fez diante da abóboreira ressequida (Jn 4.9). No auge do crisol, todas as coisas nos parecem razoáveis e lógicas. Mas, passada a tormenta, percebemos quão ilógicos nos portamos (Jó 42.3). É em nossa ilogicidade que mostra Deus toda a beleza de sua razão.

2. Os amaldiçoadores profissionais. Buscando tornar ainda mais forte a imprecação que lançava contra o dia de seu nascimento, deseja agora o patriarca que um amaldiçoador profissional ajude-o a cobrir de impérios a noite em que veio à luz: “Amaldiçoem-na aqueles que amaldiçoam o dia, que estão prontos para fazer correr o seu pranto” (Jó 3.8).

Se Jó deseja esconjur a noite, por que busca os préstimos daqueles que anatematizam o dia? Infelizmente, muitos são os amaldiçoadores profissionais. Sem carteira assinada e sem contrato formal de trabalho, ajuntam-se em sindicatos para regular suas imprecações e defender seus esconjuros. Competentes em seu ofício, sempre acabam por imprecicar o próprio Deus.

Não se ajunte aos tais. Por mais difícil que lhe seja a situação, lembre-se de Paulo. Não obstante os sofrimentos, as provações e as angústias que sobre si recaíam, ainda encontrava forças para exortar os fiéis: “Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Ts 5.18).

Thomas Goodwin mostra quão belo e inefável é o agradecer: “As mais doces bênçãos são conseguidas com oração e usufruídas com ação de graças”. O que estamos insinuando? Que não era Jó agradecido a Deus? No entanto, é nos momentos de grande tormento que devemos tributar as mais exaltadas ações de graças àquEle que, segundo a sua soberania, pode tanto nos dar a vida, como nos tirar a existência.

II. A Alma Amargurada Requer Coisas nada Razoáveis

Enquanto amaldiçoava o seu natalício, Jó pôs-se a requerer de Deus algumas coisas que, se atendidas, colocariam em risco a própria harmonia da criação. Infelizmente, é assim mesmo que agimos ao sentir a ardência do crisol. Nesses instantes, a oração parece lógica e a petição, razoável; depois, nem lógicos nem razoáveis se nos mostram os insistentes rogos.

I. A mecânica celeste. Em primeiro lugar, pede Jó ao Senhor que altere a mecânica celeste: “Escureçam-se as estrelas do seu crepúsculo; que espere a luz, e não venha; e não veja as pestanas dos olhos da alva!” (Jó I.9). Fosse Deus ouvir a petição de seu servo, haveria de tirar ao sol toda a claridade, e à terra, o movimento de rotação; a astronomia perderia a sua estabilidade.

Se é o sol que alumia a maioria das estrelas; se é o sol que lhes empresta não somente a luz, mas igualmente a beleza e a poesia; se é o sol, cujos raios, incidindo sobre outros corpos celestes, transforma-os em referências aos viajores que, singrando os mares, ou rompendo os limites dos continentes, necessitam de orientação sempre segura; se é o sol que governa o dia, e à noite, faz-se representar pela lua e pelas estrelas que pontilham os céus, por que haveria o Senhor de escurecê-lo?

Não satisfeito, reivindica o patriarca a Deus: “Converta-se aquele dia em trevas; e Deus, lá de cima, não tenha cuidado dele, nem resplandeça sobre ele a luz!” (Jó 3.4). Sabe o que representa tal prece? A paralisação completa da terra, tornando-lhe sem efeito o movimento de rotação, através do qual são gerados os dias e as noites. Naquele longo dia de Josué, o planeta não sofreu grandes prejuízos por haver o Todo-Poderoso agido miraculosa e providencialmente (Js 10.12). Supo-

nhamos, porém, haja qualquer diminuição ou aumento na rotação da terra; imaginemos que essas alterações durem apenas desprezíveis segundos seja para mais, seja para menos; que conseqüências sofreria a terra?

Se a rotação do planeta se fizer mais lenta, haverá um aumento considerável na temperatura, tornando a vida aqui insuportável; se mais rápida, haveremos de registrar ventos de até dois mil quilômetros por hora. E como seriam insuportáveis as noites mais longas, e mais compridos os dias! Eis por que o Senhor, em sua infinita sabedoria, criou leis fixas a fim de que a vida na terra fosse viável (Gn 1.15-18; Sl 136.8; Jr 33.20).

Entretanto, requer Jó modifique o Senhor tais leis, para que se apague da história o seu natalício. Não ouvira o Senhor a Josué tornando longo aquele dia em Gibeão? E por que deixaria de atender ao pedido de Jó que, na galeria dos santos, acha-se entre os três maiores? E os graus no relógio de Acaz? Não retrocederam dez pontos na sombra? (2 Rs 20.11). Por que teria Jó o seu ofício indeferido?

Embora transcenda o sobrenatural, Deus opera racional e logicamente, no terreno do natural: não pode contrariar as leis que Ele mesmo criou. E se por acaso as suspende, não age de maneira absurda; põe-se a atuar, então, no território das coisas impossíveis. Se cremos, de fato, em milagre, temos de considerar razoável o instituto das impossibilidades que fazem-se possíveis no âmbito divino. Afirmou, certa vez, o pastor José Wellington Bezerra da Costa que Deus é especialista em coisas impossíveis. Aleluia!

Não podemos ignorar, outrossim, a licença poética com que o atribulado Jó pôs-se a amaldiçoar o dia de seu nascimento. Ilógico o seu poema? Nada racional o seu cântico?

Quando metidos em lutas, reivindicamos coisas tão irrazoáveis a Deus que, fosse Ele ouvir-nos, comprometeria de vez a harmonia da criação e haveria de nos pôr em risco a alma.

Os judeus ortodoxos costumam orar: “Senhor, jamais ouças a oração dos viajantes, a fim de que não morramos de fome”. Pois todos os que viajam rogam a Deus: “Senhor, que hoje não chova”. Você sabe quantas orações dessas são feitas todos os dias? E a lavoura como haveria de vingar?

2. As leis da biologia. Em seguida, insta o patriarca ao Senhor a que modifique as leis da biologia: “Porquanto não fechou as portas do ventre, nem escondeu dos meus olhos a canseira” (Jó 3.10). Por que tal petição? Não se haviam casado os pais de Jó? Não haviam coabitado? Então, por que Jó não haveria de ser concebido? Já pensou fosse o Senhor impedir o nascimento de todos os atribulados? O mundo estaria assolado e desértico. Pois, conforme diz o salmista, o homem nasce para o enfado (Sl 90.10).

Ora, se não impediu o Senhor o nascimento de Caim; se não fechou o útero que acalentaria a Ninrode; se não cerrou a madre àquele faraó que tanto fustigaria os israelitas; se não tornou estéril a concepção do Herodes que mataria os inocentes, procurando assassinar o menino Jesus; se não frustrou a geração de monstros como Nero, Stalin, Hitler, Mao Tsé-tung e Pol Pot, como impedir que um santo, como Jó, fosse dado à luz? Parece-lhe isto razoável?

E quanto aos que sofrem, não seria melhor fossem eles abortados? Abortar um Noé? Um Davi? Um Lázaro de Betânia? Como seria o mundo miserável fossem tais vidas sacrificadas no nascedouro da vida! E o Senhor Jesus? Não experimentou Ele o sofrimento dos sofrimentos? E se aborta-

do, onde estaríamos? Mas, graças a Deus, porque o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e por suas pisaduras fomos sarados.

Não estamos insinuando seja o aborto um ser humano incompleto; é um ser humano tão pleno quanto eu e você. Todavia, se não tem o embrião a oportunidade de nascer e formar-se, como haverá de servir a Deus em sua plenitude? Até o próprio Cristo, sendo Ele verdadeiro Deus e verdadeiro homem, teve de naturalmente nascer, embora sobrenaturalmente concebido, a fim de que nEle fosse cumprido todo o plano redentor de Deus.

Querido irmão, Deus não precisa alterar a mecânica celeste nem contrariar as leis biológicas para resolver o seu problema. Tem Ele um modo próprio e bem particular para tratar conosco e resolver-nos todos os problemas. Não se desespere!

III. O que Aconteceria se a Petição de Jó Fosse Ouvida

Ainda bem que Deus não nos ouve todas as orações. Caso o fizesse, seríamos as mais infelizes das criaturas (Tg 4.1-3). Em seu grande e infinito amor, Ele, às vezes, acena-nos com um sim; outras, sinaliza-nos com um não; e, ainda, como se nos fora exercitar na paciência, tão-somente diz-nos: espere (Sl 40.1). Levemos sempre em conta a sua soberana e inquestionável vontade (Rm 12.2).

E se Deus, sabendo de antemão que Jó lhe apresentaria semelhante rogo, resolvesse não lhe permitir a concepção? Seríamos hoje mais pobres espiritual, teológica e literariamente. Pois o Livro de Jó é uma das maiores obras-primas de todos os tempos. Além disso, consideremos o problema que o livro

sagrado elucida-nos acerca do sofrimento do justo. E o exemplo do patriarca? Como achar semelhante paradigma de integridade, paciência e amor provado?

Cerceado pela dor, o patriarca rogou a Deus que lhe riscasse da história o dia de seu nascimento. O que Jó talvez ignorasse, naquele momento de repassadas angústias, era que tanto o dia de seu natalício quanto o daquela agonia haviam sido feitos por Deus. Portanto, que se regozijasse neles! Em sua epístola aos filipenses, Paulo, em diversas ocasiões, exorta seus leitores a se alegrarem no Senhor (Fp 4.4).

O Cristianismo é a religião da alegria e do regozijo. Aleluia!

IV. Este É o Dia que Fez o Senhor

O dramaturgo inglês William Shakespeare declara através de um de seus personagens: “Um dia assim tão feio e tão bonito, não vi jamais”. Assim também o dia da provação de Jó. Um dia que, apesar de feio, mostrava-se bonito. Embora naquele momento de provação, o patriarca tudo achasse desfigurado e cinzento, a verdade é que, aos olhos de Deus, havia uma indescritível beleza em toda aquela dor, e um colorido em todo aquele ardentíssimo crisol. Acredito que, dia como aquele de Jó, ser humano jamais veria.

Em sua sabedoria espiritual, Jó aceitou resignadamente todas as provações que lhe enviara o Senhor. Se havia recebido o dia da abastança, por que recusaria o dia da carência? Se no primeiro havia alegria, por que não haveria regozijo no segundo? Aliás, é o que professa o salmista. Louvando ao Senhor pelo fato de o haver livrado de todos os seus adversários, canta o rei Davi: “Este é o dia que fez o SENHOR; regozijemo-nos e alegremo-nos nele” (Sl 118.24).

O que significa regozijar-se? É uma alegria que excede todas as alegrias; uma alegria transcendente e que não se acha condicionada por nenhuma circunstância. O pensador japonês Toyohiko Kágawa revela, em meio às aflições, a grandeza da alegria que lhe ia na alma: “Apesar de estar cronicamente doente, sou capaz de viver como uma pessoa normal, porque tenho alegria – alegria à noite, alegria de dia, alegria na oração”.

Sim, o que significa regozijar-se? Canta mais uma vez o salmista: “Este é o dia que fez o Senhor. Regozijemo-nos e alegremo-nos nele”. Ouça a eufonia hebréia: *zeb-baiom asah Yaveh nagilah venisemeah bo*. O verbo *semeah* traz as seguintes conotações: regozijar-se, alegrar-se intensamente, entreter-se. Portanto, é possível regozijar-se mesmo no pior temporal; logo após, enviará o Senhor a bonança. Em Deus, somos de contínuo surpreendidos pela alegria.

Conclusão

Talvez esteja você, em razão de alguma tribulação, maldizendo o dia do seu nascimento. Em todas as coisas, regozije-se em Deus. Não permita que a tristeza lhe tome o coração, nem lhe roube a alma.

Jó muito sofreu. Se num momento, veio ele a amaldiçoar o dia do seu nascimento, disto se arrependeu no pó e na cinza. E, assim, Deus o reabilitou, pois jamais proferiu qualquer palavra contra o Senhor.

Todos os nossos dias são preciosos ao Senhor. Que aprendamos a contá-los a fim de que alcancemos corações sábios.

Capítulo 10

A Teologia de Elifaz

Introdução

O evangelista americano Stanley Jones, analisando a ação da graça divina no coração humano, faz esta belíssima confissão: “A graça me comprou. A graça me ensinou. A graça me prendeu. Agora a graça me possui”. Se hoje nos achamos afeitos a esta maravilhosa doutrina, até ao Século XVI, muito sofreram os cristãos por desconhecer a eficácia, o alcance e a transcendência da graça de Deus na regeneração, na justificação e na santificação daqueles que, pela fé, recebem a Cristo Jesus.

Não pense você hajam sido os teólogos romanos os únicos a posicionarem-se contra a doutrina da graça. Era a teologia de Elifaz em tudo semelhante às apostilas da Santa Sé. O molesto amigo de Jó ensinava com prazer-se Deus com um relacionamento me-

ramente comercial. Se lhe agradarmos; se lhe fizermos o que nos pede; se lhe atendermos às demandas, nenhum mal permitirá Ele venha sobre nós. Doutra forma, insinuava Elifaz, como nos haveremos diante de suas cobranças?

Infelizmente, não são poucos os que servem a Deus, tendo como motivação esta teologia tão nociva. Conforme veremos mais adiante, o fato de servirmos fielmente a Deus não nos torna imunes às lutas, às dificuldades e às provações. Pelo contrário! Somos, às vezes, mais atribulados do que os ímpios. Mas, que importa? Se Cristo está ao nosso lado, haveremos de nos regozijar até nas adversidades. Esta é a obra da graça!

I. Quem Era Elifaz

Como todo oriental, mantivera-se Elifaz calado até aquele instante em sinal de respeito e simpatia pelo amigo. Sete dias permanecera ele e seus dois outros companheiros diante de Jó. Emudecidos, quedaram-se num eloquente mutismo. O que poderiam dizer-lhe? Que consolo haveriam de ministrar-lhe se a própria consolação já não tinha voz nem presença? Em certas ocasiões, como afirmou Rui Barbosa nas exéquias de Machado de Assis, o melhor discurso é o silêncio absoluto. No entanto, como conter as palavras? Como segurar a frase que já se refaz em períodos de ansiedade?

Tivera Elifaz mantido o silêncio inicial, não causaria tantos males a Jó. George Eliot zanga-se com tais falastrões: “Abençoado o homem que, não tendo nada a dizer, se abstém de demonstrá-lo em palavras”. Buscando consolar a Jó, acrescenta-lhe amargura sobre amargura. Insinua que, se o patriarca sofria, era porque algum desaire cometera contra Deus. Mas quem era ele? Como veio a inserir-se num drama tão singular?

I. Quem era Elifaz. Elifaz é um nome que, em hebraico, traz um forte emblema: Meu Deus é forte. Infere-se daí tenham sido seus pais gente de reconhecida piedade. Pertencia ele ao seletto grupo de gentios que, apartados embora da comunidade de Israel, não se deixaram contaminar pela idolatria que, pouco a pouco, ia corrompendo a descendência de Sem. Até aquele momento, porém, não lograra a sua fé transcender o terreno do natural.

Além de sua amizade com Jó, a única coisa que de Elifaz sabemos é a sua procedência. Era originário de Temã que, segundo se pode apurar, ficava no território que viria a ser ocupado pelos filhos de Edom. Alguns comentaristas são de opinião de que esse diminuto reino não passava de um enclave localizado no Norte da Arábia Pétreia.

O fato de haver Elifaz discursado em primeiro lugar revela sua avançada idade e posição social. Talvez fosse até o regente de Temã. Mostra-nos isto também que Jó era um homem bem relacionado. Entre os seus amigos, reis e príncipes.

2. Elifaz: teólogo ou filósofo? Dos discursos de Elifaz, conclui-se não ter sido ele um teólogo como Enoque, Noé ou Jó. Se algum conhecimento possuía de Deus, não provinha este de uma relação experimental com o Todo-Poderoso; era fruto de suas especulações. Longe de mim desmerecer tal conhecimento; Deus no-lo deixou, a fim de que nos aproximemos dEle (Rm I.18-21). Foi o que Paulo declarou aos filósofos epicureus e estóicos no Areópago de Atenas (At 17.22-32).

Por não possuir um conhecimento revelado de Deus, pôs-se Elifaz a condenar a Jó através de uma teologia casuística e viciada (Jó 42.7). Acerca dos pronunciamentos de Elifaz e de seus companheiros, posiciona-se Donald Stamps: “Embora as

palavras dos três amigos de Jó estejam registradas nas Escrituras, nem tudo que eles disseram é absolutamente correto. O Espírito Santo registrou suas palavras, mas não as inspirou. No fim do livro, o próprio Deus declarou que boa parte daquilo que eles falaram não era bom (42.7,8). Algumas afirmações deles são realmente verdadeiras, e são repetidas no NT (e.g., parte do que Elifaz diz em 5.13, acha-se em I Co 3.19). A teologia e a cosmovisão básicas desses conselheiros eram falhas. Eles criam (a) que os verdadeiros justos sempre prosperarão, ao passo que os transgressores sempre sofrerão, e (b) inversamente, a pobreza e o sofrimento sempre subentendem pecado, ao passo que prosperidade e sucesso subentendem retidão. Deus revelou posteriormente que tal atitude é errônea, e que o ponto de vista deles era “loucura” (42.7-9).

II. A Teologia do Ordálio

O que teria pensado Elifaz naqueles sete dias de absoluto silêncio em que se quedara a contemplar a ruína do mais piedoso homem daquele tempo? Dado à reflexão; acostumado a meditar longamente sobre os problemas da vida; afeito às grandes operações intelectuais, veio a concluir: somente um inimigo de Deus e da humanidade haveria de ser submetido a um sofrimento tão singular.

Tenho a impressão de que Elifaz considerava a provação de Jó como se fora um ordálio divino.

I. A prova do ordálio. Além de ser utilizado como prova judicial na Idade Média, era o ordálio admitido como a expressão máxima do juízo divino. E funcionava mais ou menos assim: pairasse alguma dúvida sobre a inocência de um réu,

era este lançado, por exemplo, num caudaloso rio; se lograsse escapar, tinham-no por inocente. Há na Lei de Moisés um recurso judicial que pode ser visto como ordálio: as águas amargas dadas à mulher, cujo marido estivesse duvidando de sua fidelidade (Nm 5.19-23). Fosse a mulher inocente, as águas nenhum dano lhe fariam; culpada, muito padeceria em consequência de seu pecado. Conquanto ainda praticado em algumas tribos africanas, o ordálio de há muito já não é aceito como prova judicial.

Por conseguinte, via Elifaz a prova a que Jó era submetido como se fora o ordálio dos ordálios; desse julgamento o patriarca não sairia incólume. Aliás, todo aquele sofrer já era o castigo de Deus sobre Jó. E se este não se arrependesse, certamente haveria de ser destruído como muitos antes dele o foram.

2. A teologia de Elifaz. Detenhamo-nos nalguns trechos do discurso de Elifaz: “Lembra-te, agora: qual é o inocente que jamais pereceu? E onde foram os sinceros destruídos? Segundo eu tenho visto, os que lavram iniquidade e semeiam o mal segam isso mesmo. Com o hálito de Deus perecem; e com o assopro da sua ira se consomem” (Jó 4.7,8).

Em linhas gerais, defendia Elifaz: se formos fiéis a Deus, e se lhe prestarmos a adoração que Ele nos requer, seremos abençoados de tal forma, que nenhuma desventura nos atingirá. Mas se não lhe atendermos as demandas, e se lhe ignorarmos as leis, seus juízos nos acharão. O que é isto senão um escambo? Em linguagem popular: um toma-lá-dá-cá. Ressaltava Elifaz contentar-se Deus com um relacionamento meramente comercial com o ser humano.

F. B. Meyer comenta a teologia de Elifaz: “À luz desse pensamento, as calamidades sofridas por Jó pareciam provar

que aquele homem que todos tinham considerado um modelo de perfeição não era o que se supunha. De acordo com essa filosofia, bastava que ele confessasse o seu pecado, e tudo voltaria ao normal e o sol tornaria a brilhar no seu caminho”.

Como chegara Elifaz à semelhante ilação? Já contaminado teologicamente pela idolatria que grassava entre os filhos de Sem, presumia ele que o Todo-Poderoso poderia ser aplacado como o eram os ídolos. De conformidade com a teogonia gentílica, requeriam os deuses de seus adoradores: serviços, honras e oferendas. Se oferendados, contentar-se-iam com os seus devotos; protegê-los-ia. Se honrados, aprazar-se-iam de seus fiéis; abençoá-los-ia. Se adorados, deleitar-se-iam na companhia de seus crédulos; com estes habitaria e com estes andaria. E se ousasse alguém magoá-los? De imediato seria alvo da mais ardente ira.

Longe de se ocuparem com a moral de seus devotos, os ídolos urgiam destes apenas uma coisa: irrestrita submissão. Afinal, eram os tais deuses mais debochados e imorais que os seus adoradores. Não era Dionísio o deus do vinho? Por que condenar os ébrios? E Afrodite, não era a deusa do amor carnal e concupiscente? Por que reprovar os adúlteros e fornicários? Não era Marte o deus da guerra? Por que estigmatizar os assassinos? Na Grécia, os pais, conquanto exortassem aos filhos a que venerassem aos deuses, advertia-os a não lhes imitarem as ações. Matthew Henry, lançando pesados reptos contra a idolatria, é mais do que categórico: “Os ídolos são chamados falsos porque desfiguram a Deus”. E o que fazia Elifaz naquele momento senão afear ao Todo-Poderoso? Demudava-o de tal forma, como se o Senhor não passasse de um comerciante qualquer.

Se os deuses das gentes contentam-se com um relacionamento mercantil com seus adoradores, o Deus único e verdadeiro exige de cada um de seus filhos um culto racional e comprovadamente amoroso.

3. Uma teologia sofismática. Qual a fonte da teologia de Elifaz? Não nascera ela em Deus; originara-se naquele ser que, pela terra, punha-se a andejar e a reparar nos filhos dos homens. Narra Elifaz um fato mui curioso que, indiretamente, declina-lhe o berço da doutrina: “Entre pensamentos de visões da noite, quando cai sobre os homens o sono profundo, sobreveio-me o espanto e o tremor, e todos os meus ossos estremeceram. Então, um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos da minha carne; parou ele, mas não conheci a sua feição; um vulto estava diante dos meus olhos; e, calando-me, ouvi uma voz que dizia: Seria, porventura, o homem mais justo do que Deus? Seria, porventura, o varão mais puro do que o seu Criador?” (Jó 4.13-17).

Que espírito era esse? Não era certamente o Espírito de Deus. Se nos detivermos nas epístolas paulinas, verificaremos que muitos são os espíritos, cuja função é espalhar heresias e apostasias. Ao jovem pastor Timóteo, adverte o apóstolo: “Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios” (I Tm 4.1).

Onde atuam tais espíritos? Nos institutos bíblicos, nas universidades evangélicas, nas classes de Escola Dominical e nos púlpitos de nossas igrejas. Embora ortodoxas; apesar de teologicamente conservadoras; não obstante primarem pela correção doutrinária, são as nossas instituições eclesiásticas constantemente assaltadas por tais espíritos. Hoje, um desvio

teológico de pouca monta; ninguém protesta, buscando preservar a confraria teológica. Amanhã, uma heresia não muito vultosa; ninguém verbera, pois não foram afetados os dogmas básicos. Mais adiante, surge uma apostasia; ninguém se insurge contra o erro, porque o mais importante, agora, é preservar a unidade. E, finalmente, acabam sufocando de vez a Palavra de Deus; ninguém se levanta para socorrer a sã doutrina, pois acham-se todos comprometidos com o erro.

Confessa Elifaz que “um espírito passou por diante de mim”. O substantivo que serve para designar o Espírito de Deus é aqui usado para identificar o sinistro personagem: *ruah*. Isto significa que, no exercício do ministério, temos de agir com redobrada vigilância e prudência para não nos prendermos por tais espíritos. Atentemos para este detalhe: Elifaz não conseguiu identificar o espírito, nem logrou conferir-lhe as feições: “não conheci a sua feição”. O verbo hebraico *nakar* conclama estes outros verbos: discernir, identificar, reconhecer e divisar. Portanto, estejamos devidamente aparelhados, a fim de identificar os espíritos que agem em nossos arraiais. Além da Bíblia, que é nossa única regra de fé e prática, temos o dom de discernir os espíritos (I Co 12.10). Que a exortação do apóstolo do amor seja considerada seriamente: “Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (I Jo 4.1).

Induzido pelo erro, e já usando e abusando dos sofismas, Elifaz conclui: apenas os que desagradam a Deus sofrem; se Jó estava sofrendo, logo: contra Deus pecara. Desconhecia ele, por acaso, a história de Abel? (Gn 4.4-8) Ou o drama vivido por Enoque que, por trezentos anos, profetizou num mundo

que em nada diferia do inferno? (Gn 5.22-24) Ou por acaso ignorava o fato de o patriarca Noé haver construído a arca sob os impérios de uma geração que se achava completamente tomada pelo demônio? (2 Pe 2.5) Registra a História Sagrada que homens, dos quais não era digno o mundo, acabaram singularmente perecendo (Hb 11.37,38).

Então, como pôde Elifaz jogar com as palavras, a fim de atribular ainda mais a Jó? Seus sofismas não resistem ao menor dos exames.

4. Uma teologia perversa. Elifaz ultrapassa todos os limites do bom senso; chega a tratar o patriarca de injusto e louco (Jó 5.1-5). Suas acusações não terminam aí; atingem-lhe a própria família. Se esta havia perecido, então um só era o culpado: Jó. Como se haver numa situação tão difícil? Como suportar tão graves incriminações? Como tolerar esse arremedo de teologia?

III. A Resposta de Jó

Diante de um discurso tão sentencioso, responde o patriarca: "Oh! Se a minha mágoa retamente se pesasse, e a minha miséria juntamente se pusesse numa balança! Porque, na verdade, mais pesada seria do que a areia dos mares; por isso é que as minhas palavras têm sido inconsistentes" (Jó 6.1-3).

I. Jó pede uma balança. O que requeria o patriarca de seus amigos? Que o ouvissem com atenção, e com justiça lhe pesassem as palavras e as queixas. Reivindicava ele uma balança na qual lhe fosse avaliada a miséria; pois suas palavras haviam sido inconsistentes por eles.

Será que Elifaz desconhecia a justiça de Jó? Ou a sua piedade? Tomara jamais caíamos nas garras de um juiz como esse temanita! Contaminado por um espírito impiedosamente positivista, demonstra Elifaz ser incapaz de julgar um caso, como o do patriarca, pelo espírito das leis que o Todo-Poderoso estabeleceu para aperfeiçoar os seus filhos, levando-os a alcançar a estatura de completos varões. Não julguemos as coisas por sua aparência; avaliemo-las em sua essência.

2. A teologia da aflição. Quão distante encontrava-se Elifaz da justiça divina! Lemos nos Salmos que muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas (Sl 34.19). Cristo mesmo alerta-nos que, no mundo, teremos aflições (Jo 16.33). Escrevendo aos coríntios, afirmou Paulo: “Porque, como as aflições de Cristo são abundantes em nós, assim também a nossa consolação sobeja por meio de Cristo” (2 Co 1.5).

Não queremos, com isso, lançar as bases de uma teologia da aflição. O que intentamos realçar é a supremacia da graça divina; ela é mais do que suficiente para consolar-nos em todas as agruras.

IV. A Graça de Deus – O Antídoto contra a Teologia de Elifaz

À semelhança de muitos religiosos de nossos dias, acreditava Elifaz que o homem, penitenciando-se e tudo fazendo por agradar a Deus, jamais será atingido por quaisquer calamidades. Supunha ele ser possível agradá-lo com boas obras, e com boas obras levá-lo a afastar de nós as angústias e as tribulações. O que diz a Bíblia?

I. A imperfeição das obras humanas. Ignorava Elifaz que, por mais perfeitas que nos sejam as obras, jamais podere-

mos nos justificar diante de Deus, pois não passam estas de trapos de imundície (Is 64.6). Em consonância com Isaías, pergunta Miquéias: “Com que me apresentarei ao SENHOR e me inclinarei ante o Deus altíssimo? virei perante ele com holocaustos, com bezerros de um ano?” (Mq 6.6).

Como poderá o homem justificar-se diante de Deus? É a pergunta que nos faz Jó? (Jó 25.4) Temos, aqui, uma das mais importantes indagações teológicas de todos os tempos. O homem não necessita praticar obra alguma para alcançar o favor de Deus nem para ser justificado diante dEle. Só nos é necessária uma única coisa: aceitar a Jesus, e confiar em seus méritos como nosso único e suficiente Salvador. Através de Cristo, seremos vistos por Deus como se jamais houvéramos cometido qualquer pecado ou iniquidade; seremos declarados justos com base na justiça de Cristo, a única justiça válida diante do justo e santo Deus (Rm 5.1-8).

Conclusão

Conclui-se, pois, estar totalmente equivocada a teologia mercantilista de Elifaz. Nossa comunhão com Deus não é um mero e vulgar e imoral toma-lá-dá-cá. Se os homens se contentam com escambos, nosso Deus, não; Ele não se vende nem se deixa comprar: sua graça é sempre abundante; é o imerecido favor por excelência.

Sua graça é mais do que suficiente! Salva-nos, proporcionando-nos as mais doces consolações. Isto não significa estejamos imunes às tribulações. Certamente elas virão. Todavia, em tudo e, por tudo, seremos consolados. Aleluia!

Capítulo II

A Teologia de Bildade

Introdução

Afirmou Calvin Coolidge ser a prosperidade apenas um instrumento a ser usado, não uma divindade a ser venerada. O conselho de Coolidge não tem sido levado a sério pelo homem moderno que, transformado numa máquina de consumir, trata os bens materiais como se fossem estes o supremo bem da vida. Infelizmente, até os evangélicos têm-se deixado seduzir por essa deusa que, vestida de doutrina e adornada de teologia, não precisou de muito esforço para entronizar-se entre os santos. E, assim, pôs-se a Teologia da Prosperidade a enfermar a Igreja de Cristo.

Esse arremedo de doutrina induz os fiéis a invertermos os mais caros valores da fé cristã: o mais importante, agora, para milhões de filhos de Deus, não é o ser; e, sim: o ter. Hoje, julgamos os servos de Cristo não pelo que são, mas pelo que têm. Se muito possuem, muito lhes somos favoráveis; se pouco, pouco lhes

somos favoráveis; e, se nada mais detêm, em nada lhes somos favoráveis. Assim foi o patriarca Jó avaliado por seu amigo Bildade – um típico representante da Teologia da Prosperidade.

Talvez esteja você sendo avaliado por seus poucos haveres, ou pelas angústias que enfrenta. Não se exaspere! Você é ovelha daquEle Pastor que tem nas mãos tudo quanto necessitamos.

I. Quem Foi Bildade

Também não possuímos muitas informações acerca de Bildade. Limita-se a Bíblia a informar que este amigo de Jó era um suíta. Certamente morava ele em Canaã, ou em suas imediações, pois: a) falava uma língua aparentada a de Jó e a de seus amigos; b) não demorou em encontrar-se com Elifaz e Zofar quando combinaram vir consolar o patriarca; c) sua visão de mundo era bem parecida com a de seus dois outros companheiros. Conclui-se ter sido Bildade um semita que habitava no território cananeu, onde Suá, à semelhança de Temã, era um dos muitos pequenos reinos ali estabelecidos.

No Livro de Jó, temos três discursos de Bildade, nos quais realça ele a prosperidade como a evidência de uma vida aprovada por Deus. Eis por que, agora, despreza a Jó; neste, vê o sinal da ira divina. No drama do patriarca, cumpria-se o que disse Ovídio: “Enquanto o homem tem uma vida próspera, conta sempre com um numeroso grupo de amigos; tão logo a adversidade o visita, os pretensos amigos o abandonam”.

II. A Prosperidade como Evidência da Bênção de Deus

Predecessor da Teologia da Prosperidade, afirmou Bildade a seu amigo Jó: “Mas, se tu de madrugada buscares a Deus e

ao Todo-poderoso pedires misericórdia, se fores puro e reto, certamente, logo despertará por ti e restaurará a morada da tua justiça. O teu princípio, na verdade, terá sido pequeno, mas o teu último estado crescerá em extremo” (Jó 8.5-7).

Como julgar suas declarações? Embora lógicos em sua aparência; apesar de exteriormente aceitáveis; e, conquanto teologicamente consumíveis, os enunciados de Bildade não se achavam de acordo com o pensamento divino. Tais postulados em muito se assemelhavam às proposições que Satanás apresentou ao Cristo no deserto. Eram verdades fora de seu contexto; portanto, inválidas.

Mas, o que vem a ser a Teologia da Prosperidade? Por que é ela tão perigosa?

I. Definição. Se nos detivermos na História da Igreja Cristã, constataremos que, todas as vezes que a economia mundial é ameaçada por uma recessão, surgem teólogos que, aproveitando-se das circunstâncias, põem-se a enfatizar a posse dos bens materiais como o mais importante legado da vida.

De início, essa ênfase parece inofensiva; é até recebida como a última revelação de Deus. Com o tempo, porém, começa a reclamar uma doutrina até se fazer teologia; daí a sua sistematização é um passo. Defini-la não é difícil; combatê-la, sim.

Por conseguinte, é a Teologia da Prosperidade a doutrina, segundo a qual o crente, por ser filho de Deus, jamais enfrentará problemas financeiros e outras agruras, pois foi ele destinado a viver de maneira regalada; não tem de se defrontar com as provações tão comuns aos outros seres humanos.

2. As origens da Teologia da Prosperidade na Igreja Cristã. A Teologia da Prosperidade, como a conhecemos, tem as suas origens na Reforma Protestante do Século XVI. Não

estou insinuando hajam sido Lutero ou Calvino proponentes dessa heresia; alguns pósteros, contudo, supervalorizando os ensinamentos concernentes ao trabalho e às atividades comerciais, acabaram por enveredar-se por um perigoso materialismo; pois foram incapazes de entender a doutrina daqueles homens a quem Deus levantara não somente para avivar-lhe a Igreja, como também para educar os povos da Europa. Vejamos o caso específico de Calvino.

Chegando João Calvino à Suíça, deparou-se com uma nação espiritual, moral e economicamente arruinada. Na reabilitação daquele povo dolente e já perigosamente viciado, o reformador passou a realçar o trabalho como bênção de Deus. Ora, se o trabalho era uma bênção (como de fato o é) por que não o seria também o seu fruto: a riqueza?

Max Weber faz uma judiciosa análise da ética protestante que, segundo ele, acabou por gerar o capitalismo ocidental: “Uma simples olhada nas estatísticas ocupacionais de qualquer país de composição religiosa mista mostrará, com notável frequência, uma situação que muitas vezes provocou discussões na imprensa e literatura católicas e nos congressos católicos, principalmente na Alemanha: o fato de que os homens de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente das modernas empresas são predominantemente protestantes”.

Prossegue Max Weber: “Um escritor contemporâneo tentou definir a diferença de atitudes diante da vida econômica da seguinte maneira: ‘O católico é mais quieto, tem menor impulso aquisitivo; prefere uma vida a mais segura possível, mesmo tendo menores rendimentos, a uma vida mais excitante e cheia de riscos, mesmo que esta possa lhe propiciar a

oportunidade de ganhar honrarias e riquezas. Diz o provérbio, jocosamente: 'Coma ou durma bem'. Neste caso, o protestante prefere comer bem, e o católico, dormir sossegado".

O pastor Wilson Castro Ferreira assim analisa a influência de João Calvino no capitalismo: "Para Calvino, conforme alguns dos seus biógrafos, o mandamento que requer o descanso de um dia é tão importante na parte que ordena esse descanso, como na outra parte que ordena: 'trabalharás seis dias'. É no Calvinismo, especialmente, que parece verificar-se a combinação de um extraordinário capitalismo com a mais intensa forma de piedade. Max Weber vem buscar em Benjamin Franklin, nas suas curiosas máximas, a amostra da ética puritana. Embora reconheça que Benjamin Franklin não é um ortodoxo puritano, mas um 'deísta descolorido', é, todavia, descendente de puritanos e a sua filosofia de trabalho e de economia é fruto da influência que recebera de seu pai: 'Depois da indústria e frugalidade, nada mais contribui tanto para erguer um jovem na vida do que a pontualidade e a retidão nos seus atos. 'O som do seu martelo às cinco da manhã e às oito da noite, ouvido por um credor, fá-lo complacente por mais seis meses; mas se ele o vê na mesa de bilhar, ou ouve a sua voz na taberna, quando você devia estar trabalhando, mandará buscar o dinheiro no dia seguinte".

3. A heresia que tem como fonte o consumo. Torcendo a doutrina de Calvino, alguns evangelistas puseram-se a construir a chamada Teologia da Prosperidade que, desde a década de 1970, vem comprometendo importantes artigos de fé, como se a vida do homem consistisse apenas nos haveres materiais.

No exame dessa questão, evitemos os extremismos. Em primeiro lugar, o trabalho não pode ser considerado maldição

conforme ensinava a Igreja Católica. Ainda que o homem não houvesse pecado, teria de amansar a terra e fazê-la prosperar. Se o homem trabalha, nada mais justo do que desfrutar das benesses de seus esforços. Mas daí a defender a riqueza, como se esta fora o aferidor da vida espiritual, é algo inaceitável ante as Sagradas Escrituras. Porque requer o Senhor, como o dono de nosso planeta, que as suas riquezas sejam equitativamente distribuídas.

Ora, se Calvino soube como levar os seus discípulos a produzirem e a distribuir com justiça a riqueza proveniente de seu trabalho, transformando os países protestantes em nações fortes e pujantes, os teólogos da prosperidade por outros objetivos se esforçam. Certamente, não lutam pelo Reino de Deus, e, sim, por seus impérios particulares. Além disso, vêm eles criando, através da seleção natural das espécies afastadas de Deus, uma raça de supercrentes. Escreve Hank Hanegraaf: “Os cristãos prósperos (pelos padrões do mundo) são considerados espiritualmente ricos, ao passo que os pobres são tidos como miseráveis espirituais. Certo mestre da fé chegou a asseverar: ‘Não somente a ansiedade é um pecado, mas também o ser pobre quando Deus promete a prosperidade’”.

Hanegraaf, presidente do Instituto Cristão de Pesquisas, adverte que a Teologia da Prosperidade tem lançado muitos servos de Deus numa irreprimível frustração, principalmente os que se apegam aos gurus eletrônicos: “Os interessados nesse mercado são impulsionados pelos dólares que os ouvintes enviavam pensando obter riquezas materiais. Mas quando tais riquezas não se materializam, esses seguidores, desanimados, abandonam aquilo que pensavam ser o cristianismo, ficando à espera dalgum novo guru, no reino das seitas. Como o apóstolo Paulo

declarou, com tanta pertinência, ‘nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos; porque haverá homens... avarentos... mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela’”.

Foi essa doutrina que Bildade resolveu ensinar a Jó. Pensava ele que, se o patriarca estava sofrendo era porque cometera algum pecado contra o Senhor. Pois somente os pecadores são açoitados com tantos infortúnios; os justos, defendia, estão isentos dessas intempéries. Detenhamo-nos, um pouco mais, na doutrina de Bildade que, como pode você observar, possui muitos pontos de contato com a teologia de Elifaz.

4. A Teologia da Prosperidade e a idolatria. Acreditavam os pagãos que, estando os deuses satisfeitos, tudo lhes iria bem; caso contrário: haveriam de amargar a fome, a sede, o frio, o ataque dos animais. Como, porém, manifestava-se a satisfação dos deuses? Na prosperidade que concediam aos seus devotos.

Lamentavelmente, até os próprios judeus seriam induzidos a pensar dessa maneira. No tempo do profeta Jeremias, adoravam eles a rainha dos céus por supor que a sua felicidade proviesse dela: “Mas, desde que cessamos de queimar incenso à Rainha dos Céus e de lhe oferecer libações, tivemos falta de tudo e fomos consumidos pela espada e pela fome. Quando nós queimávamos incenso à Rainha dos Céus e lhe oferecíamos libações, fizemos-lhe bolos para a adorar e oferecemos-lhe libações sem nossos maridos?” (Jr 44.19).

Por conseguinte, tem a Teologia da Prosperidade como fundamento a idolatria dos bens materiais que, por seu turno, vai gerando nos que a adotam, uma avareza crônica. E o que é a avareza senão idolatria? A advertência é do apóstolo Paulo: “Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra:

a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria" (Cl 3.5).

III. As Contradições da Teologia da Prosperidade

Além de brincar com as palavras e jogar com raciocínios aparentemente válidos, Bildade põe-se a invocar o testemunho dos antigos. Não agem assim os modernos proponentes da Teologia da Prosperidade? Na defesa deste aleijão doutrinário, torcem as Sagradas Escrituras, deformam a verdade, fazem uso de subterfúgios exteriormente lógicos e até citam, fora de seu contexto, o testemunho de vozes autorizadas (2 Pe 3.16).

I. A prosperidade material nem sempre é evidência da bênção de Deus. De acordo com a História Sagrada, vêm os ímpios prosperando materialmente; às vezes, até mais que os justos (Sl 73.1-10). O que dizer da civilização inaugurada pelo homicida Caim? A cidade por ele fundada era, tecnologicamente, avançadíssima (Gn 4.17-22). Enquanto isso, nem notícia temos do progresso alcançado pelos filhos do piedoso Sete. Que riquezas lograra Enoque? Ou Noé? Ou ainda Sem? Enquanto isso, iam os descendentes do indecoroso e irreverente Cão fundando grandes impérios: Líbia, Egito, Etiópia e os domínios de Canaã (Gn 10.1-20).

2. As provações dos justos. O registro dos fatos que ocorreram após a era de Bildade destaca alguns homens que, apesar de sua comprovada e ímpar piedade, foram submetidos às piores agruras. Se Abraão, Isaque e Jacó foram abençoados com grandes riquezas, foi José vendido como escravo, e como escravo viu-se constrangido às mais singulares humilhações (Gn 37.26-36). Elias, Amós e Lázaro vivenciaram necessida-

des básicas. O primeiro viu-se na contingência de nutrir-se do que lhe traziam os corvos (I Rs 17.5-7). O segundo, como boieiro, alimentava-se de sicômoros (Am 7.14). E o terceiro, além da extrema pobreza, fora coberto por uma terrível chaga; e, assim, abandonado por todos, comia das migalhas que caíam da mesa do rico (Lc 16.20-25).

3. A evidência de uma vida piedosa. Não quero, com isso, ressaltar a pobreza como evidência de uma vida plena de Deus, como não o é também a riqueza; nas Sagradas Escrituras, deparamo-nos tanto com ricos piedosos quanto com pobres incrédulos e nada tementes a Deus.

Temos de agir com equilíbrio e discernimento, pois os extremismos teológicos, quer à esquerda, quer à direita da Bíblia, são nocivos. Logo: que ninguém seja julgado pelo que tem, mas pelo que é (Mt 5.16; I Tm 5.25; Tg 1.26,27). Quer Deus nos conceda riquezas, quer nos deixe experimentar necessidades, tenhamos em mente que Ele é soberano e, como tal, sabe tratar seus filhos (Jr 18.1-6). Habacuque e Paulo sabiam viver na abundância, e não se perturbavam na privação (Hc 3.17-19; Fp 4.10-13).

IV. A Justa Porção de Agur

A Teologia da Prosperidade é diabolicamente perversa e mentirosa: induz os filhos de Deus a buscar a riqueza, por concluírem ser esta tão importante quanto a salvação. Alerta Paulo, contudo, que, os que porfiam por serem ricos, caem em muitas ciladas (I Tm 6.9). O mesmo apóstolo ainda alerta ser o dinheiro a raiz de todos os males (I Tm 6.10).

I. A teologia da miséria. Não é a nossa intenção urdir uma teologia da miséria, como se esta fosse suficiente para

conduzir-nos aos céus. Se o fizermos, cairemos nas mesmas heresias daqueles monges que, com os seus votos de pobreza, supõem já ter logrado a riqueza celeste. Assim como há ricos piedosos, e Jó, entre todos os ricos, pontificava por sua integridade, há também pobres ímpios e inimigos de Deus – e não são poucos!

2. A porção de Agur. Onde buscar este equilíbrio? Encontrá-lo-emos na petição que, certa vez, um homem chamado Agur endereçou a Deus: “Duas coisas te pedi; não mas negues, antes que morra: afasta de mim a vaidade e a palavra mentirosa; não me dês nem a pobreza nem a riqueza; mantém-me do pão da minha porção acostumada; para que, porventura, de farto te não negue e diga: Quem é o SENHOR? Ou que, empobrecendo, venha a furtar e lance mão do nome de Deus” (Pv 30.7-8).

Noutras palavras, rogava Agur ao Senhor o pão nosso de cada dia (Mt 6.11).

Atentemos também a esta recomendação do Senhor Jesus: “Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta?” (Mt 6.25).

Vejamos o que ainda diz Paulo: “Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes” (I Tm 6.7,9).

Conclusão

Então, a que conclusão chegamos? É prejudicial ao crente possuir riquezas? Todavia, se a não usarmos para expandir o

Reino de Deus e para minorar o sofrimento de nossos irmãos, impiamente agimos. Por isso deve o rico gloriar-se em seu abatimento (Tg 1.9).

Quer pobres, quer ricos, gloriemo-nos sempre em Deus, pois Ele fez tanto um quanto o outro. Além disso, não disse o Senhor que sempre haverá pobres na terra? (Dt 15.11) Eis por que o rico tem de ajudar o pobre, a fim de que todos tenham o mínimo necessário para viver.

Portanto, que nenhum Bildade venha acusar os que, à semelhança de Jó, encontram-se no crisol da provação. A riqueza e a pobreza não podem servir de parâmetros para se julgar os servos daquele que tudo possui, mas que de tudo se despojou por amar-nos com um amor eterno.

Capítulo 12

A Teologia de Zofar

Introdução

Donald Grey Barnhouse fez uma declaração, certa feita, que, de forma surpreendente e maravilhosa, mostra tanto a transcendência como a imanência de Deus: “Nossos grandes problemas são pequenos para o infinito poder de Deus, mas nossos pequenos problemas são grandes para o seu amor de Pai”. O que Barnhouse enfatiza é que o Todo-Poderoso, embora transcenda infinitamente o homem em poder e sabedoria, acha-se presente no dia-a-dia de cada um de nós. Ele não se limitou a criar-nos; sustém-nos com os seus amorosos desvelos, cuidando até do azeite de nossa botija.

Zofar, porém, não acreditava num Deus tão maravilhoso assim. Cria ele num Deus que, apesar de haver criado o mundo, não se preocupa com este. Pois se acha demasiado ocupado com os assuntos das cortes celestes para enfastiar-se com o cotidiano huma-

no. Que o patriarca Jó, por conseguinte, procurasse conforto noutra parte; de Deus, não haveria ele de receber qualquer lenitivo.

Esse amigo de Jó tinha uma crença incompleta no Todo-Poderoso; era um perfeito deísta. Esquecia-se ele, porém, que, não basta saber que Deus existe; é imprescindível acreditar que o Deus infinito é também o amoroso Pai que estará sempre ao nosso lado.

I. Quem Foi Zofar

Também não temos muitas informações acerca deste amigo de Jó. Sabemos apenas que era naamatita. Este adjetivo revela que Zofar era originário de Naamá, um pequeno reino que se achava, mui provavelmente, no território da moderna Arábia Saudita.

Estamos diante de um homem inteligente, culto e que procurava descobrir as verdades divinas através da luz natural da razão. Zofar, à semelhança de seus amigos, não era um teólogo; e, sim: um filósofo. Alguém que, Tateando, buscava o Deus único e verdadeiro (At 17.27).

Aliás, muitos eram os filósofos que, naquele tempo, circulavam por todo o Oriente a discutir os problemas da vida. Isto significa que a filosofia não nasceu propriamente na Grécia; tem o seu nascedouro na alma humana, pois foi exatamente na alma humana que o Senhor incrustou a eternidade. E esta impulsiona-nos a indagar, a perquirir, a problematizar, a operar corretamente os recursos intelectuais e espirituais, a fim de que, confrontando as realidades, venhamos a concluir: Deus realmente existe e tudo faz por restabelecer a sua comunhão com o ser

humano. Asseverou mui apropriadamente J. Blanchard: "Filosofia é a busca da verdade. Em Jesus, a busca termina".

II. O que É a Teologia de Zofar

Como qualquer filósofo, possuía Zofar sua própria concepção de Deus. E esta, conforme veremos, era mais nociva do que a doutrina de Elifaz e a de Bildade. Se estes, ainda que distorcidamente, acreditavam num Deus que intervém, aquele, não. De acordo com a sua cosmovisão, achava-se Deus tão distante do ser humano, e de tal forma arredado dos mortais, que a estes era impossível qualquer contato com Ele (Dt 30.11-15). Logo: por que iria Deus se incomodar com os sofrimentos de Jó?

Zofar desconhecia por completo o amor de Deus. Acreditava que o Todo-Poderoso, ao criar o homem, não tinha outro propósito a não ser mostrar o seu infinito e irresistível poder.

A criação do homem, contudo, não foi um ato de exibicionismo por parte de Deus. Foi uma alta e sublime demonstração de amor. Ele criou-nos porque já nos amava em sua presciência; amava-nos de forma absoluta e inclusiva, predestinando-nos a todos à vida eterna. Logo, não criou Deus uns para a bem-aventurança eterna e outros para a eterna danoção. Se o homem, porém, rejeita-lhe o amor, e ignora o chamamento do Evangelho, certamente perecerá. A mensagem é clara: "Quem crer e for batizado, será salvo; quem não crer já está condenado".

Sim, grande foi o amor que o Senhor Deus demonstrou ao criar-nos à sua imagem e semelhança. T. G. Jalland assim expressa este importantíssimo postulado teológico: "Deus não nos fez porque pretendia ganhar algo com isso, mas simplesmente

por amor”. Então, por que iria Ele esquecer-se de seu pietíssimo servo? Jó não fora olvidado pelo Todo-Poderoso, embora todas aquelas circunstâncias apontassem neste sentido.

1. O deísmo. O deísmo é uma doutrina, segundo a qual Deus realmente existe, mas não interfere na história humana nem se interessa por relacionar-se com as suas criaturas. É uma crença bastante encontradiça nos filósofos gregos e quantos lhes seguem as pisadas. Houve um momento, na história de Israel, que os judeus se fizeram deístas (Sf I.12).

Os magos de Babilônia eram, além de politeístas, deístas típicos: “Porquanto a coisa que o rei requer é difícil, e ninguém há que a possa declarar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne” (Dn 2.11).

Ao contrário do deísmo, não se limita o teísmo a defender a existência de Deus; afirma de igual modo que Ele deseja relacionar-se com o ser humano, e intervém em sua história (Sl 8.1-9). Portanto, grande é a diferença entre o deísmo e o teísmo; o primeiro é herético e perigoso; o segundo é bíblico e teologicamente correto.

2. O deísmo de Zofar. Supunha este que o homem, devido a sua pequenez e imperfeições, jamais alcançará os favores de Deus: “Mas, na verdade, prouvera Deus que ele falasse e abrisse os seus lábios contra ti, e te fizesse saber os segredos da sabedoria, que é múltiplice em eficácia; pelo que sabe que Deus exige de ti menos do que merece a tua iniquidade. Porventura, alcançarás os caminhos de Deus ou chegarás à perfeição do Todo-Poderoso? Como as alturas dos céus é a sua sabedoria; que poderás tu fazer? Mais profunda é ela do que o inferno; que poderás tu saber? Mais comprida é a sua medida do que a terra; e mais larga do que o mar. Se dele destruir, e encerrar, ou juntar, quem o impedirá?” (Jó 11.5-10).

Zofar não havia conseguido ainda ultrapassar a linha da especulação. Por isso, limita-se às meias verdades. E estas são piores do que as mentiras inteiras. Por acaso, não veio Satanás tentar ao Senhor com verdades incompletas e premissas aparentemente válidas? (Mt 4.1-11). Cuidado com as astutas ciladas do adversário; ele mente até mesmo quando fala a verdade (Ef 6.11).

Diante de todo aquele palavreado, como ficava Jó? Além das provações a que estava obrigado a sofrer, era constrangido a suportar um teólogo palavroso que, sublimando desmedidamente a transcendência de Deus, atribulava-o de maneira implacável. Ora, se estava o Todo-Poderoso de tal forma alongado do ser humano, que esperanças haveria para Jó? Quem poderia socorrê-lo naquela instância?

Você já se sentiu alguma vez assim? Isolado? Abandonado, aparentemente, até pelo próprio Deus? Como encarar, pois, a transcendência e a imanência de Deus? (Sl 22.1,2)

III. Imanência ou Transcendência?

Apesar de toda a sua dor, mostra Jó ao seu implacável amigo que, embora seja Deus transcendente, é também imanente:

I. A resposta de Jó. “Na verdade, que só vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria. Também eu tenho um coração como vós e não vos sou inferior; e quem não sabe tais coisas como estas? Eu sou irrisão para os meus amigos; eu, que invoco a Deus, e ele me responde; o justo e o reto servem de irrisão. Tocha desprezível é, na opinião do que está descansado, aquele que está pronto a tropeçar com os pés. As tendas dos assoladores têm descanso, e os que provocam a Deus es-

tão seguros; nas suas mãos Deus lhes põe tudo. Mas, pergunta agora às alimárias, e cada uma delas to ensinará; e às aves dos céus, e elas to farão saber; ou fala com a terra, e ela to ensinará; até os peixes do mar to contarão. Quem não entende por todas estas coisas que a mão do SENHOR fez isto, que está na sua mão a alma de tudo quanto vive, e o espírito de toda carne humana?" (Jó.I-10).

2. Avaliando a teologia de Zofar. Em sua breve, mas conclusiva alocução, reafirma Jó algumas verdades que os teólogos atuais deveriam assimilar, ao invés de se perderem em sofismas e falsas premissas: Deus é tanto transcendente quanto imanente. Vejamos, pois, antes de mais nada, o real significado da transcendência e da imanência divinas.

a) Transcendência. É o conjunto dos atributos que ressaltam a infinita superioridade de Deus em relação às suas criaturas: eternidade, infinitude, imensidade, imarcescibilidade.

b) Imanência. Embora seja Deus transcendente, não se encontra à parte de sua criação; acha-se presente nesta através destes atributos: onipresença, onisciência e onipotência. Há de se ressaltar, porém, que, conquanto esteja ele presente na criação, não se confunde com esta. Erram aqueles que afirmam que Deus é tudo, e tudo é Deus.

Por conseguinte, não obstante Deus habitar nas alturas jamais imaginadas, e apesar de infinito e insondável, não se encontra alheio às suas criaturas. Acompanha-nos desde a concepção (Sl 139.13-17). Ele se preocupa tanto com o destino dos grandes impérios, quanto das coisas que nos parecem mínimas e até desprezíveis (Dn 4.31-37; I Rs 17.14-16).

A teologia de Zofar, a despeito de grandiloquente e sentencial, não passava de alinhavos de uma sabedoria já fol-

clórica (Jó 12.1). Por isto, Jó argúi a Zofar estar o Todo-Poderoso tão preocupado com a sua criação que não se descuida sequer das alimárias (Jó 12.7-10). Também não foi esta a resposta que o Senhor deu ao profeta Jonas? (Jn 4.10.11)

Conclusão

Transcendente ou imanente? A teologia dos últimos dois séculos orbitou em torno de ambos os conceitos. De um lado, os teólogos que, realçando a transcendência de Deus, minimizaram-lhe a imanência. De outro, os teólogos que, sublimando a imanência divina, esqueceram-se da transcendência, como se fora algo de somenos importância.

Os amigos de Jó achavam-se divididos em ambos os pólos. Elifaz e Bildade haviam de tal forma vulgarizado a imanência de Deus, que supunham estar o Senhor disposto a manter um relacionamento meramente comercial e mercantil com as suas criaturas. Enquanto que Zofar, de tal maneira superestimou a transcendência divina, que veio a concluir estar o Todo-Poderoso tão distante de suas criaturas, que não lhes prestava qualquer atenção, nem perdia tempo intervindo na história particular de cada uma destas.

Deus não é somente imanente e transcendente. É, acima de tudo, condescendente: “Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade e cujo nome é Santo: Em um alto e santo lugar habito e também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e para vivificar o coração dos contritos” (Is 57.15).

Caso você se encontre atribulado, há um Deus que se importa com o seu sofrer. Ele tanto se ocupa dos grandes negócios do mundo como da falta da farinha em sua panela. Este é o nosso Deus! Aleluia!

Capítulo 13

A Teologia de Eliú

Introdução

Tem o sofrimento alguma serventia? Joseph De Maistre responde afirmativamente: “Creio no fundo de minha alma e sinto em minha consciência que, se o homem pudesse viver neste mundo isento de todo sofrimento, acabaria por se embrutecer”. Estaria Jó de acordo com De Maistre? Não somente chancelaria tais palavras, como haveria de assinalar: não fora o sofrimento, jamais viria a compreender a perfeita e agradável vontade de Deus.

Começou Jó a entender a pedagogia do sofrimento através do judicioso discurso de um jovem teólogo que, ao contrário de seus molestos amigos, pauta cada uma de suas palavras na sabedoria que vem diretamente de Deus.

Até este momento, mantivera-se Eliú calado, enquanto Jó e seus interlocutores terçavam armas em torno do sofrimento do justo. Mas, agora, esgotados

os argumentos de ambas as partes, resolve o jovem teólogo falar. Terá argumentos conclusivos? Veja como será respondida a pergunta que vem você fazendo insistentemente ao Senhor: “Por que o justo tem de sofrer? Existe algum propósito em todo este sofrimento?”

I. Eliú, um Grande e Reflexivo Teólogo

Até à sua entrada em cena, estivera Eliú ouvindo atentamente os discursos do patriarca e as arengas dos três amigos deste. Mas, agora, apesar de sua pouca idade, põe-se a falar. De suas palavras iniciais, infere-se: os oradores precedentes não lhe devotavam importância, por suporem que, sendo-lhe pouca a idade, não lhe era muita a sabedoria. Todavia, virão seus pronunciamentos a desequilibrar o debate; ao invés de se ater às especulações do humano saber, demonstrará a inquestionável ciência de Deus no que tange ao sofrimento do justo. Em virtude de sua acurada sabedoria, Eliú é apontado como um dos prováveis autores do Livro de Jó.

Antes de passarmos ao seu persuasivo discurso, vejamos alguns traços de sua biografia.

I. Eliú, filho de Baraquel. Ao contrário dos outros personagens do Livro de Jó, incluindo o próprio patriarca, Eliú é o que possui a mais completa biografia. Até uma pequena genealogia possuímos dele. Era filho de Baraquel, e tinha por avoengo a Rão, pertencente ao clã dos buzitas — uma tribo que habitava a península da Arábia (Jó 32.2). Ainda hoje é possível encontrar pelo Oriente Médio várias tribos que, descendentes dos buzitas, continuam a viver como se estivessem arredadas no tempo e no espaço. Visitá-las é como ultrapassar

a barreira dos séculos, e reviver os costumes bíblicos de um tempo que as Sagradas Escrituras vividamente preservam.

Em hebraico, **Eliú** significa *Ele é o nosso Deus*. Como naquele tempo os nomes revelavam não somente o caráter, mas também a crença das pessoas, conclui-se que a família de Eliú devotava a Deus uma adoração verdadeira e fortemente centralizada em princípios sadios e ortodoxos. Eis por que Eliú insurgiu-se de forma tão apaixonada contra os amigos de Jó; sem conhecimento, distorciam o conhecimento divino.

2. Eliú, o jovem. Se comparado aos três amigos de Jó, não passava Eliú de um jovem tenro e pouco experimentado nos cuidados da vida (32.6). Entretanto, que ninguém se engane com a sua pouca idade! O seu ensino haverá de revelar um homem sábio, prudente e entranhado nos mistérios divinos.

Por que são menosprezados os jovens? Indiretamente, Mathew Henry responde a esta pergunta que tanto vem incomodando a gente moça: “A flor da juventude nunca aparece mais bela que quando se inclina para o Sol da Justiça”. Estaria o grande pastor e erudito inglês referindo-se a Eliú? Se no prólogo de seu discurso é apresentado como jovem, ao encerrá-lo Eliú já pode ser considerado um grande e consumado teólogo.

3. Eliú, o teólogo. Mesmo antes de Abraão e Moisés (os dois principais personagens da religião divina no Antigo Testamento), Eliú já reunia condições de apresentar, brilhantemente, as demandas divinas quanto ao aperfeiçoamento dos justos através da pedagogia do sofrimento. Observe que o seu monólogo quase que se confunde com o discurso de Deus. Além do mais, não é reprovado em momento algum pelo Senhor, quando o Todo-Poderoso censura os três amigos de Jó (42.7-9).

Como seria maravilhoso se todos os teólogos fossem assim! O teólogo não é propriamente aquele que sistematiza uma doutrina; é aquele que, iluminado pelo Espírito Santo, compreende a revelação divina, e a transmite em sua inteireza.

II. A Teologia de Eliú

Ao invés de acusar a Jó e duvidar de sua integridade. Em vez de lançar-lhe em rosto impropérios gratuitos. Em lugar de se perder em especulações tolas, põe-se o jovem Eliú a apresentar uma teologia que, até aquele momento, não fora sequer cogitada naquela discussão. Não estará ele apresentando qualquer inovação; em seus lábios, contudo, ganhará este ensino uma renovação tal que, passados mais de cinco mil anos, continua a edificar aqueles que se acham no crisol do amoroso Pai.

I. A teologia da prova. Adiantando-se em seu discurso, exclama Eliú: "Pai meu! Provado seja Jó até ao fim" (Jó 34.36a). Recorramos ao hebraico: *Avi ybaben Yôb ad-netsab*. O vocábulo *ybaben* comporta os seguintes sinônimos: provar, refinar como ouro, fundir como metal. Por conseguinte, deveria Jó, como o mais precioso dos metais, ser intensamente provado até que todas as impurezas e imperfeições lhe fossem tiradas. Observe que Eliú roga a Deus seja o patriarca provado até ao fim. Se Jó tem de ser acrisolado, que lhe seja completo o crisol; até ao fim: *ad-netsab*. A provação haveria de perdurar enquanto fosse necessária.

Não fora Jó suficientemente provado? Entretanto, teria ele de suportar toda a ardência daquele cadinho até que viesse a entender a soberania de Deus. Doutra forma, jamais chegaria à estatura de perfeito varão (Jó 34.36b). Não era ele o

instrumento de Deus? Que de sua alma, pois, evolasse a mais pura das músicas! Lettie B. Cowman compara o sofrimento do crente a um mavioso instrumento: “Quando um organista pressiona as teclas pretas de um grande órgão, a música é tão agradável como quando pressiona as brancas, mas, para obter a expressão máxima do instrumento, deve tocar todas elas”.

Qual barro nas mãos do oleiro, não competia a Jó questionar as ações de Deus (Rm 9.21). Caber-lhe-ia entender, por mais insuportável que lhe fosse a prova, que o Senhor esconde, em cada crisol, um maravilhoso e insondável propósito. Eis o que Paulo escreve aos atribulados irmãos de Roma: “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência; e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança” (Rm 5.3,4).

Depois de meditar longamente sobre o propósito do sofrimento do justo, declara H. Dieterlen: “Tudo depende do modo por que se sofre. Mas Deus sempre tem um pensamento de amor nas tristezas que nos envia”. Afinal, como enfatiza o apóstolo, todas as coisas concorrem juntamente para o bem daqueles que, sinceramente, amam ao Senhor.

2. A pedagogia da prova. O Senhor conduzia a Jó através das mais difíceis e inimagináveis provas, a fim de que ele viesse a tornar-se um instrumento ainda mais valioso e útil para o seu Reino. Quão maravilhosa é a pedagogia do sofrimento! Se incrédulos, ensina-nos a crer. Se intempestivos, disciplina-nos em um amor paciente e temperante. Se indiferentes, leva-nos a chorar com os que choram e a alegrar-se com os que se alegram.

Sim, Deus educava a Jó por intermédio do sofrimento. E o mesmo está Ele fazendo com você neste instante. Por isto, não se desespere! Este é o modo pelo qual o Senhor educa a seus filhos.

III. Todos Somos Provados por Deus

Que homem de Deus ainda não foi provado? Todos temos o nosso quinhão de prova. Uns são provados quanto à sua obediência; outros, sobre o seu temperamento; aqueles, com respeito ao apego aos bens terrenos; estes, respeitante ao amor à família, a fim de que esta não tome o lugar do Todo-Poderoso; aqueles, no que concerne à sua visão de mundo. De uma forma ou de outra, todos somos provados. Albert Roehrich aconselha os que se queixam das provações: “Não vos preocupeis antecipadamente com esta ou aquela provação, mas aguardai-a com calma. Tendo o firme propósito de viver pela fé, descansando inteiramente no Amigo sempre fiel”.

I. A medida da prova. Conhecendo-nos as limitações, Deus não nos prova, a fim de nos destruir (I Co 10.13); pois sabe quão frágil é a nossa estrutura, e que somos pó (Sl 103.14). Aliás, conhece-nos Ele melhor do que nós mesmos (Sl 139.1-3). Por isso, administra-nos suas provas, visando-nos a perfeição (Ef 4.13).

Então, por que permite Deus tenham alguns de seus santos mortes violentas? (Tg 12.2) É que o Senhor não prepara apenas heróis; também levanta mártires, a fim de que nós, através deles, sejamos fortalecidos na fé: “Uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição; e outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos a fio de espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (homens dos quais o mundo não era digno)” (Hb 11.35-38). Não tem Ele prazer na morte de seus santos? (Sl 116.15). Por isso, amorosa e ternamente, recolhe-os; em seu regaço há um lenitivo eterno.

Não são poucos os pais que, diante da perda de seus queridos filhinhos, perguntam: “Não podias tu, Senhor, ter preservado a vida ao meu filho?” Acontece que, amando-nos Deus como nos ama, prefere Ele que choremos a morte de um ente querido a que lhe lamentemos a sorte. Todavia, até mesmo na tristeza o Senhor nos surpreende com a sua alegria. Aleluia!

2. A prova que consola. Escrevendo aos coríntios, declara Paulo que somos atribulados, para que, experimentando as consolações do Espírito, possamos administrar as mesmas consolações àqueles que se acham em desespero (2 Co I.4). Assim é a tribulação do crente – uma tribulação que consola; uma prova que conforta.

Conclusão

Verdadeiro Deus e criador de quanto existe, foi o Senhor Jesus submetido às mais insuportáveis provas. Fez-se Ele homem; tomou a nossa forma; colecionou-nos as dores todas (Is 53.3). Assim, fez-se Ele nosso perfeito sumo sacerdote.

Jesus é o nosso perfeitíssimo sumo sacerdote; em todas as coisas, provado (Hb 4.15). Ele, porém, jamais cometeu qualquer pecado nem dolo algum achou-se em sua boca. O seu sofrimento foi tão agudo, e tão forte e implacável, a angústia, que veio a rogar ao Pai que, se possível, afastasse de si aquele cálice. Por isso, consola-nos o Cristo: “No mundo tereis aflições; ten-de bom ânimo: eu venci o mundo” (Jo I6.33). Aceitemos, pois, a pedagogia da prova; Deus quer a nossa perfeição.

Capítulo 14

A Teologia de Deus

Introdução

O pensamento teológico de Camilo Castelo Branco tinha muitos pontos de contato com o de Zofar que, em sua demorada e implacável arenga, afirmou que Deus não se ocupa com a pequenez do ser humano. Ouçamos o escritor português: “Deus não se deixa entender justamente para não sofrer confronto com estes miseráveis que nós somos”. Como alguém tão lúcido e tão razoável pôde chegar a uma proposição tão deformada e tão contrária às Sagradas Escrituras?

É claro que não podemos conhecer a infinitude de Deus. Todavia, podemos conhecê-lo salvificamente. Pois Ele mesmo, amando-nos como nos ama, deu-se a conhecer às suas criaturas. Ainda que jamais venhamos a entendê-lo plenamente, plena e perfeitamente entende Ele cada um de seus filhos, e tudo fará a fim de que encontremos consolo em suas moradas.

Equivocara-se, pois, Camilo ao supor que Deus foge ao confronto com os seres humanos. Ele não somente vem ao nosso encontro, como ao mais profundo vale desce para ministrar-nos os mais indeléveis confortos. Escreve o pensador brasileiro Marquês de Maricá: “Subi a Deus na vossa ventura. Ele descera a vós na vossa desgraça”.

Embora já não passasse Jó de uma pavorosa e aterroradora ruína, a ele revela-se Deus, a fim de que a criatura confrontasse ao Criador. E o que fez o patriarca? Deixou-se questionar pelo amorosíssimo Pai.

I. Deus Aparece a Jó

Jó vira-se constrangido a sofrer as teologias de Elifaz, Bildade e Zofar. Calado, suportara o longo e persuasivo discurso do jovem teólogo Eliú. A partir deste momento, ouvirá a Deus. Não quer o paciente homem de Uz apresentar suas demandas ante o Todo-Poderoso? Então, que o faça!

Eis que o Senhor, de um redemoinho, aparece a Jó (38.1). Esperava ele ver o Senhor, naquele momento? Justamente quando não tinha mais argumentos? Se diante de Eliú, não tinha o patriarca mais discurso, como se haverá, agora, ante o Todo-Poderoso Deus?

Nessa passagem, temos uma das mais impressionantes teofanias do Antigo Testamento. Aparece o Senhor ao seu servo, exatamente quando este julgava-se abandonado por todos, inclusive pelo próprio Deus. Vem o Senhor e, de um redemoinho, apresenta-se ao patriarca. A palavra hebraica *seará* descreve uma tempestade literal; tempestade esta que, às vezes, é vista como juízo divino (Is 29.6). A palavra foi também usada para descrever o redemoinho que arrebatou Elias ao céu (2 Rs 2.1).

Por que lhe vem o Senhor em meio a uma tempestade? Não fora uma tempestade que lhe matara os filhos? Não poderia o Todo-Poderoso ter se apresentado àquele coração atribulado de forma mais suave? Acontece que, naquele momento, necessitava Jó de uma terapia que fugisse ao convencional.

Assim continua o Senhor a agir com os seus filhos. Às vezes, vem-nos Ele como aquela voz mansa e suave que arrancou Elias à caverna. Outras vezes, apresenta-se na fúria do mar. Falar-nos-á, ainda, através daquele olhar meigo e sereno que alcançou a Pedro na noite da paixão de nosso Senhor. Nalgumas ocasiões, eis-nos a falar eloqüentemente no silêncio que observa o lírio do campo. Aprouve-lhe, contudo, dirigir-se a Jó através daquele redemoinho que parecia mais uma luta do que o prenúncio de uma grande e singular bonança.

I. A grande pergunta. “Quem é este que escurece o conselho com palavras sem conhecimento?” (Jó 38.2) *Mi zeh*. Quem é este? Pergunta o Senhor a seu servo, Jó. O que este haverá de lhe responder? Para quem tinha tantos argumentos; para quem possuía tantas palavras irrefutáveis; para quem reuniu condições de rebater três eloqüentes adversários; para quem achava-se preparado, inclusive, para contender com o próprio Deus; para quem já exibia um irresistível libelo contra o seu Criador, vê-se agora impossibilitado de responder a uma simples pergunta.

O que fizera Jó até aquele instante? Escurecera o conselho divino com palavras sem conhecimento. Seus discursos, por conseguinte, eram tão terrenos quanto os de Elifaz; tão sofríveis quanto os de Bildade; tão reprováveis quanto os de Zofar. Não porque fosse o patriarca um homem mau e desprovido de boas ações. Como o melhor dos homens, e prati-

cando as mais meritórias obras, acabara por fundar a sua fé nestas e não na justiça divina. Por conseguinte, a doutrina da justificação pela fé tem a sua gênese no Livro de Jó.

Não possuindo ainda um perfeito conhecimento de Deus, o patriarca terminou por escurecer o conselho divino com as suas palavras. E o que é o conselho divino? A palavra hebraica *etsá* significa também propósito, desígnio, plano. Significa que o Senhor reservara um firme propósito para a vida de Jó; um desígnio a todo aquele sofrimento; e um plano que, de tão maravilhoso, serviria para fortalecer as gerações de crentes que, fortalecidos por seu sofrimento, encontrariam em Deus o lenitivo bem presente na angústia.

Todavia, naquele momento, Jó, com as suas palavras desprovidas do conhecimento divino, escurecia o divino conselho. O vocábulo hebraico *hashók* não significa apenas obscurecer; também traz a idéia de algo ignorado ou que se escondera nas trevas. O patriarca, portanto, ignorando os propósitos divinos, encobriu-os com as suas palavras. O teólogo americano Donald Stamps assim comenta a referida passagem: “Agora foi o próprio Deus quem se dirigiu a Jó. Deus revelou a ignorância de Jó quanto ao propósito divino em tudo quanto estava acontecendo. Jó ficou perplexo ao perceber quão pouco os seres humanos realmente sabem e conhecem a respeito do Todo-Poderoso. Por outro lado, vemos primeiramente na resposta de Deus a Jó, sua presença, misericórdia e amor para com ele”.

2. Jó se prepara para ouvir a Deus. Em seguida, ordena o Senhor ao patriarca: “Agora cinge os teus lombos como homem; e perguntar-te-ei, e, tu, responde-me” (Jó 38.3).

O verbo hebraico *‘āzar* denota a atitude de um soldado que, preparando-se para o combate, cinge os lombos com um cinto de couro, a fim de que os rins e outros órgãos vitais fossem-lhe devidamente protegidos. Ao mesmo tempo, o cinto tinha uma força emblemática mui considerável: o seu portador era um herói e não um mortal qualquer. Ai do soldado que, em Israel, viesse a desonrar o cinturão de guerra (I Rs 2.5).

Deveria Jó, neste momento, pôr-se de pé, e ter uma postura digna de um herói. Aliás, é exatamente isto o que significa a palavra empregada pelo autor sagrado: *geber* denota o homem valoroso, o soldado que não recua diante do perigo; é o varão poderoso, forte e valente.

Por conseguinte, haveria o Senhor de interrogar não um farrapo, ou alguém que, já desfigurado pela luta, punha-se agora a desmanchar-se em autopiedade. Ele falaria a Jó que, a partir daquele instante, comportar-se-ia como um herói que se não deixa abater pelo ardor da peleja. Não deveria ele mostrar-se acovardado e fraco; teria de se cingir como soldado, e como campeão de Deus, enfrentar o restante da provação. Eis o que recomenda o sábio: “Se te mostrares frouxo no dia da angústia, a tua força será pequena” (Pv 24.10).

O que requeria o Senhor de Jó? Deveria ele saber que nada sabia, embora julgasse tudo saber. Até este instante, agira presumidamente, armando-se de palavras que não retratavam, necessariamente, o verdadeiro conhecimento divino. Não interviesse o Senhor na vida do patriarca, tornar-se-ia ele tão especulativo quanto Elifaz, tão imaginoso como Bildade e tão incoerente quanto Zofar. Eis a oportunidade de Jó firmar-se, de vez, no legítimo conselho de Deus.

Mathew Henry assim comenta o tratamento que o Senhor dispensa a Jó: “O Senhor humilha a Jó em seu discurso e o leva a arrepender-se de suas apaixonadas expressões acerca dos tratos providenciais que ele (Jó) vinha recebendo do Senhor”. É imprescindível, pois, aceitar o que nos tem o Senhor reservado. Às vezes não compreendemos de imediato o plano que tem Ele para a nossa vida. Compreendendo, ou não, aceitemo-lo; Deus tem sempre o melhor para nós.

Ato contínuo, ordena-lhe o Senhor que cinja os lombos, a fim de que lhe ouça as palavras. Entretanto, como levantar-se e cingir-se? Não passava ele de ruínas? Deus, porém, não o via assim. Via-o como alguém feito à sua imagem e criado conforme à sua semelhança.

Deus não nos quer prostrados, como se já não nos restasse esperança alguma. Mesmo na hora da morte, insta-nos a que, em atitude de fé, aprumemo-nos em Cristo Jesus (At 7.60). Não fique prostrado! Levante-se! Firme-se na Palavra de Deus: “Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti” (Is 60.1).

II. Quando as Perguntas São mais Importantes que as Respostas

O pensador judeu Shlomo Ibn Gabirol observa: “A pergunta formulada por um sábio traz metade da resposta”. Ora, se isto é verdade em relação aos sábios deste mundo, como não nos haveremos se o próprio Deus põe-se a questionar-nos? No campo da filosofia, tudo começa com uma pergunta, e nem sempre encerra-se com uma resposta. Com a teologia não é diferente. Se hoje fazemos uma pergunta em relação à grandeza de Deus, amanhã esta mesma pergunta levar-nos-á a outras perguntas.

Já devidamente aprumado, e já convenientemente cingido, prepara-se Jó para ouvir a Deus. Não espera você uma resposta do Senhor? Vem Ele, às vezes, mais perguntando que respondendo. Esta é a pedagogia divina: sabatina Ele a seus filhos, a fim de que estes encontrem as devidas respostas. Isto não quer dizer esteja o Supremo Ser limitado às perguntas. Sendo o autor da didática, usa os mais diversos métodos para que venhamos a aprender-lhe a Palavra (Hb 1.1-3). No caso de Jó, busca o Senhor ensiná-lo através de perguntas e respostas.

1. A teologia da pergunta. Você não se surpreendeu quando, pela primeira vez, seu filho pôs-se a crivá-lo de perguntas? Certamente, ele lhe encarreirou todas aquelas indagações, algumas até embaraçosas, porque buscava entender o Universo. Mas, o que faria você, se o próprio Criador do Universo começasse, de repente, a enfileirar-lhe as perguntas que só Ele é capaz de responder? Se você sentiu-se acuado diante das indagações de seu filho, como não se haverá ante as perguntas do Pai celeste?

Esta é a teologia de Deus! Uma teologia que, às vezes, mais indaga que responde. Se Jó procurava respostas, encontra agora perguntas; mas, nestas: a luz de que tanto necessitava. A iluminação divina nem sempre se acha na resposta (Gn 3.9; I Rs 19.13; Lc 18.40-43).

2. As perguntas de Deus. Falta-nos espaço para alinharmos, aqui, todas as perguntas que o Senhor Deus fez a Jó. E este, que presumia possuir todas as respostas, emudece diante das indagações do Deus que responde:

a) *Sobre a criação da terra:* “Onde estavas tu quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência. Quem lhe

pôs as medidas, se tu o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina, quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?" (Jó 38.7).

Tais perguntas só começaram a ser respondidas recentemente. Durante milhares de anos, fizeram os homens as mais absurdas conjecturas acerca dos fundamentos da terra. Em que base estava o nosso planeta assentado? Alguns achavam estivesse ele sobre imensas tartarugas; outros supunham encontrasse ele sobre os costados de um gigantesco elefante; e ainda outros ensinavam que o planeta repousasse sobre os ombros de Atlas.

Ora, se Jó ignorava os fundamentos da terra, como poderia saber a sua circunferência? Hoje, esta informação já não constitui dificuldade. Mas para que o homem lograsse alcançá-la, foram necessários milhares de anos. Os astrônomos tiveram muito trabalho para obter essas informações. Aliás, até a própria forma da terra ignoravam. A Igreja Católica, por exemplo, supunha ter a terra o formato da mesa onde ficavam os pães da apresentação no Tabernáculo. Por conseguinte, se os navegadores intentassem ir além de alguns limites, acabariam por cair num insondável abismo.

Se alguém ousasse dizer que, na verdade, era a terra um globo, seria interrogado como herege. Haja vista o que aconteceu com Galileu.

Além da terra, o Senhor menciona a Jó as estrelas que colocara no firmamento. Qual o número delas? Abraão não as poderia contar; inumeráveis. Diante da afirmação bíblica,

quantos céticos não vieram a escarnecer de Deus! No entanto, sabe-se hoje que a Bíblia não usou nenhuma linguagem hiperbólica; retratou a verdade científica antes mesmo de a ciência ter as palavras exatas para sistematizá-la.

Defendendo a exatidão com que a Bíblia trata da grandeza do Universo, afirmou Pascal: “Quantos astros as lunetas não descobriram para nós, astros que não existiam para nossos filósofos de outrora! Censura-se deliberadamente a Escritura Sagrada a respeito do grande número de estrelas, dizendo: ‘Não há mais de mil e vinte e dois, sabemos’”. Desde que o sábio francês escreveu tais palavras, foram as lunetas tornando-se cada vez mais poderosas até se transformarem nos telescópios que, da região sidérea, vasculham os céus. O que tudo isso vem demonstrar? Que a sabedoria de Deus, apresentada na Bíblia, é simplesmente irresistível.

b) *Sobre os animais*: “Sabes tu o tempo em que as cabras monteses têm os filhos, ou consideraste as dores das cervas? Contarás os meses que cumprem ou sabes o tempo do seu parto? Elas encurvam-se, para terem seus filhos, e lançam de si as suas dores. Seus filhos enrijam, crescem com o trigo, saem, e nunca mais tornam para elas. Quem despediu livre o jumento montês, e quem soltou as prisões ao jumento bravo, ao qual dei ao ermo por casa e a terra salgada, por moradas?” (Jó 39.1-5).

c) *Sobre a soberania divina*: “Porventura, o contender contra o Todo-Poderoso é ensinar? Quem assim argúi a Deus, que responda a estas coisas” (Jó 40.2).

d) *Sobre a justiça divina*: “Porventura, também farás tu vão o meu juízo ou me condenarás, para te justificares? Ou tens braço como Deus, ou podes tropejar com voz como a sua?” (Jó 40.7-10).

O que poderá Jó responder ao Todo-Poderoso?

III. Quando as Respostas Humanas se Calam

Diante das perguntas que lhe faz o Senhor, o paciente patriarca se cala. Em seu silêncio, porém, Jó vai se convencendo da sublimidade da justiça divina e da transitoriedade da humana. Não sabia ele ser o Todo-Poderoso justo e excelso? Teoricamente, sim; experimentalmente, não.

I. Jó se humilha diante do Senhor. Não mais podendo resistir a divina sabedoria, Jó humilha-se diante do supremo Deus: “Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mão ponho na minha boca. Uma vez tenho falado e não replicarei; ou ainda duas vezes, porém não prosseguirei” (Jó 40.4,5).

Tem você se humilhado diante do Senhor? Tem se curvado ante a sua excelsa face? Atentemos a esta exortação de Pedro: “Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte” (I Pe 5.6).

2. Do natural ao sobrenatural. Deus usou o método indutivo para conduzir o seu servo Jó do natural ao sobrenatural. Fez-lhe perguntas acerca da natureza, a fim de que ele, ouvindo-as e maravilhando-se, viesse a pisar o terreno do espiritual. É o que constataremos no capítulo seguinte.

Conclusão

Provados, enfileiramos diante do Senhor virtudes e predcados; apresentamos-lhe a excelência de nossa justiça; exibimos-lhe a correção de nossa crença. E, resguardados pela razão, supomos não ser Deus razoável. Por que permitira Ele viéssemos a sofrer de tal maneira? Ao abrir sua Palavra, contu-

do, redescobrimos o óbvio: Deus sempre tem razão mesmo quando parece nada razoável.

Nem sempre teremos as nossas perguntas respondidas. Todavia, nosso Pai celeste, através daquela pedagogia que somente Ele possui, conduzir-nos-á a compreender as maravilhas de sua Palavra.

Até mesmo nas perguntas de Deus, encontramos as respostas de que tanto carecemos. Aleluia! Atentando ao que Ihe perguntou o Senhor, começou Jó a encaminhar-se para a completa restauração.

Capítulo 15

A Restauração de Jó

Introdução

O escritor português Camilo Castelo Branco fez certa vez uma declaração sobre a felicidade que, à primeira vista, parece quadrar perfeitamente à história de Jó: “A felicidade vem a troco de lágrimas, como a consolação do salvamento a preço das agonias do naufrágio”.

Esta conclusão, porém, não consegue transcender o drama sagrado; vai este além da perspectiva meramente humana. O problema aqui, como já vimos, não é a felicidade; é o sofrimento do justo. Isto porque o patriarca, quando feliz, não era feliz; chegando-lhe a infelicidade, começou a entender as bases da felicidade verdadeira. E, agora, não passando de ruínas, depara-se com a felicidade das felicidades: o encontro experimental com Deus.

Neste capítulo, veremos como o Senhor vira-lhe o cativo, transformando-o num dos mais bem-aven-

turados homens de todos os tempos. As provações, de que fora alvo, tiveram sobre a sua vida um efeito maravilhoso: conduziram-no a viver uma sublime comunhão com o Senhor.

O mesmo haverá de acontecer com você. Se o sofrimento hoje parece-lhe estranho, amanhã os resultados que deste haverá de advir tornar-se-ão bem familiares; todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus.

Vejamos, pois, como o Senhor vira o cativoiro daqueles que lhe são caros.

I. A Profunda Humilhação de Jó

Com profunda e singular humilhação, o melhor dos homens daquela época, ouviu dois pronunciamentos que, judiciosamente, apontaram-lhe as falhas: o discurso de Eliú e o monólogo do Todo-Poderoso. Jó, em momento algum, se exaspera. Agora tem ele certeza de estar sendo provado; na economia divina sempre é possível melhorar o que já é perfeito (Dt 18.13; Pv 4.18; Mt 5.48; Ef 4.13).

Sem humilhar-se diante do Senhor, como poderá o homem obter o tão almejado crescimento espiritual? Todos os heróis da fé, quer do Antigo, quer do Novo Testamento, seja da história da Igreja Cristã, seja das crônicas eclesiásticas, humilharam-se de tal forma ante o Supremo Ser, que vieram a obter um inefável encontro com Deus.

I. O valor da humildade na experiência do crente. Re-
alçando o valor da humildade na vida do crente, Agostinho é categórico: "Foi o orgulho que transformou anjos em demônios; é a humildade que faz homens serem como anjos". Ali estava um homem que, através de todos os seus sofrimentos e

aguras, achava-se prestes a fazer-se não um anjo, mas alguém melhor do que os seres angélicos. Aliás, que anjo, por mais poderoso e excelso, teve a experiência de um homem como Jó? Não afirmou Thomas Brooks que os homens mais santos são sempre os mais humildes? De um homem íntegro como o patriarca, a humildade não é um mero adorno; é-lhe algo inerente. Atentemos, pois, a confissão que este homem paciente e comprovadamente humilde faz ao Senhor.

2. A confissão de Jó. O que resta, agora, ao patriarca? Não obstante ser tido como um dos três homens mais perfeitos de todos os tempos, confessa Jó a sua falta, e reconhece a sua pequenez diante da imensidade de Deus: “Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42.6).

Ora, que pecado cometera Jó para fazer tal confissão? Não fora ele testado de todas as maneiras, e de todos os modos, provado? Por que semelhante confissão? É que somente nesta quadra de sua vida vem a reconhecer plenamente a soberania divina; qual barro nas mãos do oleiro, colocase ele à disposição do Senhor. J. I. Pacter, após haver discorrido sobre a humildade na vida do crente, escreve: “Só depois que nos tornamos humildes e ensináveis e permanecemos extasiados diante da santidade e soberania de Deus, reconhecendo nossa pequenez, desconfiando dos nossos pensamentos e desejando ter a mente humilhada, é que podemos adquirir a sabedoria divina”.

O que J. I. Packer quis aqui enfatizar é que o avivamento espiritual leva o homem a agir com profunda humildade diante do Todo-Poderoso. Sem este mover do Espírito, o crente jamais abrirá o coração, convidando venha o Senhor Jesus e nele faça morada. Pelo relato deste último capítulo de Jó, con-

cluímos ter o patriarca experimentado um grande e poderoso reavivamento, pois o Senhor fez uma obra maravilhosa não somente em sua vida, como também na vida de sua esposa e na vida de seus amigos.

F. B. Meyer assim comenta a experiência de Jó: “Em total submissão, Jó curvou-se diante de Deus, confessando sua ignorância e admitindo que tinha falado levianamente de coisas que não compreendia. Ele tinha replicado aos amigos que era tão bom quanto eles, mas agora confessava, que era o principal dos pecadores como depois iria fazer o apóstolo Paulo. Uma coisa é ouvir falar sobre Deus, outra é vê-lo e conhecê-lo de perto. Bem que podemos abominar nossas orgulhosas palavras e arrepender-nos no pó e na cinza”.

Sim, o que diria você ao ouvir tal confissão de um homem que era a mesma perfeição? De um homem, cuja integridade era reconhecida e avalizada até pelo próprio Senhor? Sim, era Jó um homem perfeito. Mas, diante de Deus, quão imperfeitas são as nossas perfeições. Diante daquele que é infinito em suas perfeições, o perfeito sempre poderá se aperfeiçoar; o bom sempre poderá melhorar (Fp 3.12; Cl 1.28). Jó o sabia muito bem.

3. Ouvindo e vendo a Deus. Jó teve de se calar para compreender a natureza de seu sofrimento; e, perfeitamente, compreendeu-a. Infelizmente, muitos não logram o mesmo entendimento, pois ainda não aprenderam a ouvir a voz de Deus (Hb 3.7,8). Oram, mas não lhe ouvem a resposta (Is 42.20). Com os seus murmúrios, acabam por encobrir a voz de Deus (Sl 106.25).

Primeiro ouviu Jó a voz de Deus; depois, seus olhos passaram a vê-lo (Jó 42.6). Até este momento, a fé que o patriarca professava em Deus, conquanto sublime e singularíssima, ainda

era intelectual. Mas, agora, que os seus olhos vêem o Todo-Poderoso, começa a ter um conhecimento experimental do Senhor.

Como é a sua fé? Intelectual? Ou experimental? O Senhor deseja que você o conheça integralmente (Os 6.1-3). Não são poucos os cristãos que ostentam uma fé meramente intelectual em Deus. Sabem que o Supremo Ser existe, e que Jesus Cristo é o único e suficiente Salvador da humanidade. Seu conhecimento das coisas espirituais, todavia, jamais transcendeu o campo do intelecto. J. Blanchard afirmou com toda a razão que a fé que não vai mais longe do que a cabeça nunca pode trazer paz ao coração. O mesmo autor acrescenta que, onde a razão fracassa, a fé pode descansar.

A fé que ainda não transcendeu o intelectualismo, por mais correta, por mais ortodoxa, e por mais bíblica que se exhiba, acabará por cair na apostasia. Haja vista o que aconteceu na Alemanha. Após a morte de Lutero, os herdeiros da Reforma fecharam-se em suas escolas, pondo-se a estudar racionalmente as bases do Cristianismo. Não que isto seja errado. Afinal, a fé cristã é mais forte e mais alta que a razão humana. No entanto, os escolásticos alemães, ao invés de se porem a buscar um novo avivamento espiritual, passaram a criticar a fé cristã. E foi assim que surgiu o liberalismo teológico, que acabou por lançar a Alemanha numa das piores fases de sua história. E foi justamente esta falha que abriu as portas aos nazistas assumirem o comando daquele país que, um século antes, era conhecido como a Atenas da Europa.

Não se conforme com uma fé meramente intelectual. Conheça o Senhor de forma experimental, a fim de usufruir-lhe todas as bênçãos. O patriarca Jó teve de passar por todo aquele crisol a fim de experimentar quão maravilhoso era o Senhor.

II. Intercessão e Restauração

A prova a que Jó foi submetido não serviu apenas para si; foi também imprescindível aos seus amigos que, a partir daquele momento, pôr-se-iam a encarar as coisas divinas de maneira correta. Se até então pensavam eles que o Senhor haveria de se contentar com boas obras, ou com um simples relacionamento mercantil, a partir de agora terão de se conscientizar de que Deus busca a nossa verdadeira adoração. O que mais lhe agrada em seus servos é um coração sincero e amável; um coração que, em seu abatimento, está sempre prestes a exaltar-lhe o nome.

Na verdade, o sofrimento de Jó trouxe um grande avivamento a todos os que o cercavam. E os seus amigos, posto que molestos, também foram alvo das misericórdias do Senhor. Portanto, a prova a que você está sendo submetido redundará num maravilhoso despertar espiritual a todos que o rodeiam. Por isso, não se irrite com os seus amigos; ore por eles; interceda por eles.

O Senhor dirige-se, neste momento, aos três amigos de Jó, e gravemente os repreende:

I. Deus repreende os amigos de Jó. “A minha ira se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó. Tomai, pois, sete bezeros e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e ofereci holocaustos por vós, e o meu servo Jó orará por vós; porque deveras a ele aceitarei, para que eu vos não trate conforme a vossa loucura; porque vós não falastes de mim o que era reto como o meu servo Jó” (42.7,8).

Desta advertência de Deus, podemos ver alguns fatos bastante interessantes quanto à atuação de Jó. Em primeiro

lugar, teria ele de agir como sacerdote. Quantas pessoas não estão necessitando de nossas orações! E, não raro, deixamos de lado nossas obrigações sacerdotais. No Antigo Testamento, temos além de Jó, dois outros grandes intercessores: Moisés e Samuel. E ambos tiveram sua qualidade como intercessores reconhecida (Jr 15.1). Samuel, aliás, considerava um grave pecado deixar de interceder pelo povo: “E, quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o SENHOR, deixando de orar por vós; antes, vos ensinarei o caminho bom e direito” (1 Sm 12:23).

2. O sacerdócio de Jó. Mesmo em frangalhos, e mesmo não passando de ruínas, deveria Jó, naquele momento, atuar como sacerdote daqueles que muito o feriram com suas palavras. Que incrível semelhança com o Senhor Jesus Cristo! Nosso Salvador, embora tenha sido retratado pelo profeta como alguém desprovido de parecer e formosura, intercedeu por nós pecadores (Is 53.2,3,12). Se este retrato que o profeta revela do Senhor parece forte, o que diremos da pintura que do mesmo Salvador faz Davi: “Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo” (Sl 22.6)?

No auge da angústia, Jó era mui semelhante ao Senhor Jesus. Mas quão distante achava-se ele da glória exterior do sacerdócio araônico! No entanto, caber-lhe-ia orar por seus amigos, e por seus amigos oferecer os sacrifícios prescritos pelo Senhor.

Tem você orado por seus amigos? Tem jejuado por eles? Ainda que estes o firam com palavras e atos, não deixe de apresentá-los diante do Senhor. Intercedendo pelos que o magoam, será mudado o seu cativoiro. Muitos crentes não são restaurados, porque não aprenderam ainda o valor da oração

altruística e sacrificial; esta é a oração, na qual o filho de Deus, esquecendo-se si, lembra ao Pai aqueles que suspiram pelo aconchego dos irmãos.

III. A Restauração de Jó

Eis que o Senhor põe-se a virar o cativo de Jó; restaura-o integralmente. Se tudo ele perdera por completo e de uma só vez, de forma duplicada o Senhor o abençoa. Se aquela tribulação não lhe tivesse sobrevivido, como se haveria diante daqueles que, latentemente, já lhe minavam a resistência espiritual e a harmonia do lar? Por conseguinte, temos de encarar como bênção as provações que o Senhor permite venham sobre nós. Por mais duras e aparentemente implacáveis, representam elas uma porta de escape. Cortland Myers, pondo-se a falar sobre a utilidade das provações na vida do crente, faz uma solene advertência: “Algum dia Deus revelará a cada cristão o fato de que as coisas contra as quais nos rebelamos foram os instrumentos que ele utilizou para aperfeiçoar e modelar nossos caracteres”.

A essas alturas de sua prova, já sabia o patriarca por que houvera passado por todas aquelas dificuldades. E Deus, que o conduzira ao crisol, leva-o agora à bonança, virando-lhe o cativo.

I. O cativo cativado. “E o SENHOR virou o cativo de Jó, quando orava pelos seus amigos; e o SENHOR acrescentou a Jó outro tanto em dobro a tudo quanto dantes possuía” (Jó 42.10).

O Senhor virou o cativo de Jó. O que significa exatamente esta expressão? Que o Senhor Deus, em sua infinita

misericórdia, tornou cativo o cativo de Jó. Lembra-nos isto a triunfante ressurreição de Cristo: "Subindo ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens" (Ef 4.8). Eis por que, no momento mais agudo de sua provação, confessou o patriarca: "Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra" (Jó 19.25). Levantando-se o Redentor de Jó de sobre a terra, todo o cativo deste foi mudado; Ele levou cativo o seu cativo". Diz o hebraico: *Iavé shav et-shavit Iov*. Sim, o Senhor cativou o cativo de Jó.

Virando-lhe o cativo, pôs-se o Senhor a restaurar completamente o patriarca. Juntamente com o avivamento espiritual, veio também a restauração mais que duplicada de tudo o que o patriarca perdera.

2. Restauração espiritual. Humilha-se Jó, reconhecendo a sua pequenez: "Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido. Quem é aquele, dizes tu, que sem conhecimento encobre o conselho? Por isso, falei do que não entendia; coisas que para mim eram maravilhosíssimas, e que eu não compreendia. Escuta-me, pois, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu ensina-me. Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso, me abomino de me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42.6).

Jó reconhece a soberania divina. Por conseguinte, não lhe caberia questionar a Deus acerca da prova a que fora submetido. Não era Jó o barro? E Deus? Não era o Oleiro? Então que o barro se entregasse inteiramente ao Oleiro; Ele sabe o que está fazendo. E se Deus pode todas as coisas, nenhum de seus desígnios será impedido. Ele faz o que quer. Isto não significa, porém, que Deus fará alguma coisa que contrarie a sua natureza

justa e santa. Sendo Ele amor, tudo fará a fim de que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam.

Se antes possuía Jó uma fé meramente intelectual, agora já tem um encontro experimental com o Senhor. Antes, conhecia a Deus só de ouvir; agora os seus olhos o vêem. Que experiência maravilhosa! Sim, agora, os meus olhos o vêem: *atah eini raateka*.

Antes Jó falara do que não entendia, mas agora emudece diante das maravilhas que o Senhor lhe mostra. E se o patriarca não houvera sido submetido a todo aquele crisol? Com o passar dos tempos, poderia perder até mesmo a confiança no Senhor. Compreendendo os planos de Deus, humilha-se Jó diante do Senhor. Eis o homem restaurado. Tudo começa quando nos humilhamos diante de Deus.

A restauração material de Jó era apenas um pequeno detalhe naquela obra que o Senhor realizava em sua vida. Infelizmente, não são poucos os que, no crisol divino, preocupam-se muito mais com o passageiro do que com o eterno. Não podemos nos esquecer que, buscando o Reino de Deus, as outras coisas nos são automaticamente acrescentadas.

3. Restauração material. O Senhor acrescentou a Jó outro tanto em dobro a tudo quanto antes possuía: “E, assim, abençoou o SENHOR o último estado de Jó, mais do que o primeiro; porque teve catorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil juntas de bois, e mil jumentas” (Jó 42.12,13).

Mesmo hoje seria Jó considerado um homem mui rico. Se antes da provação, era já considerado o maior do Oriente, agora torna-se um dos varões mais poderosos do terra. Na vida de Jó, a prosperidade não era uma teologia; era uma de-

voção amorosa e sacrificial; algo que lhe fazia parte da mordomia com a qual servia a Deus e ao próximo.

4. Restauração social de Jó. Os que desprezaram a Jó, estando este na angústia, agora presenteiam-no como se fora ele um príncipe:

“Então, vieram a ele todos os seus irmãos e todas as suas irmãs e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele pão em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de todo o mal que o SENHOR lhe havia enviado; e cada um deles lhe deu uma peça de dinheiro, e cada um, um pendente de ouro” (Jó 42.11).

Jó, agora, é exaltado diante de todos os seus amigos e parentes. Vêm estes e trazem-lhe suas dádivas. E, assim, pôde ele recompor o seu patrimônio e reconstruir a sua vida econômica. Deus jamais nos abandona. Aliás, usa Ele os que nos abandonaram, a fim de que nos acolham.

5. Restauração doméstica de Jó. Embora a Bíblia não o revele, a esposa de Jó veio a se converter ao Senhor, fazendo-se partícipe de toda a ventura do esposo. E se este, no auge do desespero, houvera despedido a mulher? Seria inconcebível uma vida espiritual restaurada sem um lar plenamente refeito.

A mulher que antes fora contada entre as loucas, arrependeu-se de seus pecados, passou a respeitar o esposo e a este consolou com dez maravilhosos filhos: “Também teve sete filhos e três filhas. E chamou o nome da primeira, Jemima, e o nome da outra, Quezia, e o nome da terceira, Quéren-Hapuke” (Jó 42.13,14). Acrescenta o escritor sagrado que, em toda a terra, não havia mulheres tão belas quanto as filhas de Jó.

Querido irmão, não permita seja o seu lar destruído. Lute

por sua esposa e filhos; reconstrua o seu casamento. Nenhuma restauração é possível sem um lar forte e bem constituído.

6. Restauração histórica de Jó. O homem que fora tão caluniado por Satanás, tão incompreendido pela esposa e tão acusado pelos amigos, entra agora para uma exclusivíssima galeria; é posto entre os três mais piedosos homens de todos os tempos: “Ainda que Noé, Daniel e Jó estivessem no meio dela, vivo eu, diz o Senhor JEová, que nem filho nem filha eles livrariam, mas só livrariam a sua própria alma pela sua justiça” (Ez 14.20). Pode haver maior honra do que esta?

Deus não permite fiquem os seus servos sem a devida honra; reabilita-os a fim de que todos venham a glorificar-lhe o nome. Se você tem sido caluniado por Satanás; se os amigos já não o tem em consideração, não se preocupe. Nós temos um Deus que tudo fará para colocar-nos num lugar de honra e destaque.

Conclusão

Afirmou um crítico literário, certa vez, que dois são os defeitos do Livro de Jó. O primeiro é que o antagonista da história — Satanás — sai de cena ainda no prólogo. E o segundo é que, diferentemente dos dramas gregos, romanos e ingleses, a história de Jó tem um final feliz. Não obstante, acrescenta o crítico, o Livro de Jó é o mais belo poema de todos os tempos.

O que os críticos seculares classificam de defeito, nós chamamos de perfeição. Pois, de uma forma magistral, o autor sagrado pôde conduzir o drama de Jó sem a presença do adversário. E se o Livro de Jó é concluído com final feliz, é por-

que se manteve com absoluta fidelidade aos fatos. Se os gregos, romanos e ingleses não se afeitam aos finais felizes, os que servimos a Deus sabemos que, apesar das intempéries, sempre haverá um final surpreendentemente venturoso àqueles que confiam nas promessas do Pai celeste.

Conforte-se na história de Jó! Se as suas angústias são grandes, maiores ser-lhe-ão as consolações. De toda essa provação, sairá alguém bem melhor. Em sua história, também haverá um final feliz.

E não se esqueça: “Orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo” (Cl 4.3).

A Deus toda a glória! Aleluia!

Capítulo 16

Das Crises Nascem os Santos

Tenho, diante de mim, várias definições de crise. E todas elas parecem refletir aqueles terríveis momentos que vivi em 1999. Momentos? Pareciam séculos; desdobravam-se em eternidades aqueles instantes. Seria essa a relatividade descoberta por Einstein? Nada porém parecia relativo; mostrava-se tudo absoluto, implacável, sem qualquer contemplação.

Uma definição, em particular, prendeu-me a atenção: Crise é a “manifestação violenta e repentina de ruptura de equilíbrio”. Teria o meu ilustre dicionarista enfrentado circunstância semelhante? De qualquer forma, foi exatamente isso o que o bondoso Deus permitiu viesse sobre mim. No frágil equilíbrio de minha existência houve uma violenta ruptura.

I. Minha Crise

Foi a pior tribulação que já me sobreveio. De um momento para o outro, vi o meu pequeno mundo

perder todo o seu equilíbrio. Os diques haviam se rompido. Parecia ele tão seguro, mas ei-lo agora ao desamparo. Ostentava-se terno e pastoril, agora contudo perdia toda a sua poesia. Acontecera tudo de maneira tão repentina e improvisada, que já não havia tempo nem espaço para os remansos de outrora.

Esta foi a minha provação: o meu bairro transformara-se, de um momento para o outro, numa praça de guerra. Quem mora no Rio de Janeiro, e já viveu experiência semelhante, pode avaliar melhor o que estou dizendo. Fosse um episódio isolado, recuperar-me-ia em alguns dias. Mas quis o sapientíssimo Deus que eu ficasse naquele crisol por quase três meses.

II. A Pedagogia da Crise

Foi esse o tempo que o Senhor usou para alterar toda a minha estrutura psicológica e espiritual. Através daquela crise, levar-me-ia Ele a experimentar a grandeza, a inefabilidade e a urgência do primeiro amor.

Deus sabe o que faz. Se em nossa vida, desencadeia alguma tormenta, tem esta um imensurável valor pedagógico.

A partir daquele instante, comecei a redescobrir a beleza de algumas coisas que eu havia, inconscientemente, racionalizado. Voltei à oração com mais disciplina e perseverança. Falar com Deus não era apenas uma possibilidade teológica; era uma urgência. Afinal, de que forma poderia eu buscar alívio àqueles traumas? Passei a jejuar com mais regularidade. O Senhor levou-me também a fazer o trabalho de um evangelista.

A partir daquele instante, a Palavra de Deus passou a ter um incrível fascínio sobre mim.

Enfim, através daquela crise, o Senhor Jesus, em sua infinita misericórdia, reconduziu-me ao primeiro amor. Isto é avivamento! À semelhança de Davi, podia agora dizer: “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos” (Sl 119.71). Poderá você expressar a mesma felicidade que Davi? Ou regozijar-se em Deus como Jó?

III. A Razão da Crise

Diz-nos Ezequiel ter sido Jó um dos três homens mais piedosos de toda a antigüidade (Ez 14.14). Segundo o mesmo Deus testemunha, possuía esse patriarca um caráter irrepreensível (Jó 1.8). Dentre os seus contemporâneos, ninguém havia tão perfeito. No capítulo 31 do livro que lhe leva o nome, deparamo-nos com um elenco de virtudes tão elevado e de tal forma sublimado, que não podemos evitar a interrogação: “Como poderia um simples mortal reunir semelhantes predicados?”

Acontece que Jó não era um simples mortal. Naquela estação da História Sagrada, era o mais perfeito servo de Deus. Por que, então, a tempestade estava prestes a abater-se sobre si com a expressa permissão do Todo-Poderoso?

Talvez esteja você fazendo a mesma pergunta. Por que, Senhor, esta crise, se nenhuma falta posso descobrir em minha vida? Que pecado cometi eu? Que falta? Ou que iniquidade? Deixemos a resposta ao paciente patriarca: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem” (Jó 42.5).

Nenhum pecado havia cometido Jó. Aprouve a Deus, no entanto, submetê-lo ao crisol dos crisóis a fim de que ele saís-

se uma prata mais refinada e um ouro mais purificado. Precisa o Ourives de alguma permissão especial para trabalhar nossa vida? Sem aquela provação, Jó nunca teria alcançado um conhecimento experimental de Deus tão perfeito. Se antes conhecia ao Senhor apenas por ouvir, agora, pode ele ver todas as suas obras.

A crise pela qual você agora passa parece não ter fim. Cada segundo é uma eternidade. Cada momento prolonga-se infinitamente. O que isto significa? Que você tem uma eternidade infinita para desfrutar de sua comunhão com Deus. Essa provação parece um deserto? Uma fonte tem o Senhor, para cada um de seus filhos, nos lugares mais áridos e desamparados. Sente-se abandonado? Completamente só? Não tenha medo; “da montanha o Mestre te vê”.

Louve a Cristo por essa crise. Sem ela, você jamais haveria de divisar o que Deus, a partir de agora, estará operando em sua vida.

Das crises, forja o Senhor Jesus os seus santos.

Oh! Maravilhosa graça!

Bibliografia

Andrade, Claudionor de – *Dicionário Teológico*. Rio de Janeiro, RJ. Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 1998.

Archer Jr., Gleason L. – *Merece Confiança o Antigo Testamento?* Edições Vida Nova. São Paulo, S.P., 1986.

Bancroft, D. D – *Teologia Elementar*. São Paulo, SP. Imprensa Batista Regular, 1989.

Bergant, Dianne – *Comentário Bíblico*. Edições Loyola. São Paulo, S.P. 2001.

Castro Ferreira, Wilson – *Calvino: Vida, Influência e Teologia*. Luz Para o Caminho, Campinas, SP. 1985

Champlin, Russel Norman – *Enciclopédia de Teologia, Filosofia, Religião e Bíblia*. São Paulo; Editora Candeia, 1992.

Champlin, Russel Norman – *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. Editora Candeia. São Paulo, S.P. 2000.

Crabtree, A. R. – *Teologia do Velho Testamento*. Juerp, Rio de Janeiro, R.J., 1986.

Culbertson, Paul T. — *Introdução à Teologia Cristã*. Casa Nazarena de Publicações, São Paulo, S.P. 1990

George, Timothy — *Teologia dos Reformadores*. Edições Vida Nova, São Paulo, S.P., 1994

Halley, Henry Hampton — *Manual Bíblico de Halley*. Editora Vida. São Paulo, SP, 2002.

Harris, R. Laird — *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, SP. Edições Vida Nova, 1998.

Horton, Stanley M. — *Teologia Sistemática, Uma Perspectiva Pentecostal*. Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Rio de Janeiro, R.J. 1996.

Lacy, G. H. — *Introduccion a la Teologia Sistemática*. Casa Bautista de Publicaciones. El Paso, EUA. 1986.

Meyer, F. B. — *Comentário Bíblico Devocional*. Venda Nova, M.G. 1993.

Moody, Comentário Bíblico — *diversos autores*. Imprensa Batista Regular. São Paulo, S.P. 1991.

Orr, Wiliam W — *66 Chaves para a Bíblia*. Editora Batista Regular. São Paulo, 2002.

Padovani, Humberto — *História da Filosofia*. Melhoramentos. São Paulo, S.P., 1993.

Philips, John — *Exploring the Scriptures*. Kregel, Grands Rapids, Missouri, 2001.

Fritz Rienecker — *Chave Lingüística do Novo Testamento*. Edições Vida Nova. São Paulo, SP, 1985.

Ryrie, Charles C. — *Teologia Básica*. Editorial Unilit. Miami, Flórida. 1993.

Stamps, Donald — *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Rio de Janeiro, RJ. 1996.

Steenberghen, Fernand van – *Deus Oculto*. Livraria Moraes Editora. Lisboa, Portugal, 1963.

Taylor, Richard S, Editor - *Beacon Dictionary of Teologia*. Kansas City, Missouri; Beacon Hill Press, 1973.

Vines, W. E., - *Vine Dictionary of Bible Words*. Thomas Nelson Publishers, Atlanta, 1997.

Weber, Max – *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Editora Martin Claret – São Paulo, S.P. 2001.

Wiersbe, Waren W. – *Chapter-by-Chapter, Bible Commentary*. Thomas Nelson Publishers. Atlanta, 1994.

SÉRIE
Comentário
Bíblico

JÓ

O Problema
do Sofrimento
do Justo e o seu
Propósito

CLAUDIONOR DE ANDRADE

Jó foi considerado por Deus um dos três homens mais piedosos de todos os tempos. Sincero, reto e temente a Deus, ele sobressaía entre todos os seus contemporâneos. Repentinamente, sobreveio-lhe a tragédia. Suas angústias estão retratadas no Livro de Jó, que enfoca o problema do sofrimento. A pergunta "Por que sofre o justo?" sempre deixou o homem em conflito, mas, pelas experiências de Jó, descobrimos que enquanto Satanás tenta destruir a fé dos crentes, Deus trabalha para aperfeiçoá-la.

Acompanhe, passo a passo, as angústias e os regozijos do homem que foi testado além da resistência humana, e deixe-se ser consolado por Deus quando estiver em aflição.

O Autor

Ministro do Evangelho, é autor de várias obras, como Dicionário Teológico, Dicionário de Escatologia Bíblica, Teologia da Educação Cristã, Geografia Bíblica, Merecem Confiança as Profecias?, Paulo em Atenas, Responda-me por Favor, entre outras.

